ATOS

VOLTAR_ ÍNDICE

HECHOS

WILLIAM BARCLAY
Título original en inglés:
The Acts of the Apostles
Traducción: Dafne Sabanes de Piou
© 1983 Asociación Ediciones La Aurora
Av. Federico Lacroze 2985
Buenos Aires, Argentina

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

… Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO

ÍNDICE

Prefácio
Introdução Geral
Introdução a Atos

Capítulo 1	**Capítulo 8**	**Capítulo 15**	**Capítulo 22**
Capítulo 2	**Capítulo 9**	**Capítulo 16**	**Capítulo 23**
Capítulo 3	**Capítulo 10**	**Capítulo 17**	**Capítulo 24**
Capítulo 4	**Capítulo 11**	**Capítulo 18**	**Capítulo 25**
Capítulo 5	**Capítulo 12**	**Capítulo 19**	**Capítulo 26**
Capítulo 6	**Capítulo 13**	**Capítulo 20**	**Capítulo 27**
Capítulo 7	**Capítulo 14**	**Capítulo 21**	**Capítulo 28**

PREFÁCIO

Este livro tem muitas menções que fazer. Em cada uma de suas páginas dá testemunho de sua dívida com a grande obra de cinco volumes *The Beginnings of Christianity*, esse surpreendente depósito de informação editado por Foakes Jackson e Kirsopp Lake. Uma e outra vez aproveitei chispadas de recepção e iluminação dos dois Comentários de Atos de F. F. Bruce, um deles sobre o texto grego, e o outro sobre o inglês. O injustamente esquecido Comentário de Atos de T. M. Lindsay que pertence aos velhos manuais da série para classes de educação cristã esteve constantemente a meu lado; foi publicado pela primeira vez em 1885, mas ainda não existe um Comentário melhor para o estudioso de Atos que não seja técnico. Também me ajudou muito o Comentário de Atos do *Interpreter's Bible*, realizado por meu chefe, o professor G. H. C. Macgregor.

Minha esperança e minha oração residem em que este pequeno livro, com todas suas falhas, possa ser utilizado por Deus para despertar

o juro em sua palavra e para guiar àqueles que o utilizam *a* sua melhor compreensão.

William Barclay

Trinity College, Glasgow,
Noviembre de 1955.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem

contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO AO LIVRO DE ATOS

Um livro valioso

Em um sentido é certo que o Livro de Atos é um dos mais importantes do Novo Testamento. É uma verdade muito simples que se não possuíssemos o Livro dos Atos não teríamos nenhuma informação a respeito da Igreja primitiva, além da que podemos colher ou deduzir nas Cartas de Paulo. Há duas formas de escrever a história. Existe a forma do analista, na qual se tenta seguir o curso dos atos semana após semana e dia após dia; e existe a forma em que um escritor, por assim dizer, abre uma série de janelas e nos dá vívidas visões dos grandes momentos e personalidades do período. O Livro de Atos segue o segundo modelo. Geralmente falamos de *Atos dos Apóstolos*. Mas o Livro não dá nem pretende dar um relato exaustivo das realizações dos apóstolos. Além de Paulo, só se menciona nele três apóstolos. Em Atos 12:2 nos diz em uma oração breve que Tiago, o irmão de João, foi executado por Herodes. João aparece no relato, mas nunca fala. O livro só nos dá uma informação real a respeito de Pedro, e em pouco tempo, como personagem principal, sai da cena. Mas em grego não existe o antes de Atos; o título correto é *Atos de homens apostólicos;* e o que Atos pretende fazer é nos dar uma série de façanhas e aventuras das grandes figuras heróicas da Igreja primitiva.

O autor do Livro

Embora o Livro não diga, desde os primeiros tempos se sustentou que Lucas é seu autor. Sabemos muito pouco a respeito de Lucas; só há três referências a ele no Novo Testamento (Colossenses 4:14; Filemom 24; 2 Timóteo 4:11). Estas referências nos permitem assegurar duas coisas sobre ele. Em primeiro lugar, Lucas era médico; segundo, era um dos colaboradores mais apreciados por Paulo e um de seus amigos mais fiéis, porque foi seu companheiro em sua última prisão. Podemos deduzir uma coisa: Lucas era um gentio. Colossenses 4:11 inclui uma lista de menções e saudações àqueles que estão circuncidados, quer dizer os judeus; e o versículo 12 começa com uma nova lista, e concluímos naturalmente que sou tráfico de gentios. portanto nos encontramos ante o interessante feito de que Lucas é o único autor gentil no Novo Testamento.

Poderíamos ter adivinhado que Lucas era um médico, porque instintivamente utiliza termos médicos. No Lucas 4:35, quando fala do homem que tinha o espírito de um demônio imundo, Lucas utiliza a frase: "derrubando-o em meio deles", e a palavra que utiliza é o termo médico correto para convulsões. No Lucas 9:38 descreve ao homem que pede a Jesus: "Rogo-te que veja meu filho". A palavra que utiliza é o termo convencional para a visita de um médico a um paciente. O exemplo mais interessante da preferência do Lucas por termos médicos é um dito sobre o camelo e o buraco da agulha. Três autores do Evangelho nos dão esse dito (Mateus 19: 24; Marcos 10:25; Lucas 18:25). Para a palavra agulha tanto Marcos como Mateus utilizam o termo grego *raphis* que se refere à agulha de um alfaiate ou caseira; somente Lucas utiliza o termo *belone* que é o nome técnico da agulha de um cirurgião. Lucas era médico, e os termos médicos fluíam naturalmente de sua pluma.

O destinatário do Livro

Lucas escreveu seu Evangelho e Atos para um homem chamado Teófilo. (Lucas 1:3; Atos 1:1). Só podemos adivinhar quem era Teófilo. Lucas 1:3 o chama "excelentíssimo Teófilo". A frase em realidade significa "sua excelência", e Teófilo deve ter sido um homem que ocupava um alto posto no serviço do governo romano.

Há três possibilidades com respeito a ele.

(1) Possivelmente Teófilo não seja seu nome real. Nesses dias era muito perigoso ser cristão. Teófilo provém de duas palavras gregas: *theos* que significa Deus, e *filein* que significa amor. É muito possível que Lucas escrevesse este Livro para alguém que amava a Deus, cujo nome real não utilizou, devido ao dano que tivesse podido lhe causar.

(2) Como já dissemos parece que Teófilo, se era uma pessoa real, deve ter sido um alto funcionário do governo. Talvez Lucas escreveu o livro para lhe mostrar que o cristianismo era algo belo e que os cristãos eram gente boa e admirável. Possivelmente Atos seja uma defesa do cristianismo escrita para persuadir a um funcionário do governo de que não perseguisse os cristãos.

(3) Há uma teoria mais romântica que qualquer das anteriores. Lucas era médico, e naqueles tempos os médicos às vezes eram escravos. Talvez Lucas fosse o médico de Teófilo. Possivelmente Teófilo esteve doente, próximo à morte, e pela perícia e devoção de Lucas recuperou a saúde. Possivelmente em sua gratidão o libertou. É possível então, que Lucas desejasse fazer algo para demonstrar quão agradecido estava por esse dom. A coisa mais preciosa que tinha era a história de Jesus, e possivelmente a escreveu e a enviou a Teófilo porque era o mais valioso que tinha para lhe dar em troca da liberdade que recebeu.

O propósito de Lucas ao escrever Atos

Quando alguém escreve um livro o faz por alguma razão, e talvez por mais de uma. Vejamos agora se podemos achar algumas das razões pelas quais Lucas escreveu Atos.

(1) Uma de suas razões era recomendar o cristianismo ao governo romano. Algumas vezes assinala quão corteses eram os magistrados romanos com Paulo. Em Atos 13:12 Sergio Paulo, o governador do Chipre, converte-se ao cristianismo. Em 18:12 Gaio é absolutamente imparcial em Corinto. Em 16:35 ss. os magistrados do Filipos ao descobrir seu engano pedem perdão a Paulo publicamente. Em 19:31 as autoridades da Ásia demonstram sua preocupação para que Paulo não sofresse nenhum dano. Lucas estava assinalando que nos anos antes de que escrevesse as autoridades romanas tinham tido sempre uma boa disposição e tinham sido justas e imparciais com o cristianismo. Mais ainda, Lucas se encarrega de demonstrar que os cristãos eram cidadãos bons e fiéis, e que sempre tinham sido considerados assim. Em Atos 18:14 Gálio declara que não existe nem ofensa nem crime que questionar. Em 19:37 o secretário de Éfeso dá um bom testemunho dos cristãos. Em 23:29 Cláudio Lísias cuida para não dizer nada contra Paulo. Em 25:25 Festo declara que Paulo não tem feito nada que mereça a morte, e no mesmo capítulo Festo e Agripa coincidem em que o poderia ter deixado em liberdade se não tivesse apelado ao César. Lucas escrevia nos dias em que os cristãos eram desprezados e perseguidos, e relatou sua história de forma que mostrasse que os magistrados romanos foram sempre muito justos com o cristianismo e que nunca tinham cuidadoso aos cristãos como malvados. Por certo, fez-se a interessante sugestão de que Atos não é outra coisa que o relatório preparado para a defesa de Paulo, utilizado no juízo diante do imperador romano.

(2) Um dos propósitos de Lucas foi demonstrar que o cristianismo era uma religião universal para todos os homens de todas as nações. Esta era uma das coisas que os judeus encontravam difícil de compreender.

Tinham a idéia de que eles eram os escolhidos de Deus e estavam seguros de que Deus não tinha nada que ver com nenhuma outra nação. Lucas se decide a provar que isto não é assim. Mostra Filipe pregando aos samaritanos; Estêvão fazendo do cristianismo algo universal e morrendo por isso; Pedro aceitando a Cornélio na Igreja; os cristãos pregando aos gentios de Antioquia; a Paulo viajando de um a outro lado ganhando todo tipo de pessoas para Cristo; e em Atos 15 mostra a Igreja tomando a grande decisão de aceitar os gentios em igualdade de condições com os judeus. Sem dúvida Lucas queria demonstrar que o cristianismo era uma religião que não conhecia limites.

(3) Mas estes eram fins meramente secundários. O grande propósito de Lucas está escrito nas palavras do Cristo Ressuscitado em 1:8: "Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra". O grande propósito de Lucas era mostrar a expansão do cristianismo, e como essa religião que começou em um pequeno lugar da Palestina em pouco mais de trinta anos chegou a Roma.

C. H. Turner assinalou que Atos se divide em seis seções e que cada uma delas termina com o que se poderia chamar um relatório dos progressos realizados.

As seis seções são as seguintes:

(a) 1:1—6:7: fala-nos da Igreja de Jerusalém e da pregação de Pedro; e finaliza com um resumo: "Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé."

(b) 6:8—9:31; descreve a divulgação do cristianismo através da Palestina e o martírio de Estêvão, que foi seguido pela pregação em Samaria. Finaliza com um resumo: "Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo."

(c) 9:32—12:24; inclui a conversão de Paulo, a extensão da Igreja ao Antioquia, e a aceitação de Cornélio, o gentio, na Igreja por meio de Pedro. Seu resumo é: “E a palavra de Deus crescia e se multiplicava.”

(d) 12:25—16:5; fala da propagação da Igreja na Ásia Menor e da viagem de pregação por Galácia. Finaliza: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número.”

(e) 16:6—19:20; relata a expansão da Igreja na Europa e a tarefa de Paulo nas grandes cidades gentis como Corinto e Éfeso. Seu resumo é: "Assim crescia e prevalecia poderosamente a palavra do Senhor."

(f) 19:21—28:31; fala-nos da chegada de Paulo a Roma e de sua prisão ali. Termina com uma descrição de Paulo “pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo”.

Este plano nos explica a circunstância que parece enigmática em Atos. Por que termina assim? Finaliza com Paulo na prisão esperando ser julgado. Gostaríamos muito de saber o que aconteceu a Paulo, mas o fim está envolto no mistério. Mas Lucas se deteve ali porque tinha obtido seu propósito. Tinha mostrado como o cristianismo começou em Jerusalém e se estendeu até Roma. Um grande erudito do Novo Testamento disse que o título de Atos poderia ser: "Como chegaram as Boas Novas de Jerusalém a Roma." O propósito de Lucas era mostrar aos homens algo da milagrosa divulgação do evangelho, e deixou sua pena quando já tinha mostrado ao cristianismo estabelecido na capital do mundo.

As fontes que Lucas utilizou

Lucas era um historiador, e as fontes que todo historiador utiliza para obter sua informação são muito importantes. Então, de onde obteve Lucas seus dados? Com respeito a isto Atos se divide em duas partes.

(1) Os primeiros quinze capítulos. Lucas não tinha um conhecimento pessoal dos atos ali descritos. Possivelmente teve acesso a duas fontes:

(a) Havia os registros das Igrejas locais. Pode ser que não estivessem escritos, mas as Igrejas tinham suas histórias. Nesta seção podemos distinguir três registros: o da *Igreja de Jerusalém* que encontramos nos capítulos 1 a 5 e 15 e 16, o da *Igreja de Cesaréia* que abrange 8:26-40 e 9:31—10:48, e o registro da *Igreja de Antioquia* que inclui 11:19-30 e 12:25—14:28.

(b) Além disso, sem dúvida que se acumulariam histórias e lendas em torno das grandes figuras da Igreja e certamente havia ciclos de histórias com os Atos de Pedro, de João, de Filipe, e de Estêvão. Sem dúvida nenhuma a amizade de Lucas com Paulo o poria em contato com todos os grandes homens de todas as Igrejas e todas suas lembranças e relatos estariam ao seu dispor.

(2) Os capítulos 16 a 28. Lucas conhecia pessoalmente muito desta seção. Quando lemos Atos cuidadosamente notamos algo estranho. Em algumas passagens Lucas escreve: "Eles fizeram isto", e de repente muda por "nós fizemos isto". As passagens em que figura "nós" são os seguintes: Atos 16:10-17; 20:5-16; 21:1-18; 27:1—28:16. Em todas estas ocasiões Lucas devia estar presente. Deve ter levado um diário de viagem e nestas passagens temos o relato de uma testemunha visual. No que respeita aos momentos em que não esteve presente, foram muitas as horas que esteve com Paulo na prisão e este pôde lhe haver relatado as histórias. Não pôde haver nenhuma pessoa importante que Lucas não conhecesse e em todos os casos devia ter obtido seu história de alguém que presenciou o fato.

Quando lemos Atos podemos ter certeza de que nenhum historiador teve melhores fontes e que nenhum as utilizou com tanta exatidão e honestidade.

Atos 1

Poder para seguir em frente - 1:1-5
O reino e suas testemunhas - 1:6-8
A glória da partida e a glória do retorno - 1:9-11

O destino de um traidor - 1:12-20
As qualidades de um apóstolo - 1:21-26

PODER PARA SEGUIR EM FRENTE

Atos 1:1-5

Em dois sentidos o Livro dos Atos é o segundo capítulo de uma história que continua. Em primeiro lugar, é literalmente o segundo volume que Lucas enviou a Teófilo. No primeiro, seu Evangelho, Lucas tinha relatado a vida de Jesus sobre a Terra, e agora continua contando a história da Igreja cristã. Mas, em segundo lugar, Atos é o segundo volume de uma história que não tem fim. O evangelho era só a história do que Jesus *começou* a fazer e ensinar. A vida terrestre de Jesus era só o começo de uma atividade que não conhece fim. Há distintos tipos de imortalidade. Existe a *imortalidade da fama.* Sem dúvida nenhuma Jesus ganhou esta imortalidade, dado que seu nome não será esquecido jamais. Há uma *imortalidade da influência.* Alguns homens deixam uma influência e um efeito no mundo que não pode morrer. Sem dúvida nenhuma Jesus ganhou a imortalidade de seu influencia devido a seu efeito sobre a vida dos homens e o mundo não pode morrer. Mas, acima de tudo, existe uma *imortalidade de presença e poder*. Jesus não só deixou um nome e uma influência imortais; ainda vive, está ativo e tem poder. Não é aquele que *foi*; é aquele que é e sua vida ainda continua.

Em certo sentido tudo o que o Livro dos Atos ensina é que essa vida de Jesus continua em sua *Igreja*.

O doutor John Foster nos relata a respeito de um hindu que se aproximou de um bispo índio. Sem ajuda alguma tinha lido o Novo Testamento, e a história o tinha fascinado e se achava sob o encanto de Jesus. "Então continuou lendo... e sentiu que entrou em um mundo novo. Nos Evangelhos estava Jesus, seu obra e seu sofrimento. Em Atos ... o que os discípulos tinham feito, pensado e ensinado ocupava o lugar de Cristo. A Igreja continuava no lugar em que Jesus a tinha deixado ao

morrer. ‘portanto’, disse-me o homem, ‘devo pertencer à *Igreja que continua a vida de Cristo’*.” O livro dos Atos nos fala da Igreja que continua a vida de Cristo.

Esta passagem nos relata como a Igreja recebeu poder para fazer isso. Foi devido à obra do Espírito Santo. Muitas vezes chamamos o Espírito Santo *o Consolador*. Esta palavra se remonta ao Wycliffe; mas nos dias do Wycliffe tinha um significado diferente. Provém do latim *fortis* que significa *valente;* e o Consolador é aquele que enche os homens de coragem e força. Em Atos, e sem dúvida em todo o Novo Testamento, é muito difícil traçar uma linha entre a obra do Espírito e a do Cristo ressuscitado; e em realidade não precisamos fazer tal coisa, porque a chegada do Espírito é o cumprimento da promessa de Jesus: “Eis que eu estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mateus 28:20, TB). Notemos outra coisa. Os apóstolos se reuniram para *aguardar* a chegada do Espírito. Ganharíamos mais poder, coragem e paz se aprendêssemos a aguardar. Nos assuntos da vida precisamos aprender a estar tranqüilos. “Mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças” (Isaías 40:31). Em meio da crescente atividade da vida deve haver lugar para uma sábia passividade. Em meio de toda a luta deve haver um momento para receber.

O REINO E SUAS TESTEMUNHAS

Atos 1:6-8

Através de todo seu ministério Jesus trabalhou sob uma grande desvantagem. O centro de sua mensagem era o Reino de Deus (Marcos 1:14). Mas o problema era que Ele queria dizer uma coisa por Reino e aqueles que o ouviam pensavam em outra. Os judeus estavam sempre vividamente conscientes de que eram o povo escolhido de Deus. Criam que isto significava que estavam destinados inevitavelmente a receber honras e privilégios especiais e a dominar todo mundo. Todo o curso de seu historia provava que humanamente falando isso nunca poderia

acontecer. Palestina era um país muito pequeno com não mais de duzentos quilômetros de comprimento por setenta de largura. Teve seus dias de independência mas tinha estado submetida sucessivamente a Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma.

De modo que os judeus começaram a esperar um dia em que Deus entraria diretamente na história humana e com seu poder poderia fazer o que eles nunca puderam fazer. Esperavam o dia em que, pela intervenção divina, alcançariam a soberania do mundo que sonhavam. Concebiam o Reino em termos políticos.

Como o concebia Jesus? Consideremos o Pai Nosso. Há dois pedidos juntos. “Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra, como no céu” (Mat. 6:10, TB). É uma característica do estilo hebreu, como pode ver-se em qualquer versículo dos Salmos, dizer as coisas em duas formas paralelas, a segunda das quais repete ou amplia a primeira. Isso é o que fazem estas duas petições. A segunda é uma definição da primeira; e, portanto, vemos que, por Reino, Jesus falava de uma sociedade sobre a Terra na qual se cumprisse perfeitamente a vontade de Deus como se faz no céu. Por essa mesma razão seria um Reino baseado no amor e não no poder.

Para alcançar tal coisa os homens precisavam do Espírito Santo. Lucas já tinha falado duas vezes de esperar a chegada do Espírito. Não devemos pensar que o Espírito começou a existir pela primeira vez neste momento. É muito possível que um poder exista sempre mas que os homens o experimentem ou dele se apoderem em um determinado momento. Por exemplo, os homens não inventaram o poder atômico. Existiu sempre; mas só em nossa era os homens o obtiveram e experimentaram. Portanto Deus é eternamente o Pai, Filho e Espírito Santo, mas chegou um momento especial para os homens em que experimentaram plenamente o poder que sempre esteve presente.

O poder do Espírito os converteria em testemunhas de Cristo. Essas testemunhas teriam que agir em uma série de círculos concêntricos em contínua expansão, primeiro em Jerusalém, depois através da Judéia;

depois em Samaria, um estado semi-judeu, que seria uma espécie de ponte que levaria a mundo pagão: e finalmente essas testemunhas deveriam ir aos limites da Terra.

Devemos notar certas coisas a respeito destas testemunhas cristãs. Em primeiro lugar, uma testemunha é um homem que diz saber que algo é certo. Em um tribunal um homem não pode dar evidências de algo que não conhece pessoalmente. Houve um momento em que John Bunyan não esteve muito seguro. O que lhe preocupava era que os judeus pensam que sua religião é a melhor, quão maometanos a sua o é. Que aconteceria se os cristãos só *pensassem* o mesmo? Uma testemunha não diz "Penso que...", mas "Eu sei".

Segundo, a testemunha real não é testemunha de palavras, mas sim de atos. Quando H. M. Stanley descobriu a Davi Livingstone na África Central, depois de ter vivido certo tempo com ele, disse: "Se tivesse estado com ele um pouco mais, teria sido obrigado a ser um cristão, e isso que jamais me falou a respeito disso." O simples peso do testemunho da vida de um homem era irresistível.

Terceiro, um dos atos mais sugestivos é que em grego a palavra que se usa para *testemunha* e para *mártir* é a mesma (*martys*). Uma testemunha devia estar disposta a converter-se em mártir. Ser testemunha significa ser fiel, qualquer que seja o custo.

A GLÓRIA DA PARTIDA E A GLÓRIA DO RETORNO

Atos 1:9-11

Esta breve passagem nos apresenta duas das concepções mais difíceis do Novo Testamento. Em primeiro lugar, relata-nos a história da Ascensão. Só Lucas nos relata este fato, e já aparece em seu Evangelho (Lucas 24:50-53. A Ascensão não é uma concepção da que tenhamos causas para duvidar e vacilar. Era absolutamente necessária por duas razões. Primeiro, era preciso que houvesse um momento final no qual Jesus voltasse para sua glória. Tinham passado os quarenta dias de

aparições do Ressuscitado. Evidentemente esse era um momento único e não podia continuar para sempre. Era igualmente claro que o fim desse período tinha que ser definitivo. Teria sido um engano que as aparições do Ressuscitado tivessem desaparecido lentamente, diminuindo pouco a pouco. Era necessário que assim como Jesus chegou ao mundo em um momento determinado o deixasse também em uma hora fixada.

Para a segunda razão devemos transportar nossa imaginação à época em que isto aconteceu. Atualmente é correto dizer que não pensamos no céu como um lugar localizado mais à frente do firmamento; pensamos nele como em um estado de bênção em que estaremos para sempre sem nos separar de Deus. Mas tudo isto aconteceu faz como dois mil anos, e nesses dias, até os mais sábios, ainda pensavam em uma Terra plana com um lugar chamado céu mais além firmamento. Portanto se deduz que se Jesus queria dar aos seus seguidores uma prova indisputável de que retornou à sua glória, a Ascensão era absolutamente necessária. Era a única prova possível de que Jesus tinha voltado para sua glória. Mas devemos notar algo. Quando Lucas nos relata isto em seu Evangelho adiciona algo. Diz: "Voltaram para Jerusalém com grande gozo" (Lucas 24:52). Apesar da Ascensão ou possivelmente, devido a ela, os discípulos estavam seguros de que Jesus não se afastou, mas sim estava com eles para sempre.

Mas em segundo lugar, esta passagem nos coloca frente à Segunda Vinda. Devemos recordar duas coisas a respeito dela. Primeiro, é tolo e inútil especular a respeito de quando e como acontecerá, porque Jesus mesmo disse que nem ainda Ele sabia o dia e a hora em que viria o Filho do Homem (Marcos 13:32). Há algo quase blasfemo em especular a respeito daquilo que era segredo até para o próprio Cristo. Em segundo lugar, o ensino essencial do cristianismo é que Deus tem um plano para o homem e o mundo. Temos que crer que a história não é um conglomerado casual de atos fortuitos que não vão a nenhuma parte. Temos que crer que o mundo vai a alguma parte, que existe algum feito divino longínquo rumo ao qual se move toda a criação. E devemos crer

que quando chegar tal consumação Jesus Cristo será sem dúvida Juiz e Senhor de todos. A Segunda Vinda não é um assunto sobre o qual se deve especular nem bisbilhotar ilegitimamente. É uma convocatória a lutar pela chegada desse dia e a nos preparar para quando chegar.

O DESTINO DE UM TRAIDOR

Atos 1:12-20

Antes de falar do destino do traidor Judas há alguns pontos que devemos destacar nesta passagem. Para o judeu o sábado era um dia de descanso total em que se proibia toda classe de trabalho. No sábado as viagens estavam limitadas a dois mil côvados, e essa distância se chamava viagem de um sábado. Um côvado mede uns quarenta e cinco centímetros; de modo que a viagem que podia fazer-se em sábado era de algo menos de um quilômetro.

É muito interessante notar que os irmãos de Jesus estão aqui com a companhia dos discípulos. Durante a vida de Jesus tinham estado entre seus oponentes (Marcos 3:21). Bem pode ter sido que a morte de Jesus, como aconteceu com muitos outros, lhes abrisse os olhos e tocasse seus corações como nem sua vida tinha podido fazer.

Diz-nos que o número dos discípulos era de uns cento e vinte. Este é um dos dados que mais assombram no Novo Testamento. Havia só cento e vinte homens consagrados a Cristo. É muito improvável que alguém deles em sua vida tenha saído dos estreitos limites da Palestina. Considerando as cifras na Palestina somente, nela havia cerca de quatro milhões de judeus. O que significa que menos de um em trinta mil era cristão. E esses cento e vinte homens simples foram enviados a evangelizar a todo mundo. Se alguma vez algo começou de um princípio muito pequeno, foi a Igreja cristã. Bem pode ser que fomos os únicos cristãos na loja, na fábrica, no escritório em que trabalhamos, no círculo em que nos movemos. Aqueles homens enfrentaram corajosamente sua

tarefa e nós devemos fazer o mesmo, e pode ser que nós também sejamos o pequeno começo do qual se difunda o Reino em nossa esfera.

Mas o que mais interessa desta passagem é o destino de Judas, o traidor. O significado grego desta passagem é incerto, mas o relato de Mateus (Mateus 27:3-5) não deixa dúvida de que Judas se suicidou. Sempre nos perguntaremos por que Judas traiu a Jesus. Deram-se várias sugestões.

(1) Sugeriu-se que *Iscariotes* significa *homem* do Kerioth. Se for assim, Judas era o único apóstolo que não era galileu. Pode ser que no começo ele se sentisse fora do grupo e chegou a estar tão amargurado que cometeu este feito tão terrível.

(2) Pode ser que Judas entregou a seu Mestre para salvar sua próprio pele e que depois se deu conta do horrível de sua ação.

(3) Pode ser que o fez simplesmente porque estava ansioso por dinheiro. Se foi assim, trata-se do pior negócio da história, porque vendeu a seu Senhor por trinta moedas de prata que é menos de dez dólares.

(4) Pode ser que chegou a odiar a Jesus. Podia esconder seu sujo coração de outros; mas os olhos de Jesus podiam despi-lo e penetrar como raios X aos lugares mais recônditos de seu ser. E bem pode ser que ao final se visse levado a destruir Àquele que o conhecia tal como era.

(5) Pode ser que *Iscariotes* seja a forma grega de uma palavra que significa aquele que porta uma adaga. Tratava-se de indivíduos que formavam uma banda de nacionalistas violentos que estavam dispostos a assassinar e matar em uma campanha por liberar a Palestina. Possivelmente Judas viu em Jesus com seu poder maravilhoso a pessoa que podia conduzir os nacionalistas ao triunfo; e então quando viu que Jesus rechaçava o caminho do poder se voltou contra Ele, e em sua amarga desilusão o traiu.

(6) Mas possivelmente o mais acertado seja que Judas nunca quis que Jesus morresse. Pode ser que o tenha traído para forçar a Jesus. Ou que tenha tratado de pô-lo em uma posição em que, se queria salvar a

vida, ele se veria obrigado a utilizar seu poder, e portanto forçosamente teria que agir contra os romanos. Se foi assim, Judas sofreu a experiência trágica de ver que seu plano saía desesperadamente mal; e em amargo remorso se suicidou.

Quaisquer que tenham sido os fatos, Judas entra na história como o nome mais negro de todos. Nunca pode haver paz para o homem que trai a Cristo, e que é falso para com seu Senhor.

AS QUALIDADES DE UM APÓSTOLO

Atos 1:21-26

Em primeiro lugar, devemos considerar brevemente o método para escolher quem ocuparia o lugar de Judas entre os apóstolos. Pode ser que nos seja estranho terem recorrido a um sorteio. Mas entre os judeus era algo muito natural, devido ao fato de que todos os cargos e tarefas no templo se distribuíam por sorteio. A forma corrente de fazê-lo era escrevendo os nomes dos candidatos sobre pedras; as pedras ficavam em uma vasilha e eram sacudidas até que alguém caísse; e aquele cujo nome estava na primeira pedra que caía era eleito para ocupar o cargo.

Mas o importante nesta passagem é que nos dá duas verdades de suma importância.

Em primeiro lugar, fala-nos da *função de um apóstolo.* A função de um apóstolo era a de ser testemunha da ressurreição. O que realmente distingue um cristão não é que sabe algo a respeito de Jesus, mas sim o conhece. O engano básico no cristianismo é considerar Jesus como alguém que viveu e morreu, e cuja vida estudamos e cuja história lemos. Jesus não é uma figura livresca. É uma presença viva, e o cristão é alguém cuja vida toda dá testemunho do fato de que conhece o Senhor ressuscitado e se encontrou com Ele.

Em segundo lugar, fala-nos das *qualidades de um apóstolo.* Uma delas era que devia ter acompanhado a Jesus. O verdadeiro cristão é aquele que vive dia a dia com Jesus.

Diz-se de John Brown, de Haddington, o grande pregador, que muitas vezes quando falava, fazia uma pausa, como se estivesse ouvindo uma voz.

Jerome K. Jerome nos conta a respeito de um velho sapateiro que, em um dia muito frio, deixou a porta de sua loja aberta, e quando foi perguntado por que o fazia, respondeu: "Para que Ele possa entrar se passar por aqui."

Muitas vezes falamos do que aconteceria se Jesus estivesse aqui, e de que viveríamos de outra maneira se Ele estivesse em nossos lares e trabalhos.

Lady Acland nos relata como uma vez sua pequena filha teve um arranque temperamental. Depois da manha de criança se sentaram juntas na escada tentando arrumar as coisas e a menina disse: "Eu gostaria que Jesus viesse e ficasse em nossa casa todo o tempo."

Mas o fato é que Jesus está aqui; e o cristão, o apóstolo sincero, é o homem que ainda vive toda a sua vida com Cristo.

Atos 2

Introdução a Atos 2
O alento de Deus - 2:1-13
O dia do Senhor chegou - 2:14-21
Senhor e Cristo - 2:22-36
Salvai-os! - 2:37-41
As características da igreja - 2:42-47

INTRODUÇÃO A ATOS 2

O dia de Pentecostes

Nunca saberemos o que aconteceu precisamente no dia de Pentecostes, mas sabemos que foi um dos grandes dias da Igreja cristã, devido a que nele o Espírito Santo veio à Igreja de forma muito especial.

O livro de Atos foi chamado o Evangelho do Espírito Santo; se alguma vez uma doutrina precisou ser redescoberta é a do Espírito Santo; de modo que antes de fazer as considerações detalhadas do segundo capítulo de Atos demos um olhada geral ao que este Livro tem para nos dizer e nos ensinar sobre o Espírito Santo.

A vinda do Espírito

É possivelmente muito infeliz falarmos tantas vezes do que aconteceu no Pentecostes como a vinda do Espírito Santo. O perigo reside em que pensemos que o Espírito começou a existir nesse momento. Não é assim; Deus é eternamente Pai, Filho e Espírito Santo. Em realidade Atos esclarece isto muito bem. O Espírito Santo falava em Davi (Atos 1:16); falou através de Isaías (Atos 28:25); Estêvão em seu discurso acusa os judeus de terem-se oposto ao Espírito através de toda sua historia (Atos 7:51). Nesse sentido o Espírito é Deus revelando sua verdade e sua vontade aos homens em toda era e em toda geração. Mas, ao mesmo tempo, algo especial aconteceu no dia de Pentecostes.

A obra do Espírito em Atos

Desde esse momento o Espírito Santo se converteu em uma realidade dominante na vida da Igreja primitiva. Em um aspecto, *o Espírito Santo era a fonte de toda orientação*. É o Espírito Aquele que move Filipe a entrar em contato com o eunuco etíope (Atos 8:29); Aquele que prepara Pedro para a chegada dos emissários de Cornélio (Atos 10:19); Aquele que ordena a Pedro a ir sem vacilar com esses emissários (Atos I 1:12); Aquele que permite que Ágabo profetize a seca (Atos 11:28); Aquele que ordena que se aparte a Paulo e Barnabé para a transcendente tarefa de levar o evangelho aos gentios (Atos 13:2,4); Aquele que guia as decisões do Concílio de Jerusalém (Atos 15:28); Aquele que guia a Paulo, da Ásia, Mísia e Bitínia a Troas e portanto a

Europa (Atos 16:6); Aquele que diz a Paulo o que lhe espera em Jerusalém (Atos 20 23) A Igreja primitiva não tomava nenhuma grande decisão, nem se envolvia em nenhuma tarefa de importância, sem a guia do Espírito. A Igreja primitiva era uma comunidade guiada pelo Espírito.

Por outro lado, todos *os dirigentes da Igreja eram homens do Espírito*. Os Sete eram homens do Espírito (Atos 6:3); Estêvão e Barnabé estavam cheios do Espírito (Atos 7:55; 11:24). Paulo diz aos anciãos em Éfeso que foi o Espírito quem os fez bispos sobre a Igreja de Deus (Atos 20:28). Todos os membros da Igreja primitiva viviam no Espírito como viviam no ar que respiravam.

Além disso, *o Espírito era a fonte da coragem e poder cotidianos*. Os discípulos receberiam poder quando viesse o Espírito (Atos 1:8); a coragem e a eloqüência de Pedro perante o Sinédrio são o resultado da atividade do Espírito (Atos 4:31); em Chipre, a conquista de Elimas por parte de Paulo é obra do Espírito (Atos 13:9). A coragem cristã para enfrentar as situações perigosas; o poder cristão para enfrentar a vida mais que adequadamente: a eloqüência cristã quando se necessitava: a alegria cristã que era independente das circunstâncias: tudo isto se atribui à obra do Espírito.

Finalmente, em Atos 5:32 há uma frase muito sugestiva. O versículo fala do Espírito “que Deus outorgou aos que lhe obedecem”. Isto encerra a grande verdade de que *a quantidade de Espírito que um homem pode possuir está condicionada pela classe de homem que é*. Significa que o homem que sinceramente está buscando fazer a vontade de Deus experimentará mais e mais a maravilha do Espírito. Significa que viver uma vida cristã traz consigo seu próprio poder.

Nos primeiros treze capítulos de Atos há mais de quarenta referências ao Espírito Santo. A Igreja primitiva estava cheia dEle e precisamente ali descansava seu poder.

Estudemos agora o segundo capítulo de Atos, que nos fala da vinda do Espírito.

O ALENTO DE DEUS

Atos 2:1-13

Havia três grandes festivais judeus aos quais todo varão judeu que vivesse dentro de um raio de trinta quilômetros de Jerusalém estava obrigado legalmente a assistir — a Páscoa, o Pentecostes e a festa dos Tabernáculos. O nome de Pentecostes significa: "A qüinquagésima" e outro nome era "A festa das Semanas". Chamava-se assim porque caía cinqüenta dias, uma semana de semanas, depois da Páscoa. A Páscoa era em meados de abril; portanto o Pentecostes caía a princípios de junho. Nessa época as condições para viajar eram as melhores. À festa do Pentecostes acudia possivelmente tanta ou mais gente que à da Páscoa. Isto explica a quantidade de países mencionados neste capítulo, porque nunca havia em Jerusalém uma multidão mais internacional que nesse momento.

A própria festa tinha dois significados principais. (1) Tinha um significado *histórico*. Recordava a entrega da Lei a Moisés no monte Sinai. (2) E tinha um significado *agrícola*. Na Páscoa se oferecia a Deus o primeiro *ômer* de cevada; no Pentecostes se ofereciam dois pães em gratidão pelo fim da colheita. Tinha outra característica única. A Lei estabelecia que nesse dia não se devia fazer nenhum trabalho servil (Levítico 23:21; Números 28:26). De modo que era feriado para todos, e as multidões nas ruas eram maiores que nunca.

Não sabemos realmente o que aconteceu no Pentecostes. O certo é que os discípulos tiveram a experiência de que o poder do Espírito inundava suas vidas como nunca antes. Devemos recordar que Lucas não foi testemunha ocular desta parte de Atos e que estava transmitindo uma história que tinha ouvido. Relata os atos como se os discípulos de repente tivessem adquirido o dom de falar em idiomas *estrangeiros*.

Isto não é provável por duas razões.

(1) Havia na Igreja primitiva um fenômeno que nunca desapareceu totalmente. Chamava-se *falar em línguas* (ver Atos 10:46; 19:6). A

passagem principal que o descreve é 1 Coríntios 14. O que acontecia era que alguém, em êxtase, começava a pronunciar uma série de sons ininteligíveis de nenhuma linguagem conhecida. Supunha-se que isso estava diretamente inspirado pelo Espírito de Deus. Embora nos pareça estranho, era um dom altamente cobiçado. Paulo não o aprovava totalmente, porque lhe parecia preferível que se desse a mensagem em um idioma que pudesse ser compreendido. Em realidade disse que se um estranho chegava a entrar podia pensar que estava diante de uma congregação de insanos (1 Coríntios 14:23). Isto se ajusta precisamente a Atos 2:13. Os homens que falavam em línguas lhes pareciam bêbados àqueles que não conheciam o fenômeno. Sobre estas pautas é muito mais provável que esta passagem se refira a esse estranho, embora cobiçado, dom de poder falar em línguas.

(2) Era desnecessário falar em idiomas estrangeiros. A passagem diz que a multidão estava formada por judeus (versículo 5) e prosélitos. Estes eram gentios que se cansaram dos numerosos deuses pagãos, da imoralidade e lassidão e tinham ido às sinagogas para aprender sobre o único Deus e o caminho limpo da vida, e que tinham aceito a religião judia e o estilo de vida dessa nação. Para uma multidão como essa se necessitavam quando muito dois idiomas. Quase todos os judeus falavam aramaico; e embora fossem judeus dos dispersos em países estrangeiros, falavam o idioma que quase todo mundo utilizava nesse momento — o grego, que chegou a ser um idioma universal que todos falavam além do próprio. Em realidade o aramaico e o grego, que os discípulos devem ter falado, eram suficientes. Parece que provavelmente Lucas, um gentio, confundiu o falar em línguas com o falar em idiomas *estrangeiros*. O que aconteceu foi que pela primeira vez em sua vida essa multidão tão variada estava ouvindo a palavra de Deus em uma forma que penetrava diretamente em seus corações e que podiam compreender; o poder do Espírito era tal que tinha dado a esses discípulos simples uma mensagem e uma expressão que chegavam a todos os corações.

A primeira pregação cristã

Atos 2:14-42 é um das passagens mais interessantes de todo o Novo Testamento, porque é um relato do primeiro sermão cristão que se pregou.

Na Igreja primitiva havia quatro formas de pregar.

(1) Havia a chamada *kerigma*, que significa literalmente o *anúncio de um arauto*. Consiste em explicar sinceramente os principais pontos da mensagem cristã, sobre os quais, tal como o viam os primeiros pregadores, não pode haver nenhum questionamento nem rechaço.

(2) Havia a chamada *didaquê*. *Didaquê* significa literalmente *ensinar* e esclarecia e buscava o sentido, o significado e as implicações dos atos que se proclamaram. Dizendo-o em termos de nossos dias — suponhamos que um pregador deu a conhecer atos indisputáveis, e que alguém perguntasse: "E qual a relação com isso?" — a *didaquê* é a resposta a essa pergunta.

(3) Havia a chamada *paraklesis* que significa literalmente *exortação*. Este tipo de pregação admoestava os homens ao dever e à obrigação de mudar sua vida para estar de acordo com o *kerigma* e a *didaquê* que lhes foi dado.

(4) Havia a *homilia* que significa falar de qualquer tema ou noção da vida à luz da mensagem cristã. Uma pregação completa tem algo dos quatro elementos. Há nela uma proclamação cheia dos atos do evangelho cristão; a explicação do significado e importância destes atos; a exortação para que nossas vidas respondam a eles; e a consideração de todas as atividades da vida à luz da mensagem cristã.

Em Atos encontraremos principalmente *kerigma*, devido a fala da proclamação dos atos do evangelho àqueles que nunca tinham ouvido a respeito dele antes. Este *kerigma* segue um modelo que se repete várias vezes através de todo o Novo Testamento.

(1) Prova-se que Jesus, e tudo o que lhe aconteceu, é o cumprimento da profecia do Antigo Testamento. Em tempos modernos

damos cada vez menos ênfase ao cumprimento da profecia. Chegamos a ver que os profetas não vaticinavam tanto os atos por vir como anunciavam a verdade de Deus para os homens. Mas esta ênfase da pregação primitiva na profecia conserva e estabelece uma grande verdade. Estabelece que a história não leva um caminho sem rumo; que não se trata de um labirinto sem começo nem fim, mas sim no universo operam um significado, um sentido e uma lei moral. Crer na possibilidade da profecia é crer que Deus controla tudo e que está levando a cabo seus propósitos.

(2) O Messias veio em Jesus, as profecias messiânicas se cumpriram e nasceu uma Nova Era. A Igreja primitiva tinha o sentido tremendo de que Jesus era a pedra angular de toda a história; que com sua vinda a eternidade invadiu o tempo e que Deus entrou no campo de ação humano; e que, portanto, a vida e o mundo nunca poderiam ser os mesmos. Com a vinda de Jesus tinha nascido algo crucial, irrepetível, que o afetava tudo.

(3) A pregação primitiva passava então a estabelecer que Jesus nasceu da linhagem de Davi, que ensinou e realizou milagres, que foi crucificado, que tinha ressuscitado dos mortos e que estava agora à mão direita de Deus. A Igreja primitiva estava segura de que toda a religião cristã tinha uma base histórica, que estava baseada na vida terrestre de Cristo, e que era preciso contar a história dessa vida. Mas também estava segura de que essa vida e essa morte terrestres não eram o fim, mas que depois disso vinha a ressurreição. A base eram os atos históricos, mas estes não eram tudo. Jesus não era para eles alguém de quem tinham lido ou cuja história tinham ouvido: era Alguém que eles conheceram e experimentaram. Não era uma figura de um livro, alguém que viveu e morreu: era uma profecia viva, viva para sempre.

(4) Os pregadores primitivos insistiam além disso, em que Jesus retornaria em glória para estabelecer seu Reino sobre a Terra. Em outras palavras, a Igreja primitiva cria intensa e apaixonadamente na Segunda Vinda. Esta também é uma doutrina que em certo modo desapareceu da

pregação moderna. Mas basicamente conserva uma grande verdade, a verdade de que a história se dirige para um fim; que um dia, em algum momento, haverá uma consumação, e que portanto o homem está no caminho ou sobre ele.

(5) A pregação terminava com a afirmação de que só em Jesus há salvação, que aquele que crê nEle receberá o Espírito Santo, e que aquele que não quer crer está destinado a coisas terríveis. Quer dizer, finalizava com uma *promessa* e uma *advertência*. É exatamente como aquela voz que Bunyan ouviu lhe sussurrando ao ouvido: "Você deixará seus pecados e irá ao céu ou você os conservará e irá ao inferno?

Se agora lermos o sermão de Pedro como um tudo, veremos como estão tecidas nele estes cinco fios.

O DIA DO SENHOR CHEGOU

Atos 2:14-21

No versículo 15 Pedro insiste em que esses homens não podem estar embriagados porque é a *terceira hora do dia.* O dia judeu se considerava depois das seis da manhã até as seis da tarde, e, portanto, a terceira hora são as nove da manhã.

Toda a passagem nos apresenta uma das concepções básicas e dominantes tanto do Antigo como do Novo Testamento — a concepção do *Dia do Senhor.* Tanto em um como em outro há muito que não pode compreender-se totalmente mas podemos conhecer os princípios básicos que jazem sob essa concepção.

Os judeus nunca perderam a convicção de que eram o povo escolhido por Deus. Interpretavam essa posição no sentido de que estavam escolhidos para receber honras e privilégios especiais entre as nações. Foram sempre uma nação pequena. A história foi para eles um longo desastre. Viam com clareza que por meios humanos nunca alcançariam a posição que mereciam como povo escolhido. De modo que, pouco a pouco, chegaram à conclusão de que o que o homem não

podia fazer Deus devia fazê-lo. Começaram, pois, a esperar o dia em que Deus interviria diretamente na história e os exaltaria à honra que sonhavam. O dia dessa intervenção era *o Dia do Senhor.* Dividiam todo o tempo em duas eras: a *era presente,* completamente má e destinada à destruição; e a *era vindoura* que seria a idade áurea de Deus. Entre ambas estava o *Dia do Senhor* que seria o nascimento terrível da nova era. Chegaria de repente como um ladrão na noite; seria um dia em que o mundo tremeria até em seus pedestais de uma coluna, e o próprio universo se destroçaria, desintegrando-se; seria um dia de juízo e terror. Através de todos os livros proféticos do Antigo Testamento, e em muitos do Novo há descrições desse Dia. As passagens típicas são: Isaías 2:12; 13:6ss.; Amós 5:18, Sofonias 1:7; Joel 2; 1 Tessalonicenses 5:2ss; 2 Pedro 3:10. Aqui Pedro lhes está dizendo a estes judeus: "Por muitas gerações sonhastes com o Dia do Senhor, o dia em que Deus irromperia na história. Agora, em Jesus, esse dia chegou".

Por trás de todo o gasto imaginário havia uma grande verdade em Jesus, Deus em pessoa chegou à cena da história humana.

SENHOR E CRISTO

Atos 2:22-36

Esta é uma passagem cheia da essência do pensamento dos pregadores primitivos.

(1) Insiste em que a cruz não foi um acidente. Pertencia aos planos eternos de Deus (versículo 23). Várias vezes Atos afirma que a cruz estava nos planos eternos de Deus (ver: 3:18; 4:28; 13:29). O pensamento de Atos nos previne de dois sérios enganos com respeito à morte de Jesus. (a) A cruz não é uma medida de emergência tomada por Deus quando todo o resto tinha fracassado. É parte da própria vida de Deus. (b) Não devemos pensar que algo do que Jesus fez mudou a atitude de Deus para com os homens. Nunca devemos opor um Jesus gentio e amante a um Deus irado e vingativo. Jesus foi enviado *por*

Deus. Ele foi quem planejou sua vinda a este mundo. Podemos dizê-lo assim: a cruz foi uma janela no tempo que nos permite ver o amor sofredor que existe eternamente no coração de Deus

(2) Atos insiste em que, embora isto é assim, de modo nenhum atenua o crime dos que crucificaram a Jesus. Toda menção da crucificação em Atos leva consigo instintivamente um sentimento de horror em face do crime que os homens cometeram (Atos 2:23; 3:13; 4:10; 5:30). Além de qualquer outra coisa a crucificação é o maior crime de toda a história. Demonstra de modo supremo o que pode fazer o pecado, que pode tomar a vida mais encantada que o mundo jamais viu e tentar destroçá-la em uma cruz.

(3) Atos propõe-se a provar que os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo foram o cumprimento de uma profecia. Os pregadores primitivos tinham que fazer isso. Para o judeu a idéia do Messias crucificado era incrível. A Lei dizia: “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Deuteronômio 21:23). Para o judeu ortodoxo a cruz era o único fato que fazia totalmente impossível que Jesus pudesse ser o Messias. Os pregadores primitivos respondiam: "Se vocês tão-só lessem as Escrituras corretamente veriam que tudo estava escrito".

(4) Atos dá ênfase à Ressurreição como a prova final de que Jesus era fora de dúvida o Escolhido de Deus. Atos foi chamado o evangelho da Ressurreição. Para a Igreja primitiva isto era o mais importante. Devemos recordar o seguinte: *sem a Ressurreição não existiria a Igreja cristã*. Quando os discípulos pregavam sobre a importância da Ressurreição falavam de sua própria experiência. Depois da cruz estavam aniquilados, destroçados, com seus sonhos quebrados e suas vidas quebrantadas. A Ressurreição mudou tudo isto e converteu homens sem esperança em pessoas plenas de confiança, covardes em heróis.

Uma das tragédias da Igreja é que muitas vezes se deixa a pregação da Ressurreição para a Páscoa. Cada domingo é o dia do Senhor; cada dia do Senhor deve ser guardado como o dia da Ressurreição. Na Igreja oriental, no dia de Páscoa, se duas pessoas se encontram, alguém diz: "O

senhor ressuscitou"; e a outra responde: "ressuscitou verdadeiramente!" Um cristão é um homem que nunca esquece que vive e anda com um Senhor ressuscitado.

SALVAI-OS!

Atos 2:37-41

(1) Em primeiro lugar, esta passagem nos mostra com clareza cristalina o resultado da cruz. Quando mostrou aos homens o que tinham feito ao crucificar a Jesus, seus corações se quebrantaram. Disse Jesus: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32). Se o pecado do homem foi o responsável pela crucificação de Jesus, *nosso* pecado foi responsável. Todo homem teve parte nesse crime.

Conta-se que uma vez um missionário contou a história de Jesus em uma vila indígena. Depois mostrou a vida de Cristo com slides projetados numa parede branqueada. De repente quando o slide da cruz apareceu sobre a parede um homem da audiência se levantou e correu para a frente. "Desce dessa cruz, Filho de Deus", gritou, "eu, e não você, teria que estar pendurando ali".

A cruz, quando compreendemos o que aconteceu ali, não pode menos que atravessar o coração.

(2) Essa experiência demanda uma reação por parte dos homens. Pedro disse: "Acima de tudo, arrependei-vos" (Barcelona). O que significa arrepender-se? A palavra significava originalmente *repensar*, pensar novamente. Muitas vezes o voltar a pensar mostra que o primeiro pensamento estava equivocado; de modo que a palavra começou a significar *mudar de idéia*; mas, se um homem for honesto mudar de idéia significa *mudar de ação.* O arrependimento deve envolver tanto uma mudança de idéia como uma mudança na ação. Alguém pode mudar de idéia e ver que suas ações estavam equivocadas, mas pode estar tão apaixonado por sua velha maneira de agir que não a mude. Alguém pode

mudar seu forma de agir, mas suas idéias podem continuar sendo as mesmas. Pode mudar só por temor ou por motivos prudentes; mas seu coração ainda ama suas velhas formas de agir e, chegado o momento, recairá nelas. O verdadeiro arrependimento envolve uma mudança de mentalidade e uma mudança na ação.

(3) Quando nos arrependemos algo *acontece com o passado.* Vem *a remissão dos pecados*. O perdão de Deus para o que fica atrás. Deixemos bem claro que as *conseqüências* do pecado não se apagam. Nem sequer Deus pode fazê-lo. Quando pecamos podemos fazer algo contra nós mesmos ou contra outros, que não pode ser desfeito. Consideremos desta maneira. Quando fomos jovens e fazíamos algo mau criava-se uma barreira invisível entre nós e nossos pais. Mas quando nos desculpávamos e sentíamos outra vez os braços de nossa mãe ao redor d nós se restaurava a velha relação e tudo ficava bem. O perdão não suprime as conseqüências do que fizemos, mas restabelece nossa relação com Deus. A suspeita e o medo desaparecem e estamos em paz com Ele.

(4) Quando nos arrependemos algo *acontece com o futuro*. Recebemos o *dom do Espírito Santo.* Embora nos arrependemos, como faremos para não cair nos mesmos enganos novamente? Entra em nossa vida um poder que não é nosso, o poder do Espírito Santo, e com ele podemos vencer nas batalhas que jamais sonhamos ganhar, e resistir aquilo que por nós mesmos não poderíamos resistir.

No momento do verdadeiro arrependimento somos libertos da alienação e do medo do passado, e equipados para enfrentar as batalhas do futuro.

AS CARACTERÍSTICAS DA IGREJA

Atos 2:42-47

Nesta passagem temos uma espécie de brilhante resumo das características da Igreja primitiva.

(1) Era uma *Igreja que aprendia*. A palavra *doutrina* no verso 42 não é passiva; é ativa. A frase significa que persistiam em ouvir os apóstolos enquanto ensinavam. Um dos grandes perigos da Igreja é uma religião estática que olhe para trás em vez de para frente. Justamente devido a que as riquezas de Cristo são inescrutáveis e intermináveis deveríamos partir sempre para frente. O cristão deve caminhar, não rumo ao entardecer mas rumo ao amanhecer. Deveríamos considerar um dia perdido aquele em que não aprendemos nada novo e quando não penetramos mais profundamente na sabedoria e na graça de Deus.

(2) Era uma *Igreja em comunhão*. Tinha o que alguém chamou a grande qualidade de estar *juntos*. Nelson explicava uma de suas grandes vitórias dizendo: "Tive a alegria de comandar um grupo de irmãos". A Igreja só é uma verdadeira Igreja quando é um grupo de irmãos.

(3) Era uma *Igreja que orava*. Aqueles primeiros cristãos sabiam que não podiam enfrentar a vida com suas próprias forças e que não tinham necessidade de fazê-lo. Sempre falavam com Deus antes de fazê-lo com os homens; sempre iam a Deus antes de sair ao mundo; podiam enfrentar os problemas da vida porque primeiro encontravam a Deus.

(4) Era uma *Igreja reverente*. No versículo 43 a palavra corretamente traduzida *temor* encerra a idéia de temor reverencial. Diz-se de um grande grego que se movia no mundo como se o fizesse em um templo. O cristão vive com reverência porque sabe que toda a Terra é o templo do Deus vivente.

(5) Era uma *Igreja na qual aconteciam coisas*. Ocorriam maravilhas e sinais (versículo 43). Se esperamos grandes coisas de Deus e busquemos fazer grandes coisas para Ele, algo acontecerá. Quando a fé morre, morre a capacidade de obter. Mais coisas aconteceriam se crêssemos que juntos – Deus e nós – podemos fazer acontecer.

(6) Era uma *Igreja que compartilhava* (versículos 44-45). Aqueles primeiros cristãos tinham um intenso sentimento de responsabilidade um pelo outro. Diz-se que William Morris nunca via um homem ébrio sem sentir uma responsabilidade pessoal por ele. Um verdadeiro cristão não deveria suportar o ter tanto quando outros têm tão pouco.

(7) Era uma *Igreja que adorava* (versículo 46). Nunca esqueciam de visitar a casa de Deus. Devemos lembrar que "Deus não conhece a religião solitária". A metade da emoção de um concerto ou de uma grande competição de atletismo é o ser um entre um grande número de pessoas. Quando nos reunimos podem acontecer coisas. O Espírito de Deus se move sobre os que juntos O adoram.

(8) Era uma *Igreja alegre* (versículo 46). A felicidade estava ali. Um cristão melancólico é uma contradição. A alegria de um cristão não é necessariamente algo de que deva gabar-se; mas na profundidade de seu coração há uma alegria que ninguém pode tirar.

(9) Era uma *Igreja de gente que não podia deixar de ser querida por outros*. Há duas palavras gregas para *bom*. Uma é *agathos* que descreve simplesmente um objeto como bom. A outra é *kalos* que significa algo que não somente é bom, mas sim tem aspecto de bom; há um atrativo nisso. O verdadeiro cristianismo é algo bonito. Há muita gente boa, mas há neles um traço de dureza. Nunca poderíamos ir e chorar em seu regaço. São o que alguém denominou cristãos de gelo.

Struthers estava acostumado a dizer que o que ajudaria à Igreja mais que qualquer outra coisa seria que uma que outra vez os cristãos fizessem *algo agradável*. A Igreja primitiva estava formada por gente atrativa.

Atos 3

Ocorre um fato notável - 3:1-10
O crime da cruz - 3:11-16
As características da pregação - 3:17-26

OCORRE UM FATO NOTÁVEL

Atos 3:1-10

O dia judeu começava às seis da manhã e terminava às seis da tarde. Portanto, a terceira hora era às nove da manhã; a sexta ao meio-dia; a nona às três da tarde. Para os judeus devotos havia três horas de oração: às nove da manhã, ao meio-dia e às três da tarde. Coincidiam em que a

oração era eficaz a qualquer hora que se oferecesse; mas sempre sentiam que era duplamente apreciada quando fosse feita nos átrios do templo. É muito interessante notar que os apóstolos ainda mantinham os hábitos e costumes nos quais se formaram. Na hora de oração Pedro e João foram ao templo para cumpri-la. Tinham uma nova fé, mas não a usavam como desculpas para quebrantar a Lei. Sabiam bem que a nova fé e a velha disciplina podiam e ainda deviam andar juntas.

No Oriente era costume os mendigos se sentarem à entrada dos templos ou santuários. Tal lugar era considerado, e ainda o é, como o melhor de todos porque, quando as pessoas estão a caminho para adorar a seu Deus, estão dispostos a ser generosos com seu próximo.

W. H. Davies o poeta vagabundo, relata-nos que um de seus errantes amigos lhe contou que nem bem chegava a uma cidade nova, buscava a torre de uma igreja com a cruz na ponta e começava a mendigar nessa área, porque ali, por experiência, encontrava as pessoas mais generosas. O amor ao homem e o amor a Deus devem ir sempre de mãos dadas.

Este incidente nos traz a questão dos milagres na época dos apóstolos. Há certas coisas definidas que dizer a respeito deles.

(1) Esses milagres *aconteceram*. Mais adiante, em 4:16 lemos a respeito de como o Sinédrio sabia que tinha que aceitar este milagre porque não o podiam negar. Os inimigos do cristianismo teriam sido os primeiros a negar os milagres se pudessem; mas nunca o tentaram.

(2) Por que então deixaram de suceder? Fizeram-se algumas sugestões.

(a) Houve um momento em que os milagres eram necessários. Eram, como alguém disse, os sinos que chamavam as pessoas à Igreja cristã. Nesse tempo eram necessários como uma garantia da verdade e do poder da mensagem cristã em seu ataque inicial no mundo.

(b) Nesse momento se uniam duas circunstâncias especiais. Primeiro, eram homens apostólicos que viviam e que tiveram uma irrepetível intimidade pessoal com Jesus Cristo. Em segundo lugar, havia

uma atmosfera de espera em que as mentes dos homens estavam dispostas a aceitar algo, e a fé surgia em sua plenitude. Estas duas coisas combinadas produziam efeitos únicos.

(3) Mas a pergunta real não é "por que deixou de haver milagres?", mas "deixou que havê-los?". O simples fato é que agora qualquer médico ou cirurgião pode fazer coisas que nos tempos apostólicos eram considerados como milagres. É uma verdade universal que Deus não faz pelos homens o que estes podem fazer por si mesmos. De modo que revelou aos homens novas verdades e conhecimentos, e através dessa revelação ainda estão fazendo milagres. Como disse um grande médico: "Eu vendo as feridas, mas Deus as cura". Para um cristão ainda há milagres por todos os lados, se tiver olhos para ver.

O CRIME DA CRUZ

Atos 3:11-16

Nesta passagem achamos três dos grandes temas dominantes da primitiva pregação cristã.

(1) Os pregadores primitivos sempre davam ênfase ao fato básico de que a crucificação foi o maior crime de toda a história humana. Sempre que falam dela há uma espécie de emoção horrorizada em suas vozes. Jesus era o santo e o justo, e vê-lo era suficiente para amá-lo. O mesmo governador romano sabia bem que a crucificação era uma profunda injustiça. Os homens escolheram um criminoso violento e levaram à cruz Aquele que só fizera o bem. Os pregadores primitivos tentavam colocar nas mentes a compreensão do tremendo crime da cruz. Era como se dissessem: "Olhem o que o pecado pode fazer".

(2) Os pregadores primitivos sempre davam ênfase à vindicação da ressurreição. A simples realidade é que sem ela a Igreja nunca teria existido. Se Jesus não se levantou dos mortos, converteu-se em uma lembrança que se teria apagado pouco a pouco. Mas a ressurreição era a prova de que Ele era literalmente indestrutível, de que era literalmente

o Senhor da vida e da morte, de que existia verdadeiramente para sempre. A ressurreição era a prova final de que por trás dEle estava Deus, e portanto um poder que ninguém podia deter.

(3) Os pregadores primitivos acentuavam sempre o poder do Senhor ressuscitado. Nunca se viam a si mesmos como as fontes de tal poder, mas sim como canais do poder. Conheciam bem as limitações do que podiam fazer. Sabiam também que não havia limitações para o que o Cristo ressuscitado podia fazer por meio deles e com eles. Ali reside o segredo da vida cristã. O cristão sabe que enquanto pense no que *eu* posso fazer e ser, não poderá haver nada mais que fracassos, frustrações e temores; mas que quando pensa "não eu, mas Cristo em mim" não pode haver outra coisa senão paz e poder.

AS CARACTERÍSTICAS DA PREGAÇÃO

Atos 3:17-26

Quase todas as características da pregação cristã primitiva estão descritas neste curta passagem.

(1) Começa com um sinal de misericórdia e advertência combinadas. Os judeus perpetraram por ignorância a terrível ação da crucificação mas essa ignorância já não é possível, e, portanto, não pode haver desculpa para continuarem rechaçando a Cristo. Esta nota da aterradora responsabilidade do conhecimento ressoa através de todo o Novo Testamento. “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado.” (João 9:41). “Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.” (João 15:22). “Aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando.” (Tiago 4:17). O ter visto toda a luz da revelação de Deus é um dos maiores privilégios, mas também é uma das mais terríveis responsabilidades.

(2) A obrigação que conduz este conhecimento é a de arrepender-se e mudar. As duas palavras estão muito unidas. *Arrepender-se* poderia

significar simplesmente mudar a maneira de pensar; e é mais fácil mudar de idéia que mudar o modo de vida. Mas esta mudança de mentalidade tem que dar por resultado o rechaço do velho caminho e o lançar-se a andar por um novo.

(3) Este arrependimento terá certas conseqüências. Afetará o *passado.* Os pecados serão *apagados*. É uma palavra muito vívida. Antigamente se escrevia sobre papiro, e a tinta que se usava não continha ácidos, e portanto não penetrava no papiro como o faz a tinta moderna; simplesmente se mantinha sobre ele. Para apagar algo se podia tomar uma esponja úmida e limpá-lo simplesmente. De modo que Deus limpa o pecado do homem perdoado. Afetará o *futuro.* Trará momentos de relaxamento. Na vida entrará algo que dará força na fraqueza e descanso na fadiga.

(4) Pedro continua falando da Segunda Vinda de Cristo. Qualquer outro que seja o significado da doutrina, uma coisa significa: que a história se dirige a algum lugar; move-se, não sem rumo, mas sim com uma série de propósitos no caminho.

(5) Pedro insiste em que tudo o que aconteceu tinha sido profetizado. Os judeus se negavam a assimilar a idéia de que o Ungido de Deus devia sofrer. Mas Pedro insiste em que se buscarem em suas próprias Escrituras ali encontrarão tudo.

(6) Pedro lembra-lhes do seu privilégio nacional. Em um sentido muito especial os judeus eram o povo escolhido de Deus.

(7) E então, finalmente, estabelece a verdade iniludível de que esse privilégio tão especial traz consigo um dever muito especial; que o privilégio não significa fazer o que querem, mas sim o que Deus quer. Não é o privilégio de uma honra especial; é o privilégio de um serviço especial.

Atos 4

A detenção - 4:1-4
Perante o Sinédrio - 4:5-12

Fiéis somente a Deus - 4:13-22
O retorno triunfante - 4:23-31
Todas as coisas em comum - 4:32-37

A DETENÇÃO

Atos 4:1-4

A cura do coxo tinha tido lugar dentro da área do templo, em uma zona que estava continuamente lotada de gente. Toda a atenção se centrou inevitavelmente no sucesso.

A porta chamada Formosa era a que comunicava o Átrio dos Gentios com o Átrio das Mulheres. O primeiro era ao mesmo tempo o átrio maior e mais visitado de todo o Templo, pelo fato de que nele qualquer pessoa podia entrar, de qualquer nação, sempre que guardassem as normas comuns de decência e decoro. Ali tinham seus postos os cambistas e vendedores de animais para os sacrifícios. Em torno do limite externo da área que cobria o templo, corriam duas grandes colunatas que se uniam em ângulo reto no Átrio dos Gentios. Um deles era o Pórtico Real e o outro o Pórtico de Salomão. Ali também havia muita gente que viera para adorar, aprender, ou de visita. É evidente, pois, que algo que ocorresse seria rapidamente conhecida por todos.

Os sacerdotes, o chefe da guarda do templo e os saduceus irromperam nessa multidão. O chefe da guarda do templo era um oficial chamado *Sagán*. Era a mão direita do sumo sacerdote, seu chefe de pessoal, seu funcionário executivo. Sua tarefa especial era a de vigiar a manutenção da ordem dentro do templo. Era inevitável que aparecesse em cena com a polícia do templo ao reunir a multidão. Com ele vieram os saduceus. A característica destes era pertencer à classe rica e aristocrática. Não eram muitos, mas eram poderosos e de grande influência.

O assunto os incomodou muito por duas razões; em primeiro lugar, não criam na ressurreição dos mortos, e era justamente esta grande

verdade que os apóstolos proclamavam. Em segundo lugar, por estar composto por aristocratas enriquecidos, o partido saduceu era colaboracionista. Tentavam manter relações amistosas com os romanos para poder conservar suas riquezas comodidade, prestígio e poder. Não queriam absolutamente que se perturbasse a ordem estabelecida. O governo romano era muito tolerante; mas agia sem misericórdia ante os desordens públicos. Os saduceus chegaram imediatamente à conclusão de que se deixassem os apóstolos continuarem sem estorvá-los, haveria desordens e tumultos de ruas, com conseqüências desastrosas para seu *status*. Portanto propuseram-se a dar um fim a este movimento antes que crescesse; e foi por esta razão que se prendeu tão rapidamente a Pedro e João. Este é um dos grandes exemplos de como um grupo de homens, para manter seus interesses criados pode negar-se a ouvir a verdade ou a deixar que outros a ouçam.

PERANTE O SINÉDRIO

Atos 4:5-12

Pedro e João foram levados perante o Sinédrio. Este era a corte suprema dos judeus. Estando ainda sob o poder de Roma o Sinédrio tinha direito a prender. A única coisa que não podia fazer era ditar uma sentença de morte, exceto no único caso de um gentio que entrasse nos átrios interiores do templo. O Sinédrio tinha setenta e um membros. O sumo sacerdote era o presidente *ex-officio*. No Sinédrio havia sacerdotes, e todos os sacerdotes eram saduceus. Seu único desejo era preservar o *statu quo* para que seus emolumentos não diminuíssem. Havia escribas, que eram doutores na Lei tradicional. Havia fariseus, que eram fanáticos da lei. Havia anciãos que eram os homens respeitados da comunidade. Além deles havia pessoas pertencentes às famílias sacerdotais: são as mesmas que algumas vezes são chamadas sacerdotes principais.

Dividiam-se em duas classes. Primeiro, estavam os ex-sumo sacerdotes. Nos grandes dias do sacerdócio o cargo de sumo sacerdote

era hereditário e vitalício; mas na época romana o posto era motivo de intrigas, suborno e corrupção e os sumos sacerdotes trocavam tanto que entre os anos 37 a.C. e 67 D.C. houve não menos de vinte e oito. Mas até depois de ter sido deposto, um sumo sacerdote muitas vezes continuava sendo o poder por trás do trono.

Segundo, apesar de o posto ter deixado de ser hereditário era ainda privilégio de umas poucas famílias. Dos vinte e oito sumo sacerdotes já mencionados todos menos seis provinham de quatro famílias sacerdotais. Os membros destas tinham um prestígio especial, e eles são os conhecidos como os principais sacerdotes.

Quando lemos a dissertação de Pedro, devemos lembrar àqueles a quem se dirigia, e então se converte em uma das maiores demonstrações de coragem do mundo. Falou perante uma audiência composta pelos homens mais ricos, mais intelectuais e mais poderosos do país, e mesmo assim, Pedro, o pescador da Galiléia, esteve perante eles mais como um juiz que como sua vítima. Mas ainda mais: era o mesmo tribunal que sentenciou Jesus à morte, e Pedro sabia; e sabia que nesse momento arriscava sua vida.

Há dois tipos de coragem. Existe a coragem inconsciente que apenas percebe os perigos que enfrenta. E há também a coragem fria e calculada que conhece o perigo e não se acovarda. Pedro demonstrou aos homens ser possuidor do segundo tipo de coragem.

Quando Aquiles, o grande guerreiro grego, disse a quem fosse lutar com ele que morreria, a resposta foi esta frase imortal: "Entretanto, estou disposto a continuar".

Pedro, nesse momento, conhecia o perigo que o rodeava; entretanto, ele também, desejou prosseguir.

FIÉIS SOMENTE A DEUS

Atos 4:13-22

Nesta passagem vemos vividamente tanto o ataque inimigo como a defesa cristã. No ataque inimigo há duas características. Primeiro, há

desprezo. O Sinédrio considerava Pedro e João homens iletrados e incultos. A palavra traduzida "iletrados" significa que não tinham nenhuma educação técnica, especialmente nas intrincadas normas e a casuística da Lei. A palavra que se traduz por "incultos" significa que eram leigos sem nenhuma qualificação profissional. O Sinédrio, tal como era, considerava-os homens sem educação superior e sem *status* profissional. Para o homem simples, com freqüência é difícil enfrentar o que poderia chamar-se o esnobismo acadêmico e profissional. Mas o homem que tem Cristo em seu coração possui uma dignidade verdadeira que não podem dar o *status* profissional nem os lucros acadêmicos.

O segundo dos ataques consistiu em *ameaças*. Foi-lhes dito o que lhes aconteceria se continuassem no caminho que escolheram. Mas as ameaças do homem são impotentes para dobrar o cristão porque ele sabe que o que o homem lhe fizer será momentâneo, enquanto que as coisas de Deus duram para sempre. Pedro e João, ao enfrentar estes ataques, tinham certos argumentos em sua defesa. Primeiro, contavam com um *fato indisputável*. Era impossível negar que o homem ficou curado.

A defesa e a maior prova incontrovertível do cristianismo é um cristão. Em última análise as palavras não importam muito. Só podemos comprovar o cristianismo apresentando aos que nos rodeiam evidências inegáveis do caráter cristão.

Segundo, tinham o argumento de uma *fidelidade total a Deus*. Tinham que escolher entre obedecer ao homem ou obedecer a Deus. Pedro e João não duvidavam do caminho que deviam seguir.

Como disse H. G. Wells: "O problema que muita tem gente é que a voz de seus vizinhos soa muito mais forte em seus ouvidos que a de Deus".

O verdadeiro segredo do cristianismo descansa nesse grande tributo que recebeu uma vez John Knox: Temia tanto a Deus que nunca teve medo de enfrentar o homem".

Mas o terceiro ponto de sua defesa era o mais grandioso. Era o argumento de *uma experiência pessoal de Jesus Cristo*. Como disseram

Pedro e João, não podiam deixar de falar a respeito daquelas coisas que tinham visto e ouvido pessoalmente. Sua mensagem não era uma história que lhes tinha irradiado. Sabiam que era certo em forma direta; e estavam tão seguros disso que estavam dispostos a arriscar a vida.

O RETORNO TRIUNFANTE

Atos 4:23-31

Nesta passagem encontramos a reação da Igreja cristã no momento de perigo. Poder-se-ia pensar que quando Pedro e João voltaram com sua história a Igreja teria caído em uma profunda depressão, ao considerar as dificuldades a que estaria exposta dali para frente. A única coisa que nunca imaginaram foi obedecer o mandato do Sinédrio de não falar mais. Nesse momento suas mentes se encheram de certas grandes convicções e entrou em suas vidas uma onda de força.

(1) Estavam convencidos do *poder de Deus*. Estava com eles Aquele que era o Criador e o Sustentador de todas as coisas. Uma vez o enviado papal ameaçou Martinho Lutero com o que aconteceria se continuava em seu caminho e o preveniu que no final todos os seus seguidores o abandonariam. "Para onde irão então?", perguntou-lhe. Lutero respondeu: "Então como agora estarei nas mãos de Deus". Para o cristão os que são por nós são sempre mais que os que são contra nós.

(2) Estavam seguros da *inutilidade da rebelião do homem.* A palavra traduzida se *enfureceram* (v. 25), refere-se ao relincho dos cavalos bem alimentados e, fogosos. Podem chutar e menear suas cabeças e relinchar; mas no final terão que aceitar a disciplina das rédeas. Os homens podem ter gestos desafiantes para com Deus; mas no final Ele prevalecerá.

(3) Tinham diante de si a *lembrança de Jesus.* Lembravam como foi julgado, como sofreu e como triunfou; e nessa lembrança achavam confiança, porque sempre é suficiente para o discípulo ser igual a seu Senhor.

(4) *Oravam* pedindo coragem. Não pretendiam enfrentar tudo com suas próprias forças; eles a punham nas mãos de Deus. No momento de prova se afastavam do tempo e entravam na eternidade; quando sua própria força fracassava recorriam a um poder que não era deles.

(5) O resultado foi o *dom do Espírito.* A promessa se cumpriu; não ficaram desconsolados; era certo que ele estava com eles sempre. Assim, pois, acharam a coragem e a força que necessitavam para ser testemunhas quando seu testemunho bem podia significar a morte.

TODAS AS COISAS EM COMUM

Atos 4:32-37

Neste novo parágrafo encontramos uma mudança repentina que é típico do cristianismo. Um pouco antes tudo acontecia em uma atmosfera exaltada. Havia grandes pensamentos a respeito de Deus; orava-se pelo Espírito Santo; citava-se alvoroçadamente o Antigo Testamento. E agora, sem nenhum aviso todo o relato passa a ocupar-se de coisas práticas. Por exaltados que estivessem aqueles primeiros cristãos; por mais momentos sublimes que compartilhassem, nunca esqueciam que alguém passava fome, que alguém não tinha o suficiente, e que todos deviam ajudar. A oração era de suma importância; dar testemunho também o era, mas a culminação é a caridade e o amor entre os irmãos. Devemos notar duas coisas a respeito deles.

(1) Tinham um intenso sentido de *responsabilidade um pelo outro.* Não podiam conceber que alguns tivessem tanto enquanto outros tinham tão pouco.

(2) Isto despertou neles *um verdadeiro desejo de compartilhar tudo o que possuíam.* Devemos notar acima de tudo uma coisa: este compartilhar não foi o resultado de uma legislação; foi totalmente espontâneo. A sociedade chega a ser verdadeiramente cristã não quando a lei nos obriga a compartilhar, mas sim quando o coração nos move a

fazê-lo. A caridade da legislação nunca pode substituir a caridade do coração.

Atos 5

Problemas na igreja - 5:1-11
O atrativo do cristianismo - 5:12-16
Nova detenção e juízo - 5:17-32
Um aliado inesperado - 5:33-42

PROBLEMAS NA IGREJA

Atos 5:1-11

Não há uma história mais vívida que esta no livro dos Atos. Não é necessário que se faça dela um milagre. Mas nos mostra algo da atmosfera que prevalecia na Igreja primitiva. Certa vez Eduardo I se enfureceu com um de seus cortesãos e o homem caiu morto de puro medo. Esta história nos mostra duas coisas da Igreja primitiva. Demonstra a espera e a sensibilidade das mentes dos homens naqueles dias. E mostra o extraordinário respeito que se tinha pelos apóstolos. Nessa atmosfera em que a vida estava tensa, a palavra e a recriminação de Pedro produziram esse efeito.

Esta é uma das histórias que demonstram a irredutível honestidade da Bíblia. É uma história que poderia ter-se omitido porque demonstra que até na Igreja primitiva havia cristãos imperfeitos. Mas a Bíblia não quer apresentar um quadro idealizado de algo.

Uma vez um pintor da corte pintou o retrato de Oliver Cromwell. Cromwell tinha a cara desfigurada por verrugas. O pintor, pensando agradar o grande homem, omitiu as verrugas. Quando Cromwell viu o retrato disse: "Leva-o, e me pinte com verrugas e tudo".

Uma das grandes virtudes da Bíblia é que nos mostra seus heróis e seus grandes momentos, com "verrugas e tudo".

Há uma certa coragem nesta história, porque nos mostra que até nos melhores tempos a Igreja era uma mistura de bem e mal. Faríamos bem em lembrar que se a Igreja tivesse que ser uma sociedade de gente perfeita, não existiria.

É muito significativo ver como Pedro insiste em que o pecado é pecado contra Deus. Faríamos bem em lembrar isto especialmente em certos aspectos.

(1) A falta de diligência é um pecado contra Deus. Ele obra através dos homens. Tudo o que contribua à saúde, à felicidade e ao bem-estar da humanidade por humilde que seja, é uma obra feita para Deus. Antonio Stradivarius, o grande fabricante de violinos, disse: "Se minha mão se enfraquecesse, estaria roubando a Deus". É um lema que todos os homens deveriam seguir.

(2) O não utilizar nossos talentos é um pecado contra Deus. Deus nos deu os talentos que temos; não são nossos, somos mordomos dos mesmos; e somos responsáveis não perante os homens, mas sim perante Deus pelo uso que lhes damos.

(3) Não dizer a verdade é um pecado contra Deus. Só sabemos o que é a verdade pela ação do Espírito dentro de nossos corações; e quando caímos na desonestidade e a falsidade estamos pecando contra a direção do Espírito em nossos corações.

O ATRATIVO DO CRISTIANISMO

Atos 5:12-16

Temos aqui como um camafeu do que ocorria na Igreja primitiva. Conta-nos certas coisas a respeito da Igreja.

(1) Diz-nos onde se reunia. Seu lugar de reunião era as colunatas que circundavam a área do templo. Estes cristãos primitivos eram constantes em sua assistência à casa de Deus. Cumpriam diariamente seu encontro com Deus. Desejavam sempre conhecer a Deus melhor e obter

mais de seu força para a vida. E onde poderiam estar mais perto dEle que em seu casa?

(2) Diz-nos como se reunia. Os cristãos primitivos se reuniam em um lugar, onde todos os viam melhor. Não escondiam seu cristianismo. Sabiam o que aconteceu aos apóstolos e o que em qualquer momento poderia acontecer com eles; mas estavam dispostos a demonstrar a todos quem eram e qual era sua posição.

(3) Diz-nos que a Igreja primitiva era muito efetiva. Aconteciam coisas. Os dias em que o ministério de cura da Igreja estava à frente de sua tarefa finalizaram, embora bem podem voltar a repetir-se. Mas a Igreja ainda existe para fazer que os homens maus sejam bons; ainda existe para que através dela ocorram os milagres da graça de Deus. As multidões sempre acudirão a uma Igreja na qual as vidas sejam mudadas.

Esta passagem termina com uma referência àqueles que estavam afligidos pelos espíritos imundos. O povo nessa época atribuía todas as enfermidades à atuação desses espíritos. Os egípcios, por exemplo, criam que o corpo estava dividido em partes e seções e que cada uma delas estava habitada por um espírito imundo. Muitas vezes criam que estes eram os espíritos de pessoas más que faleceram e que ainda estavam levando a cabo seu tarefa maligna. Nós podemos pensar que aprendemos a ver além desse tipo de crenças, mas para eles era algo muito real.

NOVA DETENÇÃO E JUÍZO

Atos 5:17-32

O segundo arresto dos apóstolos era inevitável. O Sinédrio tinha-lhes ordenado estritamente que se abstivessem de ensinar no nome de Jesus e eles desobedeceram o mandato publicamente. Devemos sempre lembrar que para o Sinédrio este era um assunto duplamente sério. Primeiro, os apóstolos eram hereges. Mas, em segundo lugar, eram perturbadores potenciais da paz. Palestina foi sempre um país inflamável; se não era controlada podia chegar a haver alguma classe de

sublevação popular; e isso era a última coisa que os sacerdotes e os saduceus queriam, porque então Roma interviria e perderiam seu postos e seu prestígio.

Não devemos necessariamente considerar como um milagre a libertação de Pedro e João. A palavra *aggelos* tem dois significados. Significa anjo; mas também é a palavra grega normal para mensageiro. Embora a libertação dos apóstolos se realizou por meio de planos e instrumentos humanos, o agente que efetuou o fato seria sem dúvida o *aggelos* de Deus.

Na narração do ocorrido depois da libertação vemos vividamente descritas as grandes características destes primeiros homens de Deus.

(1) Eram valentes. A ordem de ir diretamente e pregar no templo, a uma mente prudente cuja meta é a segurança acima de tudo, parece-lhe algo quase incrível. Obedecê-lo era um ato de audácia quase inconsciente. Sabiam o que ia acontecer, e mesmo assim, foram.

(2) Eram homens de princípios. E o princípio de suas vidas era que a todo custo e em todas as circunstâncias, a primeira coisa deve ser a obediência a Deus. Nunca perguntavam: "É segura esta maneira de agir?" Perguntavam: "É isto o que Deus quer que eu faça?" E então deixavam de lado os cálculos de segurança e obedeciam. Estavam sempre desejosos de aventurar-se por Deus.

(3) Tinham uma idéia clara de seu dever e de sua função. Sabiam que eram testemunhas de Cristo. Uma testemunha é essencialmente alguém que fala baseando-se em um conhecimento direto; que diz: "Isto é certo e eu sei." É alguém que sabe por experiência pessoal que o que diz é certo; e é impossível deter um homem assim, porque é impossível deter a verdade.

UM ALIADO INESPERADO

Atos 5:33-42

Em sua segunda aparição perante o Sinédrio, os apóstolos se encontraram com um auxiliar inesperado. Gamaliel era um fariseu. Havia uma diferença básica entre os saduceus e os fariseus. Como vimos, os primeiros eram os ricos sacerdotes colaboracionistas que buscavam sempre preservar seu prestígio e seu poder. Os fariseus não tinham ambições políticas. Seu nome significa literalmente "os separados", e se tinham afastado de toda a vida comum e de todos os homens comuns para dedicar a vida a guardar os detalhes ínfimos da Lei. Nunca houve mais de seis mil deles, e a austeridade de suas vidas os fazia muito respeitáveis.

Mas Gamaliel era mais que respeitado; era amado. Era um homem gentil com uma tolerância muito maior que seus companheiros. Era, por exemplo, um dos poucos fariseus que não considerava a cultura e as letras gregas como pecaminosas e proibidas. Era um dos poucos aos quais lhes foi dado o título do *"Rabban"*. Era chamado "A beleza da Lei". Quando morreu foi dito: "Desde que o *Rabban* Gamaliel morreu não houve reverencia pela Lei; e a pureza e a abstinência morreram ao mesmo tempo."

Quando parecia que o Sinédrio ia recorrer a medidas violentas contra os apóstolos, ele interveio. Os fariseus tinham uma crença que combinava o destino e a livre ação. Criam que todas as coisas estavam nas mãos de Deus e, ao mesmo tempo, criam que o homem era responsável por suas ações. "Tudo está previsto; entretanto, outorga-se a liberdade de decisão", diziam. "Deus decreta tudo menos o temor a Ele."

De modo que Gamaliel se baseou em que deviam tomar cuidado, não fosse que estivessem exercendo seu livre-arbítrio contra Deus. Aduziu que se este assunto não fosse de Deus, desapareceria de todos os modos. Citou dois exemplos. Um foi o de Teudas. Naqueles dias, Palestina tivera uma rápida sucessão de líderes incendiários que se

apresentavam como salvadores de seu país e algumas vezes até como o Messias. Não sabemos quem era este Teudas. Alguns anos mais tarde houve um Teudas que dirigiu um grupo de gente ao Jordão com a promessa de que poderia dividir as águas e que poderiam caminhar a pé enxuto, e cuja rebelião foi tratada sumariamente. Teudas era um nome comum e sem dúvida este foi outro incendiário.

Judas se havia rebelado no ano do censo. O censo foi realizado pelo governador Quintino no ano 6 d.C. O propósito do censo era ordenar os impostos. Judas era um fanático que tomou a posição de que Deus era o Rei de Israel, e a Ele somente se devia pagar tributo; todo imposto além deste era ímpio e pagá-lo era blasfêmia. Tratou de fazer uma revolução mas fracassou.

Gamaliel, pois, citou estes exemplos e declarou que se este assunto não era de Deus fracassaria por si só; mas se o era, nada poderia detê-lo, e se tentavam fazê-lo se estavam opondo a Deus. O Sinédrio o ouviu. Mais uma vez ameaçaram os apóstolos e os deixaram ir.

Eles se retiraram contentes em sua tribulação. Tinham duas razões para alegrar-se na perseguição.

(1) Era uma oportunidade para demonstrar sua fidelidade a Cristo. Na Rússia, nos primeiros tempos do comunismo, o homem que podia mostrar a marca dos grilhões nas mãos e do látego em suas costas era um homem de honra, porque tinha sofrido pela causa. As orgulhosas palavras de Valente-pela-verdade foram: "Levo minhas marcas e cicatrizes comigo."

(2) Era uma oportunidade real de compartilhar a experiência de Jesus. Aqueles que ajudassem a levar a cruz compartilhariam a coroa.

Atos 6

As primeiras nomeações - 6:1-7
Surge um paladino da liberdade - 6:8-15

AS PRIMEIRAS NOMEAÇÕES

Atos 6:1-7

À medida que a Igreja crescia começava a enfrentar todos os problemas de uma organização e uma instituição. Não há nenhuma nação que tenha tido sempre e que tenha ainda tanta consideração como a judaica pelos irmãos menos afortunados.

Na sinagoga havia um costume estabelecido. Havia funcionários conhecidos como caritativos. Dois caritativos percorriam o mercado e as casas particulares todas as sextas-feiras pela manhã fazendo uma coleta em dinheiro para os necessitados. Isto se distribuía durante o dia. Os que necessitavam ajuda temporariamente recebiam o suficiente para continuar; e os que estavam permanentemente incapacitados para sustentar-se a si mesmos recebiam o suficiente para quatorze refeições, ou seja duas por dia para a semana seguinte. O fundo do qual se fazia esta distribuição se chamava *Kuppah* ou Cesta. Além disto se fazia diariamente uma coleta de casa em casa para os que estavam passando necessidades prementes. Isto se chamava *Tamhui* ou Bandeja. É evidente que a Igreja cristã seguiu este costume sabiamente.

Mas entre os próprios judeus havia uma falha. Os judeus ortodoxos e rígidos odiavam tudo o que provinha dos gentios. Na Igreja cristã havia duas classes de judeus. Havia os de Jerusalém e os de Palestina. Falavam aramaico, que provinha de seu idioma ancestral, e se orgulhavam de que não tinha agregados estrangeiros em suas vidas. Por outro lado havia judeus de outros países. Estes tinham vindo para o Pentecostes; fizeram o grande descobrimento de Cristo e ficaram. Muitos deles tinham estado fora da Palestina por várias gerações; tinham esquecido o hebreu e falavam grego. A conseqüência natural era que os orgulhosos judeus de fala aramaica olhassem com desprezo aos judeus estrangeiros. Este rechaço encontrou sua via de expressão na distribuição diária e houve queixas de que as viúvas dos judeus de fala grega eram passadas por alto — o que possivelmente se fizesse deliberadamente. Os próprios

apóstolos não podiam estar envolvidos nestes assuntos. De modo que foram escolhidos os Sete para que endireitassem as coisas e se fizessem a cargo da situação.

É muito interessante notar que os primeiros funcionários nomeados foram homens que não tinham o dever de falar; foram escolhidos para um serviço prático.

Florence Alshorn, a grande professora missionária, disse uma vez: "Um ideal não é seu até que nos sai da ponta dos dedos."

A primeira preocupação da Igreja primitiva foi pôr em prática seu cristianismo.

SURGE UM PALADINO DA LIBERDADE

Atos 6:8-15

Quando a Igreja nomeou estes sete homens fez algo que teria conseqüências de longo alcance. Em essência começou o grande debate e a grande luta. Os judeus sempre se consideraram o povo escolhido; mas interpretaram a palavra *escolhido* equivocadamente. Consideravam-se escolhidos para honras e privilégios especiais; e criam que Deus não se interessava por outro povo a não ser por eles. Os mais fanáticos declaravam que Deus criara os gentios para ser combustível dos fogos do inferno. Até em sua posição mais aberta criam que um dia os gentios seriam seus servos. Nunca sonharam que foram escolhidos para servir e levar todos os homens a uma relação com Deus como a que eles criam ter. Este era o problema.

Na verdade, ainda não se falou de aproximar-se dos gentios. Estão envoltos judeus de fala grega. Mas nenhum dos Sete tinha um nome judeu; todos eram nomes gregos; e um deles Nicolau era um gentio que aceitou a fé judia, pois isso é o que significa a palavra prosélito.

Agora, Estêvão via muito mais longe que seus companheiros: evidentemente tinham a visão de um mundo para Cristo. Duas coisas eram especialmente apreciadas para os judeus. Primeiro, o templo; só ali

se podia oferecer sacrifícios e só ali se podia adorar verdadeiramente a Deus. Segundo, estava a Lei que nunca podia mudar-se. Mas Estêvão via que o templo desapareceria, que a Lei era nada mais que um passo em direção do Evangelho, que o cristianismo devia estender-se ao mundo inteiro, e Estêvão o disse. Teve oportunidade de fazê-lo porque na sinagoga não havia ninguém encarregado do sermão. Qualquer estranho distinto podia ser convidado a pregar. E ninguém podia rebater seus argumentos. De modo que os judeus, quando a lógica e as discussões fracassaram, recorreram à força e prenderam Estêvão. Sua carreira foi muito curta; mas teve um grande significado porque foi o primeiro em ver que o cristianismo não era algo reservado aos judeus, mas sim era a oferta de Deus para todo o mundo.

A defesa de Estêvão

Estêvão apelou à lição da história. Evidentemente, cria que a melhor forma de defender-se era atacar. O que ele fez foi tomar determinados pontos do panorama da história do povo judeu. Neles via que surgiam certas verdades, verdades que podiam ser utilizadas para condenar a sua própria nação.

(1) Considerou que os homens que realmente tinham tido um papel importante na história de Israel eram aqueles que ouviram o mandato de Deus: "Saí...", e não tiveram medo de obedecê-lo. Os grandes homens eram aqueles que estavam preparados para *realizar* a grande aventura da fé. Estêvão contrastou esse espírito aventureiro com o dos judeus de seus dias, cujo único desejo era deixar as coisas tal qual estavam e que consideravam Jesus e a seus seguidores como inovadores perigosos.

(2) Insistiu em que os homens adoraram a Deus muito antes de haver um templo. Para os judeus este lugar era o mais sagrado de todos. A insistência de Estêvão no fato de que Deus não reside exclusivamente em algum templo feito por mãos do homem foi um duro golpe para o que todo o seu povo considerava sagrado.

(3) Estêvão insistiu em que quando os judeus crucificaram a Jesus o que tinham feito era somente coroar uma política que seguiram através de toda sua historia nacional; porque através de todos os tempos açoitaram os profetas e abandonaram os líderes que Deus tinha chamado. Estas eram verdades duras para homens que criam ser os escolhidos, e não é nada estranho que se enfurecessem tanto ao ouvi-las. Devemos levar em conta estes pontos recorrentes ao estudar a defesa de Estêvão.

Atos 7

O homem que decidiu sair - 7:1-7
Lá no Egito - 7:8-16
O homem que nunca esqueceu a sus irmãos de raça - 7:17-36
Um povo desobediente - 7:37-53
O primeiro mártir - 7:54-60

O HOMEM QUE DECIDIU SAIR

Atos 7:1-7

Como já vimos, o método defensivo de Estêvão foi tomar uma visão panorâmica da história judia. Em sua mente não havia meramente uma seqüência de eventos. Para ele cada pessoa e cada fato simbolizavam algo, eram em realidade um espécime e uma amostra das reações dos homens diante dos mandatos de Deus. Começou com Abraão, porque para os judeus a história começava com ele, na forma mais literal.

Em Abraão, Estêvão vê três coisas.

(1) Foi um homem que respondeu à ordem: "Saí..." Como o autor de Hebreus estabelece, Abraão "saiu sem saber aonde ia" (Hebreus 11:8). Foi um homem de espírito aventureiro.

Lesslie Newbigin, o ministro escocês que chegou a ser bispo na Igreja do Sul da Índia, conta-nos que quando tudo estava encaminhado rumo à união, viam-se sempre detidos por pessoas que queriam saber

aonde se dirigiriam com tal ou qual passo. No final alguém teve que dizer a esses melindrosos: "Um cristão não tem direito a perguntar aonde vai".

Para Estêvão o homem de Deus era aquele que obedecia os mandamentos divinos mesmo que não tivesse a menor idéia das conseqüências.

(2) Abraão era homem de fé. Não sabia aonde se dirigia, mas cria que sob a direção de Deus encontraria algo melhor. Embora não tivesse filhos, e quando, humanamente falando, parecia impossível que os tivesse, creu na promessa de que algum dia seus descendentes herdariam a terra que Deus lhes tinha prometido. Abraão era um homem que cria na veracidade das promessas de Deus.

(3) Era um homem que tinha esperança. Apesar de que nunca viu plenamente realizada a promessa, nunca duvidou de que se cumpriria. De modo que Estêvão apresenta a estes judeus um quadro da vida aventureira, sempre lista para responder ao mandato: "Sal...", que contrastava com o desejo deles de aferrar-se ao passado e não trocar nunca.

LÁ NO EGITO

Atos 7:8-16

O quadro de Abraão é seguido pelo de José. A chave da vida de José está resumida em suas próprias palavras em Gênesis 50:20. Nesse momento seus irmãos temiam que, depois da morte de seu pai Jacó, José se vingaria deles pelo que lhe tinham feito. A resposta de José foi a seguinte: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem”. José foi um homem para quem o aparente desastre se converteu em triunfo. Foi vendido ao Egito como escravo, encarcerado injustamente, esquecido pelos homens que tinha ajudado; entretanto, chegou o dia em que se converteu no primeiro-ministro do Egito.

Estêvão resume as características de José em duas palavras: Deus lhe deu *graça* e *sabedoria*.

(1) A palavra graça é bonita. Em seu significado mais simples expressa beleza física. Logo significa essa beleza de caráter que todos amam. Seu equivalente mais próximo é *encanto.* José tinha o encanto que tem sempre um homem realmente bom. Teria sido muito fácil para ele converter-se em um homem azedo, amargurado e desiludido. Mas José realizava fielmente todas as tarefas que lhe davam, e servia com igual devoção como escravo na prisão ou primeiro-ministro de um país. Foi primordialmente um homem que punha todo seu empenho em realizar o que suas mãos podiam fazer.

(2) Não há palavra mais difícil de definir que a palavra *sabedoria*. Significa muito mais que a mera inteligência, ou astúcia ou a compreensão intelectual da verdade. Mas a própria vida de José nos dá a chave do significado da palavra. Em essência, a sabedoria é a capacidade de ter uma perspectiva de longo alcance, de ver as coisas como Deus as vê. Mais uma vez se vê o contraste. Os judeus estavam perdidos na contemplação de seu passado e envoltos estaticamente nos labirintos de sua própria lei. Mas José era o homem que dava as boas-vindas a todas as tarefas novas, embora se tratasse de algo repulsivo; o homem que tinha uma perspectiva de longo alcance, que é a perspectiva da vida que Deus tem.

O HOMEM QUE NUNCA ESQUECEU A SEUS IRMÃOS DE RAÇA

Atos 7:17-36

O próximo em aparecer em cena é Moisés. Para os judeus, Moisés estava por cima de todos os homens que tinham obedecido o mandato de Deus: "Sal..." Era literalmente o homem que tinha deixado um reino para responder ao chamado de Deus para ser o condutor de seu povo. Nossa história bíblica nos conta muito pouco dos primeiros dias de Moisés; mas

os historiadores judeus tinham muito mais a relatar. Sabemos que Moisés foi encontrado pela filha de Faraó quando seus pais o tinham tirado de seu lar, e que ela o criou como se fosse seu próprio filho.

Mas Josefo, o historiador judeu, conta-nos muito mais que isso. Segundo ele, Moisés era um menino tão bonito que quando a ama o levava em seus braços pelas ruas, as pessoas paravam para vê-lo. Era um menino tão brilhante que ganhava em todos em velocidade e afã com que estudava. Um dia a filha de Faraó o apresentou a seu pai e lhe pediu que o fizesse seu sucessor no trono do Egito. O Faraó concordou. Depois disto — continua a lenda — o Faraó tomou sua própria coroa e brincando a pôs sobre a cabeça do pequeno Moisés, ao que o menino respondeu tirando-a da cabeça, negando-se a levá-la posta e a jogou no chão. Um dos sábios egípcios que estava presente disse que esse era um sinal de que se não o matava imediatamente, esse menino estava destinado a trazer desastres à coroa do Egito. Mas a filha de Faraó tomou a Moisés em seus braços e persuadiu a seu pai de que não ouvisse a advertência. Quando Moisés cresceu se converteu em um dos maiores generais egípcios e dirigiu uma campanha vitoriosa na longínqua Etiópia, onde se casou com uma princesa do lugar.

Ao considerar isto podemos nos dar conta do que Moisés deixou de lado. Em realidade deixou um reino para tirar seu povo ao deserto, para Deus, em uma grande aventura. Assim, pois, mais uma vez Estêvão fala do mesmo. O homem de grandeza não é um homem que como os judeus está preso a seu passado e ciumento de seus privilégios; o homem verdadeiramente grandioso é aquele que está preparado a responder ao chamado: "Sai..." e deixar toda a comodidade e tranqüilidade que tinha.

UM POVO DESOBEDIENTE

Atos 7:37-53

Neste momento a dissertação de Estêvão se acelera. Todo o tempo esteve condenando por inferência a atitude dos judeus; e agora essas

acusações implícitas se convertem em explícitas. Nesta seção que conclui sua defesa Estêvão entreteceu vários fios de seu pensamento.

(1) Insiste nas rebeliões contínuas e repetidas e na desobediência do povo. Nos dias de Moisés se rebelaram fabricando o bezerro de ouro. Nos tempos de Amós seus corações foram atrás de Moloque e dos deuses das estrelas. A referência ao Livro dos Profetas é o que chamamos Profetas Menores. A citação é em realidade de Amós 5:25-27. É distinta de nossa versão devido a Estêvão citar da versão grega de Amós e não da hebraica.

(2) Insiste em que tiveram os privilégios mais surpreendentes. Receberam os profetas; o tabernáculo do testemunho, assim chamado porque nele se guardavam as tábuas da Lei; a Lei que lhes foi entregue pelos anjos. Duas coisas devem ficar lado a lado: havia contínuas rebeliões e desobediências e também privilégios contínuos. A pessoa quanto mais privilégios tem, maior é sua condenação se tomar o caminho equivocado. De modo que Estêvão insiste em que a condenação da nação judia é completa porque apesar do fato de haverem tido todas as oportunidades para agir melhor, eles se rebelaram contínua e conseqüentemente contra Deus.

(3) Estêvão insiste em que limitaram a Deus equivocadamente. O templo que deveria ter sido a bênção maior se converteu em sua maior maldição. Tinham chegado a adorar o templo em lugar de a Deus. Tinham terminado com um Deus judeu que vivia em Jerusalém em lugar de ter um Deus para todos os homens, cuja morada era todo o universo.

(4) Estêvão os acusa de terem açoitado continuamente os profetas; e logo chegamos à acusação máxima: ele os acusa de terem assassinado o próprio Filho de Deus. E notemos que Estêvão não os escusa com a desculpa de sua ignorância como o fez Pedro. Não é a ignorância, mas sim a desobediência rebelde a que os levou a cometer esse crime. Há ira nas palavras finais de Estêvão, mas também tristeza. Existe a ira do homem que vê que seu povo cometeu o mais terrível dos crimes; mas

existe a tristeza do homem que vê que seu povo rechaçou o destino que Deus lhe ofereceu.

O PRIMEIRO MÁRTIR

Atos 7:54-60

Uma dissertação como esta não podia ter outro final; Estêvão desafiou a morte e ela chegou. Mas Estêvão não viu as caras retorcidas de ira. Seu olhar tinha transpassado o tempo e viu Jesus à mão direita de Deus. Mas quando o disse, para eles só foi a maior das blasfêmias. A pena por blasfêmia, por falar mal de Deus, era morrer apedrejado (Deuteronômio 13:6 ss.). Devemos notar que não foi um juízo. Foi um linchamento, porque o Sinédrio não tinha direito de condenar ninguém à morte. O que matou a Estêvão foi uma explosão de ira cega e incontrolada.

O método de lapidação era o seguinte. Levava-se a réu a uma certa altura e o despenhava. Esta era a obra das testemunhas. Se morria na queda, bem; se não, jogavam-se sobre ele grandes pedras até que finalmente morria.

Há na cena certas coisas que devemos notar a respeito de Estêvão.

(1) Vemos o segredo de seu valor. Seu segredo era que além do que todos esses homens pudessem fazer com ele, via que à sua espera estavam as boas-vindas de seu Senhor. Via o martírio como a entrada ao trono de Cristo.

(2) Vemos Estêvão seguindo o exemplo de seu Senhor. Assim como Jesus orou pelo perdão dos que O executavam (Lucas 23:34) Estêvão também o fez.

Quando George Wishart ia ser executado, o verdugo duvidou. Wishart se aproximou e o beijou. "Vamos", disse, "eis aqui uma prova de que te perdôo." Toda a lição da história é que o homem que segue a Cristo até o fim, achará forças para fazer coisas que parecem humanamente impossíveis.

(3) Para Estêvão o terrível tumulto terminou em uma estranha paz. Dormiu. Chegou-lhe a paz que sobrevém ao homem que fez o que era certo embora tenha que morrer por isso.

Atos 8

Como Saulo entrou em cena - 8:1a
Estragos na igreja - 8:1b-3
Em Samaria - 8:4-13
Coisas que não se podem comprar nem vender - 8:14-25
Cristo chega a um etíope - 8:26-40

COMO SAULO ENTROU EM CENA

Atos 8:1a

A primeira parte do primeiro versículo do capítulo 8 corresponde à seção do capítulo 7. Saulo entrou em cena. O homem que ia converter-se no apóstolo dos Gentios é o homem que concordou totalmente com a execução de Estêvão. Mas como disse Agostinho: "A Igreja deve à oração de Estêvão o ter ganho a Paulo."

Por mais que tentasse, Saulo nunca pôde esquecer a maneira como Estêvão morreu. O sangue dos mártires já tinha começado a ser a semente da Igreja.

A Igreja se expande

O capítulo 8 é intensamente importante para a história da Igreja. Esta começou sendo uma instituição puramente judia. Atos 6 nos mostra o começo, os primeiros murmúrios, do grande debate da aceitação dos gentios. Estêvão tinha tido uma mentalidade muito acima dos limites nacionais. Agora o capítulo 8 nos mostra a Igreja expandindo-se. A perseguição dispersou a Igreja a outras nações e aonde quer que fossem, os cristãos levavam seu evangelho.

No capítulo 8 aparece Filipe quem, como Estêvão, era um dos Sete e que se deve distinguir do Filipe que era um dos Doze. Em primeiro lugar, Filipe pregou aos samaritanos. Estes formavam uma ponte natural entre os judeus e os gentios porque eram metade judeus e metade gentios Logo vem o incidente do eunuco etíope no qual o evangelho dá outro passo para fora, a um círculo ainda maior.

A Igreja ainda não sabia o que era que estava fazendo. Ainda não tinha uma concepção da missão mundial nem da Igreja mundial; mas agora, quando lemos este capítulo à luz do que logo ia acontecer, vemo-la avançar inconsciente mas irresistivelmente, ao seu destino e à sua tarefa.

ESTRAGOS NA IGREJA

Atos 8:1b-3

A morte de Estêvão foi o sinal do começo da perseguição, que obrigou os cristãos a espalhar-se e buscar segurança nos distritos mais remotos do país.

Há dois pontos especialmente interessantes nesta pequena seção.

(1) Os apóstolos se mantiveram firmes. Outros podiam fugir buscando segurança, mas eles desafiaram qualquer perigo que pudesse apresentar-se. Tiveram êxito nisto por duas razões.

(a) Tinham coragem. Conrad conta que, quando era um marinheiro jovem que estava aprendendo a guiar um veleiro, levantou-se uma grande tormenta. O homem mais velho que o ensinava deu-lhe um só conselho: "Enfrente-a! Enfrente-a sempre." Os apóstolos estavam decididos a enfrentar qualquer perigo que os espreitasse.

(b) Além disto, eram homens bons. Podiam ser cristãos, mas havia algo neles que ganhou o respeito de todos.

Conta-se que uma vez se lançou uma acusação caluniosa contra Platão. Sua resposta foi: "Viverei de tal maneira que todos saibam que é uma mentira."

A beleza e o poder da vida dos apóstolos era algo tão impressionante que até nos dias de perseguição os homens duvidavam até da idéia de pôr suas mãos sobre eles".

(2) Saulo assolava a Igreja. A palavra utilizada em grego denota uma crueldade brutal e sádica que se aplica a um javali que destroça uma vinha na qual entrou, e a um animal selvagem que se enfurece em um corpo. O contraste entre o homem que estava atacando a Igreja neste capítulo e aquele que se rendeu a Cristo no próximo é intensamente dramático.

EM SAMARIA

Atos 8:4-13

Quando os cristãos foram dispersos, Filipe, que se tornou famoso como um dos Sete, chegou a Samaria e pregou ali. Todo este incidente do trabalho em Samaria é assombroso devido a que era proverbial que os judeus não se comunicavam com os samaritanos (João 4:9). As divergências entre ambos era de séculos. Muito antes, no século VIII a.C., os assírios conquistaram o reino do Norte cuja capital era Samaria. Como costumavam fazer os conquistadores naqueles dias, deportaram a maior parte da população e a puseram no estrangeiro.

No século VI os babilônios conquistaram o reino do Sul cuja capital era Jerusalém e levaram seus habitantes a Babilônia; mas estes se negaram completamente a perder sua identidade e permaneceram obstinadamente os judeus. No século V a.C. foi-lhes permitido voltar e reconstruir sua cidade destroçada sob Esdras e Neemias.

Enquanto isso, aqueles que, pertencendo ao reino do Norte, ficaram na Palestina uniram-se a raças estrangeiras que se introduziram no território. Ao fazer isto perderam sua pureza racial e para um judeu isto era um crime imperdoável. Quando chegou o povo do reino do Sul e começou a reconstruir sua cidade, o povo de Samaria, que nunca se afastou do lugar e que se casou com estrangeiros, ofereceram seu ajuda,

mas foram rechaçados com desprezo porque não eram judeus puros. E desde esse dia em adiante houve uma brecha incurável e um ódio amargo entre judeus e samaritanos. O fato de que Filipe pregasse aqui, que os apóstolos viessem, que a mensagem de Jesus se desse a esta gente, mostra a Igreja dando inconscientemente um dos passos mais importantes de sua história. Sem dar-se conta estão descobrindo que Cristo é para todo o mundo. Sabemos muito pouco a respeito de Filipe, mas foi um dos arquitetos da Igreja cristã.

Devemos assinalar o que foi que o cristianismo deu a esse povo.

(1) Deu-lhe a história de Jesus. Deu-lhe simplesmente a mensagem do amor de Deus em Jesus Cristo.

(2) Deu-lhe cura. O cristianismo nunca foi algo que só consiste em palavras. Trazia luz à mente dos homens e cura para seu corpo.

(3) Deu-lhe, como conseqüência natural disto, uma alegria que os samaritanos nunca tinham conhecido. O cristianismo que cria uma atmosfera de tristeza é falso; o verdadeiro é aquele que irradia alegria em qualquer momento.

COISAS QUE NÃO SE PODEM COMPRAR NEM VENDER

Atos 8:14-25

Simão não era um personagem incomum no mundo antigo. Havia muitos astrólogos, adivinhos e magos, e em uma era crédula tinham uma grande influência e viviam luxuosamente. Não devemos nos surpreender muito disto quando até o século XX não se libertou dos adivinhos e da astrologia, como pode testemunhá-lo quase qualquer periódico ou revista popular. De maneira nenhuma devemos pensar que Simão e seus colegas fossem estelionatários e impostores conscientes. Muitos deles se enganaram a si mesmos antes de fazê-lo com outros. Criam em seus próprios poderes.

Para compreender corretamente o que era que Simão queria, devemos ter em conta algumas das coisas da atmosfera e a prática da

Igreja primitiva. Nela a entrada do Espírito no homem estava relacionada com certos fenômenos bem visíveis e definidos. Em especial estava relacionada com o dom de falar em línguas (Atos 10: 44-46). Quando o Espírito Santo entrava em um homem, este experimentava uma espécie de êxtase que se manifestava no estranho fenômeno de emitir sons sem sentido. Pode parecer estranho, mas isto era muito impressionante. Na prática judia era muito comum a imposição das mãos. Quando se realizava isto se dizia que havia uma transferência de certas qualidades de uma pessoa a outra. Ainda utilizamos este costume na ordenação de ministros.

Não se tem que pensar por um momento que isto representa um conceito completamente materialista da transferência do Espírito. O fator dominante era a personalidade da pessoa que impunha as mãos. Os apóstolos eram tão respeitados, admirados e até venerados que simplesmente sentir o roce de suas mãos era uma experiência profundamente espiritual.

Em uma reminiscência pessoal, lembro de ter ido ver um homem que era um dos maiores eruditos e santos da Igreja. Eu era muito jovem e ele era muito idoso. Fiquei a sós com ele por um momento e nesse instante impôs suas mãos sobre mim e me abençoou. Até o dia de hoje, quase trinta anos depois, posso sentir ainda a emoção desse momento. Assim era a imposição de mãos na Igreja primitiva.

Simão estava impressionado pelos efeitos visíveis da imposição das mãos e tentou comprar a habilidade para fazer o que os apóstolos podiam fazer. Simão deixou seu nomeio na linguagem comum, pois a palavra *simonia* significa ainda a indigna compra-venta de postos eclesiásticos.

Simão tinha duas falhas.

(1) Não estava interessado realmente em dar o Espírito Santo a outros; só lhe interessavam o poder e o prestígio que adquiriria com ele. Esta exaltação do eu é sempre o perigo do pregador e do professor. É certo que ambos devem brilhar aos olhos dos homens; mas também é

certo — como disse Denney — que não podemos demonstrar ao mesmo tempo que somos inteligentes e que Cristo é maravilhoso.

(2) Simão se esqueceu de que há certos dons que dependem do caráter. O dinheiro não pode comprá-los. Mais uma vez, deve-se advertir o pregador e o professor: "Pregar é comunicar a verdade através da personalidade." Para dar o Espírito a outros não é necessário que alguém seja rico, mas sim que a gente mesmo possua o Espírito.

CRISTO CHEGA A UM ETÍOPE

Atos 8:26-40

Havia um caminho de Jerusalém que levava a Belém e Hebrom e que se unia à rota principal ao Egito no sul de Gaza. Havia duas cidades com este nome. A antiga foi destruída na guerra do ano 93 a.C. e a nova Gaza fora construída mais ao sul no ano 57 a.C. A primeira era chamada Antiga ou Gaza do Deserto para distinguir a da outra. Este caminho que passava por Gaza era transitado por quase a metade do trânsito do mundo; era um caminho no qual Filipe tinha muitas possibilidades de ter uma aventura por Cristo. Nesta rota apareceu o eunuco etíope em seu carro. Era o chanceler da fazenda real de Candace. Candace é mais um título que um nome próprio, que se dava a todas as rainhas de Etiópia.

Este eunuco esteve em Jerusalém adorando. Deve ter sido uma destas duas coisas. Naqueles dias o mundo estava cheio de pessoas que se cansaram de seus muitos deuses e da desordem moral de seus povos. Aproximavam-se do judaísmo e nele encontravam o Deus único e a moral austera que dava significado à vida. Se aceitavam o judaísmo e eram circuncidados e guardavam a Lei se convertiam em *prosélitos*; se não chegavam a isto, mas continuavam concorrendo às sinagogas judias e liam as Escrituras eram chamados *tementes a Deus*. De modo que este etíope deve ter sido uma dessas pessoas que tinha achado descanso no judaísmo fosse como prosélito ou temente a Deus. Ia lendo o capítulo 53 de Isaías; e começando por ele Filipe lhe mostrou quem era Jesus.

Ao crer, batizou-se. Por meio do batismo e da circuncisão os gentios formavam parte da fé judia. Na época do Novo Testamento se batizavam principalmente os adultos; não é que houvesse algo contra o batismo de crianças, mas nesses momentos se convertiam homens e mulheres de outras crenças e a família cristã apenas teve tempo para desenvolver-se. O batismo para estes cristãos primitivos era, sempre que possível, por imersão e em águas correntes.

Simbolizava três coisas.

(1) Simbolizava a purificação. Assim como o corpo era purificado pela água, também sua alma se inundava na graça de Cristo.

(2) Marcava um momento definido na vida. Conta-se de um missionário que ao batizar os convertidos os fazia entrar em rio por uma margem, batizava-os, e os fazia sair pela outra margem, como se no momento do batismo se traçou em suas vidas uma linha que os enviava a um novo mundo.

(3) O batismo era uma união verdadeira com Cristo. Ao cobrirem as águas sua cabeça, o homem parecia morrer com Cristo, e ao surgir se levantava com Ele, um novo homem para uma vida nova (Rom. 6:1-4).

A tradição nos diz que este eunuco voltou para seu lar e evangelizou a Etiópia. Podemos estar seguros ao menos de que aquele que seguiu seu caminho contente não poderia guardar sua nova alegria para si mesmo.

Atos 9

Rendição - 9:1-9
Um ato cristão de boas-vindas - 9:10-19a
Testemunhando para Cristo - 9:19b-22
Fuga perigosa - 9:23-25
Rejeitado em Jerusalém - 9:26-31
Os atos de Pedro - 9:32-43

RENDIÇÃO

Atos 9:1-9

Nesta passagem temos o relato da conversão mais famosa da história. Devemos penetrar na mente de Paulo o quanto pudermos, para então vermos que não se trata de uma conversão repentina, mas de uma rendição repentina. Algo a respeito de Estêvão subsistia na mente de Paulo e não podia apagar-se. Como podia um homem bom morrer assim? Para fazer calar essa insistente duvida Paulo se lançou à ação mais violenta possível.

Muitas vezes acontece que quando um homem se dirige a realizar uma ação de cuja retidão tem certas dúvidas, redobra seus esforços e se esforça para convencer-se a si mesmo de que sua atitude é a correta, para silenciar suas dúvidas. Sua primeira ação foi perseguir os cristãos de Jerusalém. Isto só piorava as coisas porque estava obrigado a perguntar-se a si mesmo que segredo fazia com que essa gente singela enfrentasse o perigo, o sofrimento e a perda de seus bens, serenos e sem medo de ninguém. De modo que, afundando-se ainda mais na ação violenta e com sanha redobrada se apresentou perante o Sinédrio.

As ordens do Sinédrio tinham vigência em qualquer lugar em que houvesse judeus. Paulo ouviu que alguns cristãos escaparam a Damasco e pediu cartas que o creditassem para ir a essa cidade e reclamá-los por extradição. A viagem só piorou as coisas. Entre Jerusalém e Damasco havia cerca de duzentos e trinta quilômetros. A viagem devia fazer-se a pé e levaria em torno de uma semana. Os únicos acompanhantes de Paulo eram os oficiais do Sinédrio, uma sorte de força policial. Sendo fariseu, não podia tratar com eles; de modo que partia sozinho; e ao fazê-lo pensava, porque não tinha outra coisa a fazer. O caminho atravessava Galiléia e esta região trouxe para sua memória mais vividamente aquele Jesus. A tensão em seu interior aumentou. Assim chegou perto de Damasco.

Damasco era uma das cidades mais velhas do mundo. Justo diante dela a rota subia o Monte Hermón, e lá abaixo estava Damasco, uma bela cidade branca em uma planície verde, "um punhado de pérolas em uma taça de esmeraldas", como alguém a chamou. Essa região tinha um fenômeno característico. Quando o ar quente da planície se encontrava com o ar frio da montanha, desatavam-se violentas tormentas elétricas. Nesse momento houve uma tormenta deste tipo e Cristo falou com Paulo através dela. E nesse momento finalizou a batalha e Paulo se rendeu a Cristo. De modo que entrou em Damasco mudado. E que grande mudança houve nele! Aquele que tinha tentado entrar em Damasco como uma fúria vingativa, o fazia guiado pela mão, cego e impotente como um menino.

Todo o cristianismo está presente no que o Cristo ressuscitado disse a Paulo. “Levante-se, entre na cidade; alguém lhe dirá o que você deve fazer” (v. 6, NVI). Até esse momento Paulo esteve fazendo o que *ele* queria, o que *ele* considerava apropriado, o que sua vontade opinava. Deste momento em diante alguém lhe diria o que teria que fazer. O cristão é um homem que deixou de fazer o que ele desejava e começou a fazer o que Jesus Cristo quer que faça.

UM ATO CRISTÃO DE BOAS-VINDAS

Atos 9:10-19a

Sem dúvida alguma Ananias é um dos heróis esquecidos da Igreja cristã. Se for certo que a Igreja Paulo deve à oração de Estêvão, também é certo que se deve à fraternidade de Ananias. A reputação de Paulo chegou antes dele. Ananias recebeu a mensagem de Deus de que devia ir ajudá-lo. É levado dirige a uma rua chamada Direita. Esta era uma grande rua que corria do leste ao oeste da cidade. Estava dividida em três partes, um meio-fio central por onde se movia o trânsito, e duas calçadas para os pedestres caminharem e onde os mercados, sob toldos de lona, sentavam-se em seus pequenos negócios e ofereciam suas mercadorias.

Quando essa mensagem chegou a Ananias deve ter parecido uma loucura. Deus lhe disse: "Vá e ajude o homem que veio para pôr você numa prisão e que teria amado assassiná-lo." Poderia ter-se aproximado de Paulo com suspeitas, como alguém que está realizando uma tarefa que lhe desgosta; poderia ter começado muito bem com recriminações e o culpando; mas não o fez; suas primeiras palavras foram: *"Irmão Saulo"*. Que boas-vindas havia nessas palavras! É um dos exemplos mais sublimes do amor e perdão cristãos. Isso é o que Cristo pode fazer.

Bryan Green nos conta que depois de uma de suas campanhas nos Estados Unidos pediu na reunião final que o povo ficasse de pé e em poucas palavras lhe dissessem o que ela significou para suas vidas. Levantou-se uma jovem negra. Não era uma boa oradora e disse o seguinte: "Através desta campanha encontrei a Cristo, e Ele me permitiu perdoar ao homem que assassinou a meu pai."

Permitiu-me perdoar... essa é a essência do cristianismo. Em Cristo, Paulo e Ananias, os homem que tinham sido terríveis inimigos, uniram-se como irmãos.

TESTEMUNHANDO PARA CRISTO

Atos 9:19b-22

Este é o relato de Lucas do que aconteceu a Paulo depois de sua conversão. Se queremos ter uma cronologia de todo o período em nossas mentes devemos ler também o relato do mesmo Paulo que encontramos no Gálatas 1:15-24.

Quando comparamos os relatos achamos que os atos aconteceram assim.

(1) Saulo se converte no caminho a Damasco.
(2) Prega em Damasco.
(3) Foge a Arábia (Gálatas 1:17).
(4) Volta e prega em Damasco por um período de três anos (Gálatas 1:18).

(5) Vai a Jerusalém.
(6) Foge de Jerusalém para Cesaréia.
(7) Volta para as regiões de Síria e Cilícia (Gálatas 1:21).

De modo que, ao compararmos a narração de Lucas e a de Paulo encontramos que começou fazendo duas coisas.

(1) Deu imediatamente testemunho nas sinagogas de Damasco. Havia muitos judeus nessa cidade. Haveria nela mais de uma sinagoga, devido a que no mundo antigo as sinagogas abundavam como hoje as igrejas. Foi nessas sinagogas de Damasco onde Paulo pela primeira vez elevou sua voz por Cristo. Era um ato de grande coragem moral. Paulo recebera suas cartas de apresentação perante essas sinagogas como agente oficial da fé judia e do Sinédrio. Teria sido muito mais fácil começar seu testemunho cristão em algum lugar em que não o conhecessem e o seu passado não estivesse contra ele. Paulo neste momento está dizendo: "Mudei e estou decidido que saibam melhor os que me conhecem." Neste momento já está dizendo orgulhosamente: "Não me envergonho do evangelho de Cristo."

(2) Lucas não menciona a segunda coisa que fez. Em Gálatas 1:17 Paulo diz: "Mas sim fui a Arábia." Paulo tinha experimentado em sua vida esta grande mudança e por um tempo tinha que estar a sós com Deus. Diante dele havia uma vida nova e distinta. De modo que em primeiro lugar, Paulo buscou a Deus. Precisava de duas coisas: ser guiado por um caminho que lhe era totalmente estranho e precisava de forças para uma tarefa quase entristecedora. E se dirigiu a Deus pedindo ambas as coisas. DEle tinha recebido a visão e agora buscava o poder para levá-la a cabo.

FUGA PERIGOSA

Atos 9:23-25

Este é um vívido exemplo de quanto pode implicar uma só oração na narração bíblica. Lucas diz que *passados muitos dias* em Damasco aconteceram estas coisas. O período encerrado nessa frase não é menor de três anos (Gálatas 1:18). De modo que por três anos Paulo trabalhou e pregou em Damasco. Os judeus estavam tão decididos a matá-lo, que estabeleceram guardas nas portas da cidade para que não lhes escapasse. Mas as cidades antigas eram muradas e as muralhas eram às vezes o suficientemente largas como para que um carro andasse sobre elas. Nelas havia casas cujas janelas freqüentemente se projetavam para fora. Paulo foi levado em plena noite a uma dessas casas e o baixou com cordas em uma cesta, e assim pôde sair escondido de Damasco e dirigir-se a Jerusalém. Ali Paulo começou sua carreira de aventuras. Está só no início de suas aventuras por Cristo, mas até ali está escapando de perigo de morte e tem sua vida em suas mãos.

Todo este incidente diz duas coisas a respeito de Paulo.

(1) Dá testemunho de sua coragem. Deve ter visto as ameaças contra si nas sinagogas. Sabia o que tinha acontecido a Estêvão e sabia o que era que podia lhe acontecer. Sabia o que tinha tentado fazer aos cristãos e sabia que isso mesmo podia lhe suceder. Evidentemente o cristianismo não lhe seria fácil, mas todo o tom do incidente, para aquele que pode ler as entrelinhas, mostra que Paulo se alegrava nesses perigos. Davam-lhe a oportunidade de demonstrar sua nova fidelidade ao Mestre que tinha açoitado e que se converteu naquele a quem ele amava, e em cujo serviço teria morrido com alegria.

(2) Dá fé da efetividade da pregação e do testemunho de Paulo. Era tão irrebatível que quando os judeus se encontraram desarmados no debate recorriam à violência. Ninguém persegue a alguém que é ineficaz e que obviamente não importa.

George Bernard Shaw disse uma vez que uma das formas em que melhor se pode adular a um autor é queimando seus livros. Alguém disse: "Um lobo jamais atacará a uma ovelha de pintura."

O cristianismo falso está sempre a salvo. O verdadeiro cristianismo está sempre em perigo. Sofrer perseguição é o maior das adulações devido a que se trata de uma prova certa de que os homens pensam que realmente importamos.

REJEITADO EM JERUSALÉM

Atos 9:26-31

Quando Paulo chegou a Jerusalém se encontrou com que o considerava com a mais grave suspicácia e desconfiança. Não podia ser de outra maneira. Nessa mesma cidade tinha feito estragos na Igreja e conduziu homens e mulheres ao cárcere.

Vimos como em momentos cruciais de sua carreira certas pessoas foram os instrumentos que ganharam Paulo para a Igreja. Paulo deve à Igreja, primeiro à oração de Estêvão, depois ao espírito perdoador de Ananias. E agora vemos que ele deve ao coração caridoso de Barnabé. Quando todos os outros evitavam a Paulo e suspeitavam dele o pior, Barnabé o tomou pela mão e o apadrinhou. Por meio desta ação Barnabé demonstrou ser verdadeiramente cristão.

(1) Era um homem que insistia em crer o melhor de outros. Quando outros suspeitavam que Paulo era um espião e um *agent provocateur* Barnabé insistiu em crer que era genuíno e real. O mundo está principalmente dividido em pessoas que pensam bem de outros e naqueles que pensam sempre o pior; e um dos atos curiosos da vida é que ordinariamente nos vemos em outros, o reflexo de nós mesmos e os pintamos o que cremos que são. Se insistirmos em considerar um homem com suspicácia, terminaremos vendo-o fazer coisas suspeitas. Se insistirmos em crer num homem, terminaremos obrigando-o a justificar essa crença. Como o próprio Paulo disse que o amor “não suspeita mal”.

Ninguém creu nos homens como Jesus o fez e é suficiente para um discípulo ser igual a seu Senhor.

(2) Era um homem que nunca usou o passado de uma pessoa contra ela. Dá-se tantas vezes o caso que porque um homem cometeu um engano uma vez, consideramo-lo condenado para sempre. Uma das grandezas características do coração de Deus é que Ele não utilizou nossos pecados passados contra nós. Nós tampouco devemos condenar o homem que fracassou.

Nesta passagem vemos Paulo em uma ação característica. Discutiu com os judeus de fala grega. Estêvão tinha sido um desses helenistas. E muito provavelmente Paulo se dirigiu às mesmas sinagogas em que uma vez se havia oposto a Estêvão, para dar testemunho do fato de que sua vida tinha mudado. Paulo foi um homem que esteve sempre preparado para olhar de frente ao passado, que é uma das coisas mais difíceis de fazer.

E aqui outra vez vemos Paulo correndo perigo de morte. De agora em diante sua vida será uma série de escapatórias por um fio de cabelo. De Jerusalém foi levado a Cesaréia e dali a Tarso. Mais uma vez está seguindo a política coerente de sua vida, porque retorna a seu povo natal para lhes dizer que trocou e que aquele que o trocou é Jesus Cristo.

OS ATOS DE PEDRO

Atos 9:32-43

Por um momento Paulo foi o centro do relato; mas agora mais uma vez é Pedro quem ocupa o primeiro lugar. Esta passagem realmente é uma continuação de 8:25. Mostra Pedro em ação. Mostra-nos definidamente a fonte do poder de Pedro. Quando curou a Enéias não disse: "Eu te curo" mas sim: "Jesus Cristo te cura." Antes de falar com a Tabita — que em hebraico significa gazela e cuja tradução grega é Dorcas — Pedro orou, porém não apelou a seu próprio poder, mas ao de Jesus Cristo seu Senhor. Pedro nunca pretendeu ser uma fonte de poder;

era só um instrumento do mesmo. Nós pensamos muito no que podemos fazer e muito pouco no que Cristo pode realizar através de nós.

Há uma palavra muito interessante nesta passagem. Em duas oportunidades se chama *santos* aos cristãos de Lida (vs. 32 e 41). Esta mesma palavra aparece neste capitulo quando Ananias descreve os cristãos de Jerusalém (versículo 13). Esta é a palavra que Paulo usa sempre para descrever a um membro de igreja, pois sempre dirige suas cartas aos santos que estão em determinado lugar. A palavra que se utiliza é *hagios* em grego. Trata-se de um termo com muitas conotações. Às vezes é traduzida por santo, mas a raiz dela é *diferente.* Descreve algo que é distinto das coisas comuns. Portanto, basicamente, o cristão é um homem que é *diferente* das pessoas que pertencem simplesmente a este mundo.

Mas no que reside essa diferença? *Hagios* se utiliza para referir-se especialmente ao povo de Israel. É especificamente um povo *santo, diferente*. Sua distinção descansa em que foi escolhido por Deus entre todas as nações para ser seu povo e realizar sua tarefa. Israel fracassou em seu destino. Foi desobediente e se rebelou contra Deus. Devido a suas ações perdeu seus privilégios e a *Igreja* se converteu no verdadeiro Israel. Chegou a ser o povo de Deus, diferente. Esta é a razão por que se utiliza esta palavra para descrever a um de seus membros. Israel tinha sido em um momento o único povo *diferente;* agora os cristãos são o verdadeiro Israel e conformam o povo *diferente.* E nisto reside sua diferença: foram escolhidos para os propósitos especiais de Deus.

De modo que não somos diferentes de outros porque fomos escolhidos para grandes honras, prestígio e glória na Terra; somos diferentes porque fomos escolhidos para uma grande tarefa e um serviço ainda maior. Somos salvos para servir.

Atos 10

Um soldado dedicado - 10:1-8
Pedro aprende uma lição - 10:9-16

O encontro de Pedro e Cornélio - 10:17-33
O coração do Evangelho - 10:34-43
A aceitação dos gentios - 10:44-48

UM SOLDADO DEDICADO

Atos 10:1-8

O décimo capítulo de Atos nos relata uma história que marca uma das maiores mudanças na vida da Igreja. Pela primeira vez se admitirá um gentio na comunidade cristã. Devido ao fato de Cornélio ser um personagem tão importante na história da Igreja consideremos o que sabemos a respeito dele.

(1) Era um centurião romano comissionado em Cesaréia, onde se encontrava o quartel geral do governo na Palestina. A palavra traduzida para *companhia* é o termo grego que corresponde a coorte. Na organização militar romana a *legião* ocupava o primeiro lugar. Tratava-se de uma força composta por seis mil homens e portanto poderia igualar-se a uma divisão. Em cada legião havia dez *coortes.* Portanto cada uma delas tinha seiscentos homens e podia comparar-se a um batalhão. A coorte estava dividida em *centúrias* sobre as quais mandava um *centurião.* Equivaliam aproximadamente a uma companhia. Um centurião em nossa organização militar seria um primeiro sargento. Os centuriões eram a espinha dorsal do exército romano.

Um historiador antigo descreve as características de um centurião da seguinte maneira: "Devem ser bons líderes, prudentes e seguros, nem muito temerários nem descuidados, sem a inclinação de tomar a ofensiva em uma luta descontrolada, mas capazes de não ceder, e morrer em seu posto ao ser afligidos e pressionados pelo inimigo." Portanto, Cornélio era um homem que sabia muito bem o que significava coragem e fidelidade.

(2) Era um homem *temente a Deus*. Na época do Novo Testamento esta se converteu em uma expressão técnica para os gentios que,

cansados de seus muitos deuses e das imoralidades e frustrações de suas crenças ancestrais, tinham aceito a religião judia. Em segundo lugar, pois, Cornélio era um homem que estava buscando a Deus, e enquanto o fazia, Deus o encontrou.

(3) Era um homem dadivoso, que se destacava por sua bondade. Sua busca de Deus o fez amar aos homens, e aquele que ama a seu próximo não está longe do Reino de Deus.

(4) Era um homem que orava. Talvez não soubesse bem ainda a que Deus orava; mas, de acordo com o conhecimento que tinha, Cornélio vivia perto de Deus.

PEDRO APRENDE UMA LIÇÃO

Atos 10:9-16

Antes de Cornélio ser aceito na Igreja, Pedro tinha que aprender uma lição. Os judeus estritos criam que Deus não tinha nada que ver com os gentios, que seus favores eram para os judeus e somente os judeus. Algumas vezes até chegavam a dizer que não se devia ajudar a uma mulher gentia a dar a luz, porque isso seria simplesmente trazer outro gentio ao mundo. Pedro tinha que reconsiderar isto antes de Cornélio poder ser aceito.

Há um detalhe que demonstra que Pedro estava a caminho de reconsiderar a rigidez em que foi criado. Estava alojado na casa de um homem que se chamava Simão, que era curtidor (9:43; 10:5). Este ofício era impuro. Trabalhava com os cadáveres de animais e portanto estava permanentemente em condição de impureza (Números 19:11-13). Nenhum judeu rígido teria sequer sonhado em aceitar a hospitalidade de um curtidor. Sua impureza fazia com que Simão tivesse que viver na costa fora da cidade. Mas Pedro estava alojado na casa dele. Sem dúvida este curtidor era cristão e Pedro começou a ver que o cristianismo tinha abolido essas leis e tabus insignificantes.

Ao meio-dia Pedro subiu ao terraço para orar. Nessa época os tetos das casas eram planos; e devido a que as casas eram pequenas e estavam sempre cheias, as pessoas subiam ao terraço em busca de silêncio e intimidade. Ali viu o grande lençol que descia. Possivelmente sobre o teto havia um toldo para impedir a passagem do calor do Sol. E possivelmente este se converteu no grande lençol no êxtase de Pedro. A palavra *lençol* é a mesma que se usa para descrever a *vela* de um barco. Possivelmente Pedro estava sobre o teto olhando as águas azuis do Mediterrâneo e viu velas na distância e elas se converteram em sua visão. De qualquer maneira, lhe apareceu um lençol com animais sobre ele; uma voz lhe disse que matasse e comesse.

Os judeus tinham leis muito estritas a respeito das comidas. Encontram-se em Levítico 11. Falando em geral só podiam comer animais ruminantes que tivessem unhas fendidas. Todos os outros se consideravam *impuros* e proibidos. Pedro estava surpreso e protestou dizendo que jamais tinha comido nada que fosse impuro. A voz lhe disse que não chamasse impuro ou comum ao que Deus purificou. Isto aconteceu três vezes de modo que não houvesse nenhum mal-entendido nem se podia soslaiar a lição.

Pedro teria considerado impuro a um gentio; mas agora Deus o estava preparando para os visitantes que chegariam. No transcurso de uns momentos Pedro tinha que reconsiderar os hábitos e as tradições de toda uma vida.

O ENCONTRO DE PEDRO E CORNÉLIO

Atos 10:17-33

Nesta passagem acontecem as coisas mais surpreendentes. Mais uma vez recordemos a atitude judia para com os gentios Os judeus criam que Deus só considerava a eles e que as outras nações estavam totalmente fora de sua misericórdia e privilégios. Os judeus realmente estritos não podiam ter nenhum contato com os gentios e nem sequer

com um judeu que não guardasse a Lei. Havia duas coisas em particular que um judeu estrito jamais fazia. Nunca teria um convidado, nem seria hóspede de alguém que não observasse a Lei.

Recordando isto, vejamos o que fez Pedro. Quando os emissários de Cornélio chegaram à porta — e notemos que conhecendo a posição judia não transpassaram a porta — Pedro os convidou a entrar e lhes ofereceu sua hospitalidade (v. 23). Quando Pedro chegou a Cesaréia, Cornélio o recebeu na porta, sem dúvida alguma pensando que Pedro não transpassaria a soleira, e o apóstolo entrou (v. 27). As barreiras estão começando a desaparecer da maneira mais surpreendente. Isto é algo típico da tarefa de Cristo.

Um missionário moderno nos relata como uma vez oficiou em um serviço de comunhão na África. Junto a ele, como ancião, sentou-se um velho chefe *ngoni* chamado Coração Varonil. Havia muitos *ngonis* na congregação. O ancião podia recordar os dias em que os guerreiros jovens saíram para ensangüentar suas lanças e deixavam atrás de si uma esteira de cidades incendiadas e devastadas e retornaram com suas lanças tintas em sangue e as mulheres do inimigo como despojo. E quais eram as tribos que nesses dias tinham destruído? Tratava-se dos *senga* e dos *tumbuka*. E quem estava presente nesse serviço de comunhão? Os *ngonis*, os *senga* e os *tumbuka* lado a lado, tendo esquecido sua inimizade, unidos no amor de Jesus Cristo. Nos tempos primitivos uma das características do cristianismo era que rompia as barreiras; e ainda pode fazê-lo quando existe a oportunidade.

O CORAÇÃO DO EVANGELHO

Atos 10:34-43

É evidente que nesta passagem só temos um breve resumo do que Pedro disse a Cornélio. Por isso é tão mais importante, já que nos encontramos com a essência da primeira pregação a respeito de Jesus.

(1) Jesus foi enviado por Deus e dotado por Ele com o Espírito e com poder. Portanto é o dom de Deus para os homens. Muitas vezes cometemos o engano de pensar em um Deus zangado que teve que ser pacificado por algo que fez o amável Jesus. Os primeiros pregadores nunca disseram isso. Para eles a vinda de Jesus se devia ao amor de Deus.

(2) Jesus levou a cabo um ministério de cura. Foi em forma única alguém que ajudou os homens. Seu grande desejo era abolir a dor e a tristeza do mundo.

(3) Prenderam-no e o crucificaram. Mais uma vez se dá ênfase, para quem pode ler nas entrelinhas, ao horrendo crime da crucificação. Isso é o que pode fazer o pecado e a desobediência dos homens.

(4) Ressuscitou. O poder que tinha enviado a Jesus e que estava nele não podia ser derrotado. Podia vencer o pior que podiam fazer os homens e no fim pôde conquistar a morte.

(5) O pregador e professor cristão é testemunha da ressurreição. Jesus não é para ele um personagem de um livro ou alguém de quem ouviu. É uma presença divina que encontrou e com o qual falou face a face.

(6) O resultado de tudo isto é o perdão dos pecados. O resultado é que o homem entrou em uma nova relação com Deus. Desapareceram a alienação, a hostilidade e o medo. Através de Jesus amanheceu sobre a humanidade a amizade que teria que ter existido sempre entre Deus e o homem, mas que o pecado interrompeu.

A ACEITAÇÃO DOS GENTIOS

Atos 10:44-48

Enquanto Pedro falava começaram a acontecer coisas que os judeus cristãos não podiam discutir. O Espírito veio sobre Cornélio e seus amigos. Caíram em êxtase e começaram a falar em línguas. Para os

judeus esta era a prova final do fato surpreendente de que Deus tinha dado seu Espírito também aos gentios.

Há dois fatos interessantes nesta passagem.

(1) Estes gentios convertidos, como acontecia sempre em Atos, foram batizados nesse mesmo instante. Não se destaca neste livro que só um grupo de pessoas pudesse administrar o batismo. Em nossos dias deve ser feito por um ministro ordenado da Igreja. A grande verdade em Atos é que a Igreja cristã como tal estava recebendo a estes convertidos.

Faremos bem em recordar que no batismo moderno não é o ministro que recebe o menino, e menos ainda, quem lhe dá simplesmente um nome; é a Igreja a que recebe a esse menino em nome de Jesus Cristo. A Igreja faria muito bem em recordar que em cada cerimônia de batismo está aceitando a responsabilidade do menino que entra em sua comunidade.

(2) A última frase é muito significativa. Pediram a Pedro que permanecesse com eles por uns dias. Por que? Certamente para que lhes ensinasse mais, para poder aprender mais. Faríamos bem em recordar que o converter-nos em membros da Igreja não é o fim do caminho, mas o seu começo. Ainda fica o dever de aprender, de penetrar mais profundamente cada dia nas riquezas inescrutáveis de Cristo.

Atos 11

Pedro se defende - 11:1-10
Uma história convincente - 11:11-18
Grandes coisas sucedem em Antioquia - 11:19-21
A sabedoria de Barnabé - 11:22-26
Ajuda em momentos difíceis - 11:27-30

PEDRO SE DEFENDE

Atos 11:1-10

A importância que Lucas dava a este incidente está demonstrada pela quantidade de espaço que lhe dedicou. Nos tempos antigos um escritor não contava com um espaço limitado. Ainda não se usava a forma de livro. Os escritores usavam rolos de um material chamado papiro, que foi o precursor do papel, e que era feito da medula da planta do mesmo nome, que era uma espécie de junco. O rolo era muito pesado e a medida que podia manipular-se facilmente estava estritamente limitada. O rolo mais longo que se utilizava tinha uns onze metros e essa medida precisamente seria necessária para escrever o livro dos Atos.

Dentro desse espaço Lucas tinha que trabalhar com um material praticamente interminável. Tinha que selecionar com grande cuidado o que ia preservar e escrever; e entretanto encontrou que este incidente de Pedro e Cornélio era de uma importância tal que o relata totalmente duas vezes. Lucas estava certo.

Geralmente não nos damos conta de que o cristianismo esteve muito perto de transformar-se em outro tipo de judaísmo. Todos os primeiros cristãos eram judeus e a tradição e as perspectivas judias os teriam levado a guardar estas novas maravilhas para si mesmos e crer que não era possível que Deus quisesse que fossem aos desprezados gentios. Lucas nos relata duas vezes este incidente completo porque vê nele um notável marco no caminho pelo qual a Igreja buscava tateando a concepção de um mundo para Cristo.

UMA HISTÓRIA CONVINCENTE

Atos 11:11-18

A falta pela qual se iniciou o juízo contra Pedro consistia em que comeu com gentios (versículo 3). Já vimos que um judeu estrito não podia conversar com um gentio. Apenas se concebia que um judeu

entrasse por algum motivo prático à casa de um gentio; mas era totalmente incrível que se sentasse a comer com ele. Ao fazê-lo, Pedro violou a Lei ancestral e as tradições de seu povo. Devemos ter em conta a defesa de Pedro. Não argumentou; simplesmente demonstrou os fatos. Não importava o que estes críticos disseram; o Espírito Santo tinha descendido sobre esses gentios em forma notável. Isto não se podia discutir. No versículo 12 há um detalhe incidental muito interessante e significativo. Pedro diz que levou a seis crentes consigo. Isso fazia que houvesse sete pessoas presentes. Na lei egípcia, que os judeus conheciam bem, era preciso sete testemunhas para comprovar totalmente um caso. Na lei romana, que também conheceriam bem, necessitavam-se sete selos para autenticar um documento realmente importante tal como um testamento. De modo que Pedro em realidade estava dizendo: "Não discuto com vocês. Estou-lhes contando os fatos e tenho sete testemunhas. O caso está provado."

A prova do cristianismo reside sempre nos fatos. É duvidoso que alguma vez alguém tenha sido ganho para o cristianismo por meio de provas verbais e demonstrações lógicas. A prova é que age, que um realidade muda os homens, que converte os maus em bons, que lhes confere o Espírito de Deus; e portanto o dever do cristão não é falar a respeito de sua fé mas demonstrá-la. Um dos maiores descréditos para o cristianismo ocorre quando as ações de um homem demonstram que suas palavras mentem; quando as palavras estão garantidas pela ação, o mundo vê perante si um fato a favor do cristianismo que suportará qualquer negativa.

GRANDES COISAS SUCEDEM EM ANTIOQUIA

Atos 11:19-21

Em umas poucas palavras sóbrias e restringidas nos relata um dos maiores eventos da história. Agora, pela primeira vez, prega-se

deliberadamente o evangelho aos gentios. Tudo esteve trabalhando neste sentido. Encontramo-nos com três degraus e três pilares no caminho.

Primeiro, Filipe pregou aos samaritanos. Foi um degrau; mas os samaritanos depois de tudo eram meio judeus e conformavam uma ponte entre o mundo judeu e o gentio.

Segundo, Pedro tinha aceito a Cornélio. Mas notemos que neste caso há uma diferença vital. Cornélio tomou a iniciativa. A Igreja cristã não o buscou; mas foi ele quem saiu em sua busca. Além disso, dá-se ênfase ao detalhe de que Cornélio era temente a Deus e, portanto, estava nos limites da fé judia.

Terceiro, encontramo-nos com este degrau final em Antioquia. Aqui a Igreja não se dirigiu às pessoas que eram judias ou meio judias; nem esperou que os gentios se aproximassem buscando ser admitidos. Deliberadamente e com um propósito determinado, em forma espontânea e sem esperar o convite, pregou-se o evangelho aos gentios. Por fim o cristianismo se lançou à sua missão mundial.

Aqui nos encontramos com um fato realmente surpreendente. A Igreja deu um dos passos mais importantes de todas as épocas; e nem sequer sabemos os nomes daqueles que o fizeram. Tudo o que sabemos é que provinham de Chipre e de Cirene; mas ninguém sabe nem jamais se saberá quem eram. Entram na história como os anônimos pioneiros de Cristo. Uma das tragédias da Igreja foi sempre que os homens queriam ser vistos, agradecidos, elogiados quando faziam algo que consideravam valioso. O que a Igreja necessitou sempre, possivelmente mais que qualquer outra coisa, é gente que faça sua tarefa sem se preocupar a quem se dará reconhecimento. Pode ser que aqueles homens não tenham escrito seus nomes nos livros de história; mas foram escritos para sempre no Livro da Vida.

Mas surge outro fato surpreendente. Este incidente dá começo a uma seção de Atos em que Antioquia ocupa o lugar principal. Antioquia era a terceira cidade do mundo em tamanho. Só Roma e Alexandria eram maiores. Estava localizada perto da desembocadura do rio Orontes a uns

vinte e quatro quilômetros do Mediterrâneo. Era uma bela e cosmopolita cidade. Mas era sinônimo de imoralidade e luxúria. Era famosa por suas carreiras de carros e por uma busca deliberada do prazer que se desenvolvia literalmente dia e noite. Em termos modernos, podemos descrevê-la como uma cidade enlouquecida pelo jogo, as apostas e os clubes noturnos. Mas acima de tudo era famosa pelo culto a Dafne cujo templo estava a uns oito quilômetros da cidade nos bosques de louros. A lenda diz que Dafne era uma jovem mortal da qual Apolo se apaixonou. Perseguiu-a, e para salvar-se ela se converteu em uma planta de louro. As sacerdotisas do templo de Dafne eram prostitutas sagradas e, todas as noites, nestes bosques de louro se reiniciava a perseguição das sacerdotisas por parte de seus fiéis. "A moral de Dafne" era uma frase que todo mundo utilizava significando uma forma de vida desregrada e luxuriosa. Parece incrível, e entretanto é certo, que em uma cidade como esta o cristianismo deu o grande passo para converter-se na religião do mundo. Basta pensar nisto para descobrir que não existem situações desesperadoras.

A SABEDORIA DE BARNABÉ

Atos 11:22-26

Quando os líderes da Igreja em Jerusalém se inteiraram do que acontecia em Antioquia enviaram naturalmente alguém para que investigasse a situação.

Pela graça de Deus enviaram a quem enviaram. Poderiam ter mandado a alguém com uma mentalidade rígida e estreita que tivesse feito da lei um deus e que estivesse preso a suas normas e regras; mas enviaram o homem que tinha o coração maior de toda a Igreja. Enviaram a Barnabé. Barnabé já tinha apoiado a Paulo e o tinha patrocinado quando todos suspeitavam dele (Atos 9:27). Já tinha dado uma prova de seu amor cristão com sua generosidade para com os irmãos necessitados (Atos 4:36-37).

De modo que quando foi ver o que acontecia, e observou que os gentios eram atraídos à comunidade da Igreja, alegrou-se muito. Mas devia achar-se alguém a quem encarregar da tarefa. Esse alguém devia ter uma dupla formação. Devia tratar-se de um judeu criado na tradição judia; mas devia ser também um homem que enfrentasse os gentios em um plano de igualdade. Devia ter coragem, já que Antioquia não era um lugar fácil para um líder cristão; e devia ser hábil para falar e discutir já que deveria enfrentar o ataque de judeus e gentios. Barnabé conhecia esse homem. Por quase nove anos não soubemos nada a respeito de Paulo. A última notícia que tivemos dele foi quando escapou de Cesaréia a Tarso (Atos 9:30). Sem dúvida durante este tempo tinha estado dando testemunho de Cristo em sua cidade natal. Esteve preparando-se, e agora estava pronta a tarefa que lhe tinha sido destinada; e Barnabé com uma profunda sabedoria o pôs a cargo dela.

Em Antioquia foi onde se chamou os cristãos por este nome pela primeira vez. Esta palavra começou sendo um mote. O povo desta cidade era famosa pela facilidade com que encontravam motes risonhos. Mais tarde o barbado imperador Juliano visitou a cidade e o batizaram "O Bode". A terminação — *iani* significa *pertencente ao partido de*... Por exemplo *caesariani* significa *pertencente ao partido de César*. Cristãos significa: Esses *amigos de Cristo*. Era um mote meio zombador, risonho e depreciativo. Mas os cristãos tomaram o mote e o converteram em uma palavra que todo mundo chegaria a conhecer. Por meio de suas vidas o converteram em um nome que deixou de ser depreciativo para significar coragem e amor por virtudes admiradas por todos os homens.

AJUDA EM MOMENTOS DIFÍCEIS

Atos 11:27-30

Nesta passagem aparecem em cena os profetas. Na Igreja primitiva eram gente muito importante. São novamente mencionados em Atos

13:1; 15; 32; 21:9-10. Na Igreja primitiva, em geral, havia três grupos de dirigentes e funcionários.

(1) Havia os *apóstolos.* Sua autoridade não era restrita a um lugar determinado; suas decisões envolviam toda a Igreja; eram realmente considerados como sucessores de Jesus.

(2) Havia os *anciãos.* Estes eram os ministros locais. Sua autoridade se limitava ao lugar que dirigiam. Estavam a cargo das Igrejas locais.

(3) Havia os *profetas.* Devemos deduzir sua função de seu nome. A palavra *profeta* significa tanto *adivinho* como *alguém que prediz o futuro*. Eram homens que prediziam o futuro, mas mais ainda, prediziam a vontade de Deus. Não tinham uma esfera de ação limitada; não pertenciam a uma determinada igreja. Eram homens que viviam perto de Deus e que não tinham lares nem ataduras, mas sim foram a todas as partes apontando Deus aos homens. Sua reputação era muito boa.

Os *Ensinos dos Doze Apóstolos* que data do ano 100 d. C. contém o primeiro livro de ordens de culto da Igreja. Estão estabelecidas as ordens para um serviço de eucaristia, o sacramento da Ceia do Senhor, mas se dispõe também que os profetas têm permissão para conduzir o culto tal como o desejem. Os homens sabiam que tinham dons especiais. Mas também corriam perigos especiais. Os mais baixos motivos podiam fazer surgir um profeta. Havia falsos profetas, que simplesmente golpeavam às portas da caridade cristã e viviam dela. O mesmo livro adverte contra o profeta que em uma visão pede dinheiro ou comida; ensina que se deve dar hospitalidade por só uma noite e que se deseja ficar por mais tempo sem trabalhar é porque se trata de um falso profeta. Na Igreja primitiva, os profetas eram os homens errantes de Deus.

Todo este incidente é muito significativo porque demonstra que os homens primitivos se deram conta da unidade da Igreja. Se havia fome na Palestina, instintivamente a primeira coisa que a Igreja de Antioquia fez foi ajudar. Naqueles dias sabiam que eram membros do corpo de Cristo. Para eles era inconcebível que uma parte da Igreja tivesse problemas e a outra não se interessasse por ela. Ainda estavam longe da

perspectiva congregacional; tinham a visão ampla da Igreja como uma totalidade. Não eram membros da Igreja de Antioquia; eram-no da Igreja de Cristo.

Atos 12

Prisão e resgate - 12:1-11
A alegria da reintegração - 12:12-19
Um final terrível - 12:20-25

PRISÃO E RESGATE

Atos 12:1-11

Agora estalou sobre a Igreja, e em especial sobre seus dirigentes, uma nova onda de perseguições. Atrás dela estava a influência do rei Herodes.

Consideremos brevemente as diversas ramificações da família dos Herodes quanto à sua relação com o Novo Testamento. O primeiro Herodes que aparece nele é *Herodes o Grande*. Reinou de cerca do ano 41 a.C. até 1 a.C. É o Herodes de Mateus 2, que ostentava o poder quando nasceu Jesus, que recebeu os Magos do Oriente e que ordenou a massacre de meninos. casou-se dez vezes. Desta família, aqueles membros que aparecem no Novo Testamento são os seguintes:

(1) *Herodes Filipe I*, primeiro marido de Herodias, responsável pela morte de João Batista. É mencionado com o nome de Filipe em Mateus 14:3; Marcos 6:17; Lucas 3:19. Não tinha nenhuma acusação oficial. Era o pai do Salomé.

(2) *Herodes Antipas*, que reinou sobre a Galiléia e Peréia. Foi o segundo marido de Herodías e esteve de acordo com a morte de João Batista. Também é o Herodes a quem Pilatos envia a Jesus para que o julgue (Lucas 23: 7ss).

(3) *Arquelau*, que reinou sobre Judéia, Samaria e Iduméia. Era um mau governante e foi deposto. É mencionado em Mateus 2:22.

(4) *Herodes Filipe II*, que reinou sobre Ituréia e Traconites. Foi o fundador de Cesaréia de Filipos que recebeu este nome devido a ele. No Novo Testamento é chamado Filipe e é mencionado em Lucas 3: 1.

(5) Herodes o Grande teve outro filho chamado Aristóbulo; sua mãe era Mariana, uma princesa que descendia dos grandes heróis macabeus. Foi assassinado por seu próprio pai, mas tinha um filho chamado *Herodes Agripa*. Este é aquele que aparece nesta passagem.

(6) Para completar esta lista levemos em conta que este Herodes foi o pai de (a) *Agripa* II perante o qual se examinou a Paulo e este pronunciou seu famoso discurso (Atos 25 e 26), (b) *Berenice* que aparece com ele quando Paulo foi examinado, (c) *Drusila* que era a esposa de Félix, o governador perante o qual Paulo é julgado (Atos 24:24).

Desta história de família podemos ver que Herodes Agripa era um descendente direto dos macabeus por parte de sua mãe Mariana. Tinha sido educado em Roma, mas cultivava assiduamente os bons costumes do povo judeu observando meticulosamente a Lei e suas tradições. Por esta razão era apreciado pelo povo; e, sem lugar a dúvidas, para obter mais favores entre os judeus ortodoxos decidiu atacar à Igreja cristã e a seus líderes. Vemos portanto que Santiago foi vítima dos planos de Herodes para ganhar a avaliação popular, e que o encarceramento de Pedro foi devido aos mesmos planos. Sua conduta na detenção de Pedro demonstra seu desejo de apaziguar os judeus. A Páscoa se festejava no dia 14 de Nisã; durante esse dia e os sete seguintes não se devia usar levedura; era chamava a semana dos pães asmos. Durante ela não se podia julgar nem executar a ninguém e essa é a razão pela qual Herodes decidiu adiar a execução de Pedro até que terminasse a semana. A grande tragédia desta onda de perseguições é que não se deve aos princípios de ninguém, por equivocados que estivessem; deve-se simplesmente ao desejo do Herodes de ganhar o apoio popular do povo.

A ALEGRIA DA REINTEGRAÇÃO

Atos 12:12-19

Tomaram-se grandes precauções para que Pedro não escapasse. Era vigiado por quatro grupos de quatro soldados cada um. Havia quatro grupos devido a que tanto o dia como a noite estavam divididos em quatro vigílias de três horas de duração cada uma; cada grupo vigiava três horas por turno.

Normalmente se encadeava a mão direita dos prisioneiros à esquerda de seu guarda; mas Pedro tinha ambas as mãos encadeadas a um guarda de cada lado, enquanto os outros dois vigiavam a porta. Não se podia ter tomado mais precauções. Quando Pedro escapou, os soldados foram executados porque a lei estabelecia que se um criminoso escapava, seu guarda devia sofrer o mesmo castigo que teria sofrido o prisioneiro.

Não devemos ver necessariamente um milagre nesta história. Bem pode ser o relato de um emocionante resgate e fuga. Mas embora fosse assim, ainda seria *narrado* da mesma maneira porque, de qualquer maneira que tenha acontecido, a mão de Deus esteve claramente presente.

Quando Pedro escapou dirigiu-se diretamente à casa de Maria, a mãe de João Marcos. Por isso nos inteiramos de que a sede da Igreja cristã estava ali. Sugeriu-se que nessa mesma casa se celebrou a Última Ceia e que continuou sendo o lugar de reunião dos discípulos em Jerusalém. Bem podemos considerar o que estavam fazendo os cristãos nessa casa. Estavam orando. Frente às dificuldades e sem ninguém mais a quem recorrer, acudiam a Deus.

Nesta passagem se menciona pela primeira vez o homem que era o verdadeiro chefe da Igreja cristã em Jerusalém. Pedro lhes diz para irem dar a notícia a Tiago. Este homem era irmão de nosso Senhor. No Oriente era natural e se aceitava que o irmão continuasse com a tarefa do mais velho que foi assassinado; mas pelos Evangelhos sabemos que os

irmãos de Jesus não criam nEle (João 7:5) e que em realidade criam que estava louco (Marcos 3:21). Enquanto Jesus viveu, Tiago não o apoiou. Mas sabemos que o Cristo ressuscitado apareceu especialmente a Tiago (1 Coríntios 15:7).

Há um Evangelho muito antigo chamado o Evangelho aos Hebreus que nos relata que depois da morte de Jesus, Tiago fez uma promessa dizendo que não comeria nem beberia até que visse Jesus novamente. Bem pode ser que o que a vida de Jesus não pôde fazer, o obterá sua morte, e que quando Tiago viu seu irmão morto descobriu quem era realmente e dedicou toda sua vida a servi-lo. A mudança que se produziu nele pode ser outro grande exemplo do poder da cruz para mudar a vida dos homens.

UM FINAL TERRÍVEL

Atos 12:20-25

Aqui nos encontramos com o terrível final que, com uma sorte de justiça poética caiu sobre Herodes. Havia nesse então certa questão entre ele e os habitantes de Tiro e Sidom. Para estes povos se tratava de um assunto sério. Suas terras estavam ao norte da Palestina. Herodes podia criar-lhes dificuldades de duas maneiras. Se desviava o comércio da Palestina de seus portos seus ganhos se veriam seriamente danificados. E o que era pior, Tiro e Sidom dependiam para obter mantimentos da Palestina e se fosse suspenso esse abastecimento sua situação seria muito séria sem dúvida alguma. Estes povos conseguiram subornar a Blasto, o mordomo do rei, e lhes concedeu uma audiência pública. Temos que recordar a popularidade de Herodes. Josefo, o historiador judeu, descreve que, no segundo dia do festival, entrou em anfiteatro vestido com uma túnica de fiação de prata. O Sol cintilava sobre a prata e o povo gritava que tinha chegado um deus. Nesse momento caiu sobre ele uma terrível e repentina enfermidade da qual nunca se recuperou. O orgulho de um homem tinha terminado com a ira de Deus.

Os versículos 24 e 25 nos fazem voltar a Atos 11:27-30. Paulo e Barnabé tinham completado seu serviço de misericórdia para com a Igreja de Jerusalém e voltaram à Antioquia, levando consigo a João Marcos.

Atos 13

Enviados pelo Espírito Santo - 13:1-3
Êxito em Chipre - 13:4-12
O desertor - 13:13
Uma viagem perigosa para um homem doente - 13:14-15
A pregação de Paulo - 13:16-41
Problemas em Antioquia - 13:42-52

ENVIADOS PELO ESPÍRITO SANTO

Atos 13:1-3

A Igreja cristã já estava amadurecida para tomar a maior de todas suas decisões. Tinham mimado, com toda deliberação em levar a mensagem do evangelho a todo mundo. Foi uma decisão tomada sob a direção direta do Espírito Santo. A verdade é que os homens da Igreja primitiva nunca faziam sua vontade, mas vontade de Deus.

A primeira viagem missionária

Os capítulos 13 e 14 de Atos nos relatam a história da primeira viagem missionária. Paulo e Barnabé saíram de Antioquia. Esta cidade estava a uns vinte e quatro quilômetros da desembocadura do rio Orontes de modo que em realidade zarparam de Selêucia que era o porto de Antioquia. dali cruzaram o mar para com o Chipre. Pregaram em Salamina e Pafos. Zarparam desta última e atracaram em Perge, em Panfília, que era uma província costeira. Não pregaram ali. Como

veremos, a razão pela qual não agiram nesta cidade foi porque o clima dessa zona costeira baixa não convinha à saúde de Paulo.

Penetraram no continente e chegaram a Antioquia da Pisídia. Quando a situação se tornou perigosa prosseguiram e chegaram a Icônio que estava a uns cento e cinqüenta quilômetros de Antioquia. Mais uma vez suas vidas se viram ameaçadas e deveram ir a Listra que estava a uns trinta e cinco quilômetros. Depois de ter sofrido um ataque muito sério e perigoso passaram a Derbe, cuja localização ainda não foi identificada. Dali voltaram a seu ponto de partida, passando por Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia. Dali foram à província costeira de Panfília. Esta vez pregaram em Perge. Logo tomaram o barco em Atalia, que era o porto principal de Panfília, e zarparam para com Selêucia, retornando a Antioquia. A viagem durou perto de três anos.

Esta passagem nos fala de *profetas e mestres*. Tinham funções diferentes. Os profetas não pertenciam a nenhuma igreja determinada. Eram pregadores errantes que davam toda sua vida para escutar a palavra de Deus e transmiti-la a seus irmãos na fé. Os professores pertenciam às igrejas locais e sua funções eram as de instruir àqueles que aceitavam a fé cristã.

Assinalou-se que esta lista de profetas simboliza o chamado universal do evangelho. Barnabé era um judeu oriundo de Chipre; Lúcio provinha de Cirene no Norte da África; Simeão era também um judeu mas é dado seu outro nome, Níger que é romano e que mostra que se deve ter movido em círculos compostos por romanos; Manaém era um homem com conexões na aristocracia e na corte; e o próprio Paulo era um judeu de Tarso em Cilícia e um rabino. Neste pequeno grupo está exemplificada a influência unificadora do cristianismo. Homens de muitas terras e de distintos passados tinham descoberto o segredo de estar juntos devido a que tinham descoberto o segredo de Cristo.

Fez-se uma especulação muito interessante. Simeão que era chamado Níger provavelmente procederia também da África, já que seu nome é africano. Sugeriu-se que este Simeão é o mesmo homem Simão

do Cirene que levou a cruz de Jesus (Lucas 23:26). Seria um fato maravilhoso que o homem cujo primeiro contato com Jesus foi levar-lhe a cruz — uma tarefa que deve lhe ter incomodado amargamente — fosse um dos homens principalmente responsáveis por levar diretamente a história da cruz a todo o mundo.

ÊXITO EM CHIPRE

Atos 13:4-12

Paulo e Barnabé se dirigiram em primeiro lugar a Chipre. Podemos ver a mão de Barnabé nisto. O era nativo dessa região (Atos 4:36), e era típico de seu amável coração que desejasse compartilhar os tesouros de Jesus em primeiro lugar com sua própria gente.

Chipre era uma província romana, famosa por sua minas de cobre e sua indústria naval. Às vezes se chamava Makária que significa a Ilha Feliz, porque se dizia que seu clima era tão perfeito e seus recursos e produtos tão variados que dentro de seus limites se podia achar todo o necessário para uma existência feliz. Paulo não escolheu nunca o caminho fácil. Pregaram em Pafos, a capital da ilha. Pafos era famosa ou infame pelo culto a Vênus, a deusa do amor, e era sinônimo de imoralidade e luxúria. O governador do Chipre era Sergio Paulo. Eram épocas intensamente supersticiosas. A superstição é sempre signo de que uma civilização está em decadência. A maioria dos grandes homens, até os inteligentes como Sergio Paulo, tinham magos próprios, que eram adivinhos e que sabiam de magia e encantamentos. Barjesus ou Elimas — uma palavra, árabe que significa o *hábil* — era o mago particular de Sergio Paulo. Ele viu que se o governador se convertesse ao cristianismo perderia seu posto. Mas Paulo o encarou efetivamente.

Até este momento Paulo é chamado Saulo. Nesses dias todos os judeus tinham dois nomes. Um era judeu, por ele os conhecia em seu círculo de ação; o outro era grego, e por ele eram conhecidos em todas partes. Algumas vezes o nome grego era tradução do hebraico. Assim é

como o hebraico Cefas e o grego Pedro significam rocha; Tomé em hebraico e Dídimo em grego significam "gêmeo". Outras vezes se imitava o som. Assim é como Eliaquim se converte em Alcimo em grego e Josué se converte em Jesus. Assim é como Paulo era Saulo em seu lar e Paulo para o resto do mundo. Pode ser que desde esse momento tenha aceito tão completamente sua missão como apóstolo dos gentios, que começou a utilizar unicamente seu nome gentio. Se foi assim, está assinalando que desde este momento se envolveu na tarefa para a qual o Espírito Santo o separou e que já não poderá voltar atrás.

O DESERTOR

Atos 13:13

Sem que se mencione sequer seu nome, este versículo contém o maior de todos os tributos a Barnabé. Até este momento a ordem foi sempre Barnabé e Saulo (Atos 13:2). Foi Barnabé que partiu como chefe da expedição. Mas agora referimos a Paulo e Barnabé. Paulo assumiu a liderança do grupo. E o bonito é que não sabemos que Barnabé se tenha queixado. Estava pronto a ocupar o segundo lugar, sempre que se fizesse a obra de Deus.

Mas o principal interesse deste versículo é que deixa uma mancha na biografia de João Marcos — pois o João que aqui se menciona é aquele que conhecemos melhor como Marcos — que foi ao mesmo tempo um desertor e um homem que se redimiu a si mesmo. Marcos era muito jovem. Parece que a casa de sua mãe era a sede da Igreja em Jerusalém (Atos 12:12). E Marcos deve ter estado sempre muito perto do centro da fé. Paulo e Barnabé o levaram como ajudante, devido a que era parente de Barnabé: mas ele retornou a seu lar. Nunca saberemos por que o fez. Possivelmente se ressentiu diante da deposição de Barnabé; possivelmente teve medo diante da proposta de viajar à meseta onde estava Antioquia da Pisídia por um dos caminhos mais difíceis e perigosos do mundo: possivelmente, devido a que provinha de Jerusalém

duvidava perante a idéia de pregar aos gentios; possivelmente nesse momento era um desses jovens que serviam mais para começar algo que para terminá-lo; possivelmente — como disse Crisóstomo há tempo — sentia saudades a sua mãe. Qualquer que fosse a razão, partiu. Por um tempo Paulo achou muito difícil perdoá-lo. Ao partir na segunda viagem missionária Barnabé quis levá-lo novamente mas Paulo se negou a fazê-lo, devido a que tinha desertado em Panfília (Atos 15:38), e por causa disto Paulo e Barnabé deixaram de viajar juntos para sempre.

Marcos desaparece da história. A tradição e a lenda contam que foi a Alexandria e ao Egito e fundou uma Igreja ali. Mas quando surge novamente uns vinte anos depois é o homem que se redimiu a si mesmo. Quando Paulo escreveu aos Colossenses estando no cárcere em Roma lhes diz que recebam a Marcos se é que vai a eles. De modo que Marcos está novamente com Paulo. E no final quando escreve a Timóteo pouco antes de morrer, diz: “Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério” (2 Timóteo 4:11). O homem que uma vez foi um desertor chegou a ser de utilidade para Paulo.

Como disse Fosdick: "Ninguém precisa permanecer tal qual é". Pela graça de Deus o homem que uma vez desertou se converteu no autor de um evangelho, e no final, Paulo o necessitava.

UMA VIAGEM PERIGOSA PARA UM HOMEM DOENTE

Atos 13:14-15

Uma das coisas que nos surpreendem de Atos é o heroísmo que transmite em uma só oração. Antioquía da Pisídia estava em uma meseta a uns mil e duzentos metros sobre o nível do mar. Para chegar a ela Paulo e Barnabé tiveram que cruzar a cadeia dos Montes Touro por um dos caminhos mais difíceis da Ásia Menor, famoso por seus ladrões e salteadores. Partiam para realizar uma das viagens mais perigosas.

Mas devemos nos fazer uma pergunta: Por que não pregaram em Panfília? Por que deixaram as costas sem ter proclamado a palavra e

partiram por um caminho tão difícil e perigoso? Não muito depois Paulo lhe escreveu uma carta às pessoas de Antioquía da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. É a Carta aos Gálatas, visto que todas estas cidades pertenciam à província romana de Galácia. Nessa carta diz um pouco de importância. “E vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez por causa de uma enfermidade física” (Gálatas 4:13). De modo que quando chegou a Galácia estava doente. Todos sabemos que Paulo tinha um "aguilhão" em sua carne que apesar da oração não se curou (2 Coríntios 12:7-8).

Especulou-se muito a respeito do que podia significar esse aguilhão. A tradição mais antiga nos diz que Paulo sofria de terríveis enxaquecas. E a explicação mais factível é que era vítima de uma febre malária virulenta que existia nas costas baixas da Ásia Menor. Um viajante diz que as enxaquecas características desta malária eram como se um ferro candente atravessasse a fronte; e outro a assemelha ao torno de um dentista trabalhando sobre a têmpora. É muito provável que Paulo se visse atacado por esta malária na baixa Panfília e que tivesse que dirigir-se à meseta para curar-se dela.

Notemos que nunca pensou em retornar. Foi um homem doente aquele que enfrentou a terrível viagem através das montanhas. Mesmo seu corpo estando dolorido. Paulo não deixava de seguir adiante e de aventurar-se por Cristo. De modo que nestes dois versículos há um romance oculto de heroísmo para aqueles que possam percebê-lo.

A PREGAÇÃO DE PAULO

Atos 13:16-41

Esta é uma passagem muito interessante e importante devido a que é o único relatório completo de um sermão de Paulo que possuímos. lhe comparando cuidadosamente com o sermão de Pedro em Atos 2, veremos que os elementos principais são precisamente os mesmos.

O sermão de Paulo tem cinco pontos principais.

(1) Paulo insiste em que a vinda de Jesus é a consumação da história. Dá um esboço da história nacional dos judeus para demonstrar que culmina com Cristo. A história não é um processo sem propósito. Os estóicos criam que a história consistia em ciclos, e que em cada um deles o mundo se destruía em uma grande conflagração e que depois recomeçava o processo. Para eles a história se repetia simplesmente. Uma afirmação moderna e cínica é que a história é o registro dos pecados, enganos e loucuras dos homens. Mas a perspectiva cristã da história se caracteriza por seu otimismo. É seguro que a história se dirige sempre a um fim de acordo com os propósitos de Deus.

(2) Paulo assinala que os homens não reconheceram a divina consumação quando veio em Jesus Cristo. Browning disse: "Devemos amar o mais alto quando o vemos". Mas o homem, ao seguir seu próprio caminho e rechaçar a Deus, pode no final castigar-se a si mesmo com uma cegueira que o impeça de ver. O uso equivocado do livre-arbítrio não finaliza na liberdade, mas sim na ruína.

(3) Embora os homens, cegos em sua insensatez, rechaçaram e crucificaram a Jesus, não derrotaram a Deus, e a ressurreição é a prova do invencível propósito e poder de Deus. Conta-se que uma vez, em uma noite tormentosa, quando soprava um forte vento um menino disse a seu pai com medo: "Deus deve ter perdido o controle sobre os ventos nesta noite." A ressurreição prova que Deus nunca perde o controle, que no final seus propósitos e sua vontade reinarão acima de tudo.

(4) Paulo continua utilizando um argumento exclusivamente judeu. A ressurreição é o cumprimento da profecia, porque Davi recebeu promessas de coisas que evidentemente não se cumpriram nele, mas se cumpriram em Cristo. Mais uma vez, por pouco que nos pareça hoje o valor da profecia, o fato é que a história é um processo que se encaminha para frente. Não é circular e sem fim; olhe para o que virá segundo o propósito de Deus.

(5) A vinda e a mensagem de Cristo são boas novas para o povo. Até esse momento tinham vivido de acordo com a Lei. Ninguém podia

cumpri-la completamente e portanto toda pessoa pensante estava consciente de seu fracasso, de sua incapacidade e de seu culpa inevitável. Mas em Jesus Cristo e em sua vida e morte os homens podem achar o poder que liberta e perdoa, que exime da condenação que pesava sobre eles e que restaura a verdadeira amizade e comunhão entre Deus e o homem.

Mas as que são boas novas para alguns, são más para outros. Piora a condenação daqueles que em sua cegueira viram e rechaçaram e desobedeceram o chamado a crer e aceitar a Jesus Cristo. Existem desculpas para o homem que nunca teve uma oportunidade; mas não existe desculpa para aquele que viu o esplendor do oferecimento de Deus e o rechaçou. Aquilo que é um dom de amor para os que o aceitam, é uma condenação para aqueles que o rechaçam.

PROBLEMAS EM ANTIOQUIA

Atos 13:42-52

Antioquía na Pisídia era uma cidade de natureza inflamável. Era um lugar heterogêneo. Tinha sido fundada por um dos sucessores de Alexandre o Grande ao redor do ano 300 a. C. Os judeus muitas vezes se dirigiam a estas novas cidades para conseguir dominar seu comércio. Devido a que estava em um cruzamento de caminhos se converteu em uma colônia romana no ano 6 a. C. Portanto sua população estava composta por gregos, judeus, romanos e não poucos nativos frígios que eram gente emocional e instável. Era o tipo de população em que uma faísca podia causar um grande incêndio. O que enfureceu os judeus foi que se outorgassem privilégios divinos aos gentios incircuncisos. De modo que tomaram medidas.

Nesta época a religião judia tinha um atrativo especial para as mulheres. Em nada era mais sujo e depravado o mundo antigo que na moral sexual. A vida familiar se estava deteriorando rapidamente. As que mais sofriam eram as mulheres. A religião judia pregava uma ética

altamente pura e austera e uma vida limpa. Muitas mulheres se reuniam em volta das sinagogas, muitas vezes se tratava de mulheres de boa posição social, que encontravam nestes ensinos o que tanto desejavam. Muitas se convertiam em prosélitas; e muitas mais em temerosas de Deus. Os judeus persuadiram a essas mulheres a que incitassem a seus maridos, muitos dos quais eram magistrados e homens influentes, para que tomassem medidas contra os pregadores cristãos. O resultado inevitável foi a perseguição, e Antioquía começou a ser perigosa para Paulo e Barnabé e tiveram que partir. Os judeus tentavam guardar para si todos seus privilégios. De um começo os cristãos viram que os privilégios só se outorgam para ser compartilhados. Os judeus tentavam fechar as portas. De começo os cristãos viram que as portas deviam abrir-se. Como se disse: "Os judeus consideravam os gentios como palha que devia queimar-se; Jesus os considerou frutos que deviam colher-se para Deus". E sua Igreja deve ter a mesma visão de um mundo para Cristo.

Atos 14

Rumo a Icônio - 14:1-7
Confundidos com deuses em Listra - 14:8-18
A coragem de Paulo - 14:19-20
Confirmando a igreja - 14:21-28

RUMO A ICÔNIO

Atos 14:1-7

Paulo e Barnabé se dirigiram a Icônio, cidade localizada a uns cento e cinqüenta quilômetros de Antioquía. Era uma cidade antiga, tão antiga que se dizia sê-lo mais que Damasco. Em seu longínquo passado houve um rei que se chamava Nanacus, e se utilizava a frase "desde os dias de Nanacus" querendo significar "no começo da história...". Como sempre começaram na sinagoga e como sempre tiveram êxito; mas os judeus,

ciumentos, agitaram o povo e mais uma vez Paulo e Barnabé tiveram que ir embora.

Devemos notar que suas vidas estavam cada vez mais em perigo. Em Icônio se propuseram nada menos que linchá-los. À medida que avançavam mais se afastavam da civilização. Nas cidades mais civilizadas suas vidas ao menos estavam a salvo, porque os romanos cuidavam a ordem e um linchamento teria sido rapidamente reprimido; mas agora, longe da civilização, suas vidas estão sempre sob a ameaça da violência popular das multidões frigias agitadas pelos judeus. Qualquer outra coisa que fossem, o certo é que eram dois valentes. Sempre se necessita coragem para ser cristão, porque se deve tomar um caminho que é distinto ao da multidão.

CONFUNDIDOS POR DEUSES EM LISTRA

Atos 14:8-18

Paulo e Barnabé se dirigiram de Icônio a Listra e ali se viram envoltos em um estranho incidente.

A explicação de que foram confundidos com deuses reside na legendária história de Licaônia. Na região da Listra se contava que uma vez Zeus e Hermes tinham baixado à Terra incógnitos e disfarçados. Ninguém em todo o território quis lhes brindar hospitalidade. Finalmente dois velhos camponeses, Filemom e sua esposa Baucis, acolheram-nos e foram gentis com eles. O resultado foi que os deuses destruíram a toda a população com exceção do matrimônio ao que fizeram guardião de um templo esplêndido. Ao morrer, marido e mulher se converteram em duas grandes árvores. De modo que quando Paulo curou o aleijado o povo de Listra decidiu não cometer o mesmo engano e voltar a ignorar aos deuses, Barnabé deve ter sido um homem de aparência nobre, já que o tomaram por Zeus, o rei dos deuses. Hermes era o deus da dissertação e mensageiro dos deuses e, como Paulo era aquele que falava, chamaram-no Hermes.

Mas esta passagem é de especial interesse porque nos dá a conhecer como se aproximava Paulo aos que eram completamente pagãos e que não tinham um passado judeu ao qual podia recorrer. Quando falava com esta gente, começava referindo-se à natureza para chegar a Deus. Todos sabiam a respeito da chuva, do Sol, das épocas de semeadura e colheita; e dali Paulo dirigia as mentes dos homens rumo a Deus que estava por trás de tudo isto. Como grande mestre que era fez o que todo mestre deve fazer — começar de coisas tangíveis e próximas para chegar ao intangível e longínquo. Faríamos bem em recordar que o mundo é a roupagem do Deus vivente.

Conta-se que uma vez, cruzando o Mediterrâneo, o cortejo de Napoleão estava discutindo a respeito de Deus. Na conversa o eliminavam totalmente. Napoleão tinha permanecido calado mas ao final da conversação elevou sua mão e apontou o mar e o céu. Disse: "Senhores, quem fez tudo isto?" Algumas vezes faríamos muito bem em olhar ao mundo e recordar a Deus que criou tudo isso.

A CORAGEM DE PAULO

Atos 14:19-20

Em meio de toda essa excitação na Listra chegaram certos judeus à cidade. Pode ser que o fizeram por uma destas duas razões. Ou estavam seguindo deliberadamente a Paulo e Barnabé para destruir a tarefa que realizavam, ou se tratava de comerciantes em cereais. A região que rodeava Listra era uma grande zona produtora de cereais e pode ser que tivessem ido comprar trigo para as cidades de Icônio e Antioquia. Se assim foi, ficaram muito zangados ao encontrar Paulo ainda pregando e naturalmente levantaram as pessoas contra eles.

É certo que Listra era uma colônia romana; mas se tratava de um posto de avançada militar. Entretanto, quando o povo viu o que tinha feito se assustaram. Por isso arrastaram fora da cidade o que criam ser o cadáver de Paulo. Tinham medo da dura mão da justiça romana e

tentaram desfazer-se do corpo de Paulo para escapar às conseqüências de seu motim.

Mas o fato que sobressai de toda a história é a total intrepidez de Paulo. Quando recuperou sua lucidez novamente, o primeiro que fez foi retornar à cidade onde foi apedrejado. Nunca pensou em fugir.

João Wesley aconselhava: "Olhem sempre a multidão de frente". Paulo nunca fez nada mais corajoso que retornar diretamente à cidade em que tinham tentado matá-lo. É evidente que um fato como este deve ter tido mais efeito que cem sermões. Os homens se viam obrigados a perguntar-se de onde provinha a coragem que permitia a este homem agir dessa maneira.

CONFIRMANDO A IGREJA

Atos 14:21-28

Nesta passagem encontramos três grandes aspectos do pensamento de Paulo.

(1) Sua total honradez com o povo que decidiu converter-se ao cristianismo. Dizia-lhes francamente que teriam que entrar no Reino de Deus atravessando muitas aflições. Não lhes oferecia um caminho fácil. Agia baseando-se no princípio de que Jesus veio "não para fazer a vida fácil, mas para engrandecer os homens".

(2) Na viagem de volta Paulo designou anciãos em todos esses pequenos grupos de novos cristãos. Demonstrou que sua convicção era que do começo o cristianismo devia ser vivido em comunidade. As pessoas não ficavam deixadas somente à sua vida individual. Como o disse um dos grandes pais da Igreja: "Ninguém pode ter a Deus por Pai se não ter a Igreja como mãe".

Como disse João Wesley: "Ninguém foi nunca ao céu sozinho; deve encontrar-se com amigos ou fazer-se amigos deles". Desde um começo o desejo de Paulo não foi somente converter indivíduos, mas formar com esses indivíduos uma congregação cristã.

(3) Paulo e Barnabé nunca pensaram que seu força ou seu poder conseguiram algo. Falavam do que Deus fez com eles. Consideravam-se colaboradores de Deus. Começaremos a ter uma idéia correta do serviço cristão quando trabalharmos não para nossa própria honra ou prestígio, mas sim com a convicção de que somos instrumentos nas mãos de Deus.

O problema crucial

A pregação aos gentios e a afluência destes à Igreja produziram um problema que tinha que resolver. Toda a formação dos judeus se fundava no fato de que eram o povo escolhido. Em realidade o que criam era não só que eles eram a posse especial de Deus, mas também que Deus era posse especial deles.

O problema era o seguinte. Era necessário que um gentio se circuncidasse e aceitasse a Lei de Moisés ao converter-se ao cristianismo e tornar-se membro da Igreja? Em outras palavras: deviam os gentios tornar-se judeus antes de converter-se ao cristianismo? Ou se podia receber na Igreja a um gentio tal qual era? Devia ser aceito pelo simples fato de ser um homem? Mas mesmo que resolvesse este problema ficava outro de importância. Os judeus estritos não podiam ter trato com os gentios. Não pediam recebê-los como hóspedes nem ser hospedados por eles. Dentro do possível tampouco podiam negociar com eles.

De modo que surgiu outra pergunta: Se os gentios eram aceitos na Igreja, até que ponto poderiam associar-se com os judeus na vida social da Igreja e do mundo? Se os gentios fossem aceitos continuariam as linhas de demarcação até dentro da Igreja? Ou se consideraria os gentios e os judeus num mesmo nível, sem nenhuma diferenciação absolutamente?

Estes são os problemas que deviam resolver. A solução não era fácil. Mas no final a Igreja tomou a decisão de que não houvesse diferença entre judeus e gentios. O capítulo 15 de Atos nos fala do

concílio de Jerusalém que tomou esta decisão. Suas decisões foram a proclamação de liberdade dos gentios.

Atos 15

O problema se intensifica - 15:1-5
Pedro dá seu testemunho - 15:6-12
A liderança de Tiago - 15:13-21
O decreto é dado a conhecer - 15:22-35
Paulo novamente toma a estrada - 15:36-41

O PROBLEMA SE INTENSIFICA

Atos 15:1-5

Foi quase por acidente que acontecessem e continuassem acontecendo em Antioquia as coisas mais importantes. Pregava-se o evangelho tanto a judeus como a gentios igualmente e ambos os grupos conviviam como irmãos. Para alguns judeus tudo isto era impensável. Não podiam esquecer do posto que ocupavam os judeus como povo escolhido. Estavam muito dispostos a aceitar os gentios na Igreja, a condição de que primeiro se tornassem judeus e aceitassem a Lei. Se prevalecesse esta atitude, inevitavelmente o cristianismo não seria mais que outra seita do judaísmo.

Alguns destes judeus de idéias mais estreitas foram a Antioquia e tentaram persuadir os conversos de que perderiam tudo a não ser que aceitassem primeiro o judaísmo. Naturalmente, Paulo e Barnabé se opuseram vigorosamente a esta atitude. O assunto chegou a um ponto morto. Havia só uma saída: apelar a Jerusalém, à sede da Igreja, e se devia tomar uma decisão final num ou noutro sentido. A apresentação que fizeram Paulo e Barnabé foi simplesmente um relato do que aconteceu. Esperavam que os fatos falassem por si mesmos. Alguns fariseus se converteram ao cristianismo. O próprio nome fariseu significava separado. Separaram-se de todos os homens com o propósito

de guardar todos os detalhes da Lei. Insistiam em que todos os conversos deviam circuncidar-se e guardar a Lei. A discussão continuava com todo encarniçamento.

O princípio que estava em jogo era completamente simples e fundamental. Era o seguinte: o dom de Deus é para uns poucos escolhidos ou para todo mundo? Se nós mesmos o possuirmos, devemos considerá-lo como um privilégio que nos foi dado especialmente ou como uma responsabilidade? Pode ser que este problema não nos incumba hoje em dia da mesma maneira; mas devemos recordar que ainda existem diferenças entre classes, entre nações, entre distintas cores de pele. Só compreenderemos realmente o verdadeiro significado do cristianismo quando se derrubarem todas as barreiras divisórias.

PEDRO DÁ SEU TESTEMUNHO

Atos 15:6-12

Em resposta aos fariseus e aos judeus mais estritos, Pedro recordou como ele mesmo foi responsável pela recepção de Cornélio na Igreja, nos primeiros dias de sua existência, dez anos atrás. A prova de que agiu corretamente era que Deus lhes concedeu o Espírito Santo ao serem recebidos. Eles poderiam ter sido considerados cerimonialmente impuros de acordo com a Lei; mas Deus tinha feito algo muito maior — por meio de seu Espírito limpou os seus corações. "Que homem encontrou a felicidade através da Lei?" perguntou Pedro. A tentativa de obedecer seus variados mandamentos e ganhar assim a salvação era uma batalha perdida que deixava a todos em dívida. Só há um caminho para todos, aceitar o dom gratuito da graça de Deus em um ato de rendimento e de humilde fé.

Pedro foi diretamente ao coração da questão. Em todo este debate e discussão estava envolto o princípio mais profundo. Era este: Pode o homem ganhar o favor de Deus? Pode justificar-se a si mesmo por seus próprios esforços? Pode chegar a ser considerado justo perante Deus por

si mesmo e por obediência à Lei? Ou deve admitir sua impotência e fraqueza e estar disposto a aceitar em humilde fé o que lhe outorga a graça de Deus e o que por si mesmo não poderia obter?

Em efeito, o partido judeu sustentava: "A religião significa ganhar os favores de Deus guardando a Lei". Pedro sustentava: "A religião consiste em nos entregar à graça e ao amor de Deus". Aqui está implícita a diferença entre a religião das obras e a religião da graça. Ninguém jamais encontrará a paz até que se dê conta de que não pode considerar a Deus como seu devedor; mas sim só pode tomar o que Ele em sua graça lhe outorga. O paradoxo do cristianismo é que o caminho à vitória é o caminho da rendição; e o caminho ao poder é admitir nossa própria fraqueza.

A LIDERANÇA DE TIAGO

Atos 15:13-21

Podemos crer que o assunto de aceitação dos gentios estava na balança; mas Tiago falou. Sua posição foi muito importante. Ele era o líder da Igreja de Jerusalém. Sua liderança não se baseava em um posto oficial; era em realidade uma liderança moral que lhe foi concedida por ser um homem muito especial. Era irmão de Jesus. Cristo ao ressuscitar lhe apareceu especialmente (1 Cor. 15:7). Era uma coluna da Igreja (Gál. 1:19). Era tão constante na oração, que se dizia que seus joelhos eram tão duros como as de um camelo, de tanto ajoelhar-se e por tanto tempo. Era um homem tão bom que era chamado Tiago o Justo. E além disso — o que era extremamente importante — guardava a Lei rigorosamente. Se este homem que era coluna e coroa da ortodoxia ficava do lado dos gentios, então estava tudo solucionado. E Tiago o fez.

Seu critério era que os discípulos deviam ser aceitos na Igreja sem travas nem obstáculos. Mas mesmo que lhes permitisse entrar, seguiria em pé o assunto do trato social cotidiano. Como ia poder associar um

judeu ortodoxo com um gentio? Para facilitar as coisas, Tiago sugeriu que os gentios guardassem certas regras.

Deveriam abster-se das contaminações dos ídolos. Esta era uma norma com respeito à comida. Um dos grandes problemas da Igreja primitiva era o da carne oferecida aos ídolos. Paulo o considera longamente em 1 Coríntios 8 e 9. O que havia por trás disso? Quando um gentio sacrificava em um templo, a maioria das vezes só se utilizava uma pequena porção do sacrificado. O resto lhe era entregue para que fizesse uma festa com seus amigos, dentro do templo ou em seu lar. Quando se sacrificava carne os sacerdotes recebiam parte dela e a vendiam livremente para o consumo. Essa carne se ofereceu aos ídolos e estes eram em realidade demônios e diabos. Nenhum cristão devia poluir-se comendo essa carne.

Deviam abster-se da fornicação. Diz-se que a única virtude nova que o cristianismo trouxe para a humanidade foi a castidade. Os cristãos deviam ser puros em um mundo impuro.

Deviam abster-se de coisas estranguladas e de sangue. Para os judeus o sangue representava a vida. Diziam isto porque quando alguém sangrava a vida também minguava. Portanto o gado era morto e se tentava em tal forma que se sangrava totalmente, porque o sangue era a vida e esta pertencia a Deus. De modo que os gentios foram ordenados comer unicamente carne preparada à maneira judaica. Se não se observavam estas simples normas não poderia haveria trato algum entre judeus e gentios; mas observando-as se destruía a última barreira.

Dentro da Igreja e da comunidade humana ficou estabelecido desde esse momento em diante que judeus e gentios eram um.

O DECRETO É DADO A CONHECER

Atos 15:22-35

Uma vez que a Igreja chegou a uma conclusão agiu com eficiência e cortesia. Estabeleceram-se os termos da decisão em uma carta. Mas

não foi enviada por um mensageiro comum; foi confiada a Judas e Silas que foram a Antioquía com Paulo e Barnabé. Se estes últimos tivessem chegado sozinhos, seus inimigos teriam duvidado da veracidade da mensagem mas Judas e Silas eram emissários oficiais e garantiam a veracidade da decisão. A Igreja foi muito sábia ao enviar uma pessoa com a carta.

Um dos primeiros escritores cristãos declarou que aprendeu mais da voz viva e duradoura que da leitura. Uma carta poderia ter parecido muito fria; mas as palavras alentadoras e o sábio ensino de Judas e Silas adicionaram o calor da amizade que a simples recepção de uma carta nunca teria obtido. É muito simples e prático lembrar problemas que surgiriam pelo envio de uma carta, que nunca seriam suscitados se fosse feita uma visita pessoal. A Igreja não só tomou uma decisão sábia, mas também utilizou os meios mais sensatos para pô-la em ação.

PAULO NOVAMENTE TOMA A ESTRADA

Atos 15: 36-41

Paulo era um aventureiro nato e não podia ficar muito tempo em um só lugar. De modo que decidiu viajar novamente; mas os planos da viagem terminaram com uma ruptura trágica. Barnabé quis levar a João Marcos com eles mais uma vez, mas Paulo não quis mais relacionamento com o homem que desertara na Panfília. A diferença entre ambos se fez tão aguda que se separaram para nunca mais trabalharem juntos. É impossível determinar quem tinha razão. Mas uma coisa é certa: Marcos foi muito feliz ao ter um amigo como Barnabé. Já vimos que ao final se converteu no homem que se redimiu a si mesmo. Pode ser que a amizade de Barnabé, o homem do coração benévolo, devolvesse a Marcos sua auto-estima e que decidiu agir corretamente. A maior coisa que um homem pode ter é alguém que confia nele. Barnabé creu em Marcos e no final Marcos justificou essa confiança.

A segunda viagem missionária

A seção de Atos que vai de 15:36 a 18:23 é ocupada pela narração da segunda viagem missionária de Paulo que durou uns três anos. Começou em Antioquia, Em primeiro lugar percorreu as Igrejas de Síria e Cilícia. Depois voltou a visitar as Igrejas das regiões de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia. Seguiu um período em que não podia ver seu caminho com muita clareza. Esses momentos de incerteza terminaram ao ter a visão de Troas. Dali Paulo cruzou a Neápolis e depois a Filipos. Dali foi a Tessalônica e a Beréia. Logo foi a Atenas e Corinto onde permaneceu por uns dezoito meses. De Corinto viajou a Jerusalém passando por Éfeso e finalmente chegou a Antioquía, o lugar de partida. O grande passo que Paulo deu para frente é que nesta viagem sua atividade passou da Ásia Menor a Europa.

Atos 16

Um filho na fé - 16:1-5
O Evangelho chega à Europa - 16:6-10
A primeira conversão na Europa - 16:11-15
A escrava demente - 16:16-24
O carcereiro de Filipos - 16:25-40

UM FILHO NA FÉ

Atos 16:1-5

Fazia cinco anos que Paulo tinha pregado em Derbe e Listra, mas quando retornou seu coração deve ter-se alegrado porque surgiu um jovem e viria a gostar muito dele. É muito natural que Paulo buscasse a alguém para ocupar o lugar de Marcos. Estava sempre muito consciente da necessidade de preparar uma nova geração para o trabalho e para os dias vindouros. No jovem Timóteo encontrou justo o homem que buscava. Ao considerá-lo, apresenta-se um problema diante do fato de

que Paulo circuncidasse a Timóteo. Acabava de ganhar uma batalha em que a circuncisão se declarou desnecessária. A razão é que Timóteo era judeu e Paulo nunca disse que a circuncisão não fosse necessária para eles. Eram os gentios os que estavam livres das cerimônias do estilo de vida judeu.

Em realidade ao aceitar a Timóteo como judeu, Paulo demonstrou quão emancipado estava do pensamento judeu. Timóteo era filho de um casamento misto. Os judeus estritos se negaram a aceitar tal união como casamento. No caso de um judeu estrito, se uma jovem judia se casava com um gentio, ou vice-versa, o membro judeu do casal se considerava morto. Às vezes até se chegava a realizar seu funeral. Ao aceitar como judeu o filho de um matrimônio assim, Paulo demonstrou quão definitivamente tinha derrubado todas as barreiras.

Timóteo, era um jovem com uma grande herança. Tinha uma mãe e uma avó bondosas (2 Timóteo 1:5). No futuro viria a converter-se no mensageiro de Paulo (1 Cor. 4:17; 1 Tes. 3:2-6). Esteve em Roma com Paulo enquanto este era prisioneiro (Filip. 1:1; 2:19; Col. 1:1; Fil. 1). Quando Paulo escreve aos Coríntios se refere a ele como "meu filho amado" (1 Coríntios 4:17). Quando escreve aos Filipenses diz que não há ninguém que tenha uma mentalidade tão afim à sua (Filipenses 2:20). É bem provável que Paulo tenha visto em Timóteo o seu sucessor para quando tivesse que deixar sua tarefa. Feliz o homem que pode ver o resultado de sua preparação e seus ensinos em alguém que possa recolher sua carga quando ele a deixa cair.

O EVANGELHO CHEGA À EUROPA

Atos 16:6-10

Por um momento todas as comportas se fecharam para Paulo. Pode ter-lhe parecido estranho que o Espírito Santo o impedisse de ir à província romana da Ásia. Ali estava Éfeso e as outras sete Igrejas que receberam as correspondentes cartas no livro do Apocalipse. Também o

impediu de ir a Bitínia. Como enviaria o Espírito Santo suas mensagens a Paulo? Talvez foi por meio de um profeta; ou por uma visão; ou também por uma convicção interior inescapável e inequívoca.

Mas existe ao menos a possibilidade de que o que impediu que Paulo viajasse a estas províncias fosse sua doença, as conseqüências de seu aguilhão na carne. O que torna isto bem provável é que no verso 10 aparece de repente e sem advertência prévia uma passagem em que se utiliza o pronome "nós". A história é relatada em primeira e não em terceira pessoa. Isso nos indica que Lucas estava ali como testemunha ocular e companheiro de Paulo.

Por que razão Lucas emerge tão repentinamente na cena? Quem era Lucas? Era um médico. Acaso não é provável que Lucas estivesse com Paulo por ele necessitar seus serviços profissionais, por ser afligido por um mal que o impedia de realizar todas as viagens que gostaria? Se assim foi, é grandioso pensar que Paulo continuou sendo um mensageiro de Deus em sua fraqueza e dor.

A visão do homem da Macedônia finalmente guiou a Paulo em seu caminho. Quem era este homem? Alguns pensam que era o próprio Lucas, que talvez fosse macedônio. Outros pensam que não se deveria perguntar nada, porque os sonhos não precisam explicar-se dessa maneira.

Mas há uma teoria mais atrativa. Havia um homem que conseguiu conquistar o mundo. Era Alexandre o Grande. Agora, parece que toda a situação foi destinada para Paulo recordar a Alexandre.

O nome completo de Troas era Troas Alexandrina, assim chamada em honra ao grande guerreiro. Cruzando o mar estava Filipos, assim chamada em honra ao pai de Alexandre. um pouco mais à frente Tessalônica, que levava o nome da meia-irmã do guerreiro. A região estava impregnada de lembranças de Alexandre, e ele era quem disse que seu desejo era "casar o leste com o oeste", e unir o mundo. Pode ser que neste momento, enquanto Paulo meditava seu passo do leste ao oeste, da Ásia Menor a Europa, se lhe apresentasse esta visão de Alexandre, o

homem que conquistou o mundo, e que lhe desse um novo impulso para obter um mundo para Cristo.

A PRIMEIRA CONVERSÃO NA EUROPA

Atos 16:11-15

Neápolis — a moderna Kavalla — era o porto de Filipos. Filipos tinha uma longa história. Numa época se chamou Crenides, que significa "Os Mananciais". Mas Filipe da Macedônia, o pai de Alexandre, tinha-a fortificado contra os trácios e lhe tinha dado seu próprio nome. Em uma época havia famosas minas de ouro, mas na época de Paulo estavam esgotadas. Mais tarde foi cena de uma das batalhas mais famosos do mundo, quando Augusto obteve para si o Império Romano. Era uma colônia romana, o que quer dizer que era um pedaço de Roma em um território estrangeiro.

As colônias ocupavam em geral centros estratégicos. Nelas Roma estabelecia um pequeno grupo de veteranos do exército que tinham terminado o serviço ativo. Esses colonos vestiam à romana, falavam o idioma romano e usavam as leis romanas em qualquer lugar. Em nenhuma parte se manifestava tanto o orgulho de ser cidadãos romanos como nessas extensões de Roma. Em Filipos não havia nenhuma sinagoga por onde começar. Mas onde os judeus não podiam ter uma sinagoga havia lugares de oração que estavam localizados geralmente à beira dos rios. Portanto no sábado, Paulo e seus amigos foram por essa área e falaram com as mulheres que ali encontraram.

O extraordinário a respeito da tarefa que Paulo cumpriu em Filipos é a surpreendente mistura de população que ganhou para Cristo. Esta seção nos fala a respeito de Lídia que provinha dos níveis mais altos da escala social. Era vendedora de púrpura. Esta tintura tinha que recolher-se gota a gota de certos crustáceos. Era tão cara que meio quilograma de lã tecida nessa cor custava em torno de cem dólares. Lídia era uma mulher rica, destacada no mundo comercial. Foi ganha para Cristo. E

devemos notar sua reação imediata: ofereceu a hospitalidade de seu casa a Paulo e seus amigos.

Quando Paulo descreve o caráter cristão assinala que um crente deveria "praticar a hospitalidade" (Romanos 12:13). Quando Pedro assinala os deveres cristãos a seus crentes diz: “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração” (1 Pedro 4:9). Um lar cristão tem sempre suas portas abertas.

A ESCRAVA DEMENTE

Atos 16:16-24

Já assinalamos que os conversos que fez Paulo e as pessoas com quem teve contato em Filipos representam os mais diversos setores da população. Se Lídia provinha da classe social mais alta, esta escrava estava na mais baixa. Era o que se chamava uma pitonisa, uma pessoa que podia dar oráculos para guiar os homens no futuro. Estava louca, e o mundo antigo tinha idéias muito estranhas a respeito dos doentes mentais porque diziam que os deuses os enlouqueceram para entrar em suas mentes. Provavelmente estivesse dotada também da habilidade de ser ventríloqua naturalmente. Caiu nas mãos de homens inescrupulosos que utilizavam sua desgraça para obter grandes lucros.

Quando Paulo a curou de sua loucura esses homens não se alegraram pela cura de um ser humano, pelo contrário se enfureceram ao ver que a fonte de seus lucros se acabou. Eram homens ardilosos. Jogaram com o anti-semitismo natural da multidão; e apelaram ao orgulho romano que era característico nas colônias e conseguiram que prendessem Paulo e Silas. Não só foram presos, foram encerrados na cela mais escondida e colocaram em armadilhas. O trágico é que foram presos por fazer o bem.

Sempre que o cristianismo ataca interesses criados surgem problemas. Os homens são capazes de lançar mão de armas se os seus bolsos forem atingidos e os seus lucros ameaçados.

Todo homem tem o dever de perguntar-se: Vale a pena o dinheiro que ganho? Ganho servindo ou explorando a meus concidadãos? Muitas vezes, se não sempre, o maior obstáculo na cruzada de Cristo é o egoísmo dos homens.

O CARCEREIRO DE FILIPOS

Atos 16:25-40

Se Lídia provinha da alta sociedade e a escrava das capas mais baixas, o carcereiro pertencia a uma forte classe média formada pelos empregados estatais romanos; portanto com estes três personagens se completa toda a gama da sociedade. Consideremos em primeiro lugar *a cena* descrita na passagem. Era uma região em que eram comuns os movimentos sísmicos. A porta estava fechada por meio de uma barra de madeira que se encaixava em duas ranhuras e os cepos se ajustavam da mesma maneira. O terremoto fez cair as barras e os prisioneiros se viram livres, com as portas abertas. O carcereiro quis suicidar-se porque de acordo com a lei romana se um prisioneiro escapava o carcereiro devia sofrer a mesma pena que ele tivesse sofrido.

Consideremos agora *os personagens*: primeiro está Paulo. Notamos três coisas a respeito dele.

(1) Podia cantar hinos estando no cepo na cela interior à meia-noite. O que nunca se pode tirar de um cristão é a presença de Deus e de Jesus Cristo. Com Ele há liberdade até na prisão e até a meia-noite há luz.

(2) Estava disposto a abrir a porta da salvação ao carcereiro que lhe tinha fechado a porta da prisão. Paulo nunca lamentou. Pregou ao próprio homem que lhe tinha ajustado os cepos.

(3) Podia manter sua dignidade. Exigiu seus direitos como cidadão romano. Açoitar a um cidadão romano era um delito que se punia com a morte. Mas Paulo não apelava à sua dignidade para sua própria segurança, mas sim pela dos cristãos que teria que deixar em Filipos. Queria que se levasse em conta que contavam com amigos influentes.

O segundo dos personagens é o carcereiro. O interessante acerca deste homem é que imediatamente confirmou sua conversão e a provou por meio dos atos. Nem bem se converteu a Cristo lavou as feridas nas costas dos prisioneiros e lhes serviu comida. Neste mesmo momento seu cristianismo se expressou no mais prático ato de bondade. Se nosso cristianismo não nos tornar bondosos, não é cristianismo. Se a mudança de coração não for seguida por uma mudança nas obras, trata-se de algo ilegítimo e espúrio.

Atos 17

Em Tessalônica - 17:1-9
Rumo a Beréia - 17:10-15
Só em Atenas - 17:16-21
Um sermão dirigido aos filósofos - 17:22-31
Reações dos atenienses - 17:32-34

EM TESSALÔNICA

Atos 17:1-9

A chegada do cristianismo a Tessalônica foi um fato de suma importância. A rota romana que vai do Mar Adriático ao oriente se chamava o Caminho Egnatio: e a rua principal da cidade era em realidade parte dessa rota. Se o cristianismo se afirmava em Tessalônica poderia estender-se rumo ao leste e rumo ao oeste do caminho até que este se convertesse no caminho real do Reino de Deus.

O primeiro versículo deste capítulo é um exemplo extraordinário da economia do autor de Atos. Parecesse tratar-se de uma viagem de prazer; mas em realidade Filipos estava a umas trinta e três milhas romanas do Anfípolis; dali havia umas trinta milhas até Apolônia; e esta cidade estava a umas trinta e sete milhas de Tessalônica. Resume-se em uma oração uma viagem de mais de cento e sessenta quilômetros. Como sempre, em Tessalônica Paulo começou sua tarefa em uma sinagoga.

Teve grande êxito, nem tanto entre os judeus como entre os gentios que concorriam a ela atraídos pela fé judia. Isto enfureceu os judeus pelo fato de considerarem que esses gentios constituíam sua reserva natural e que Paulo os estava roubando diante de seus próprios olhos.

Os métodos que os judeus usaram para deter Paulo foram extremamente baixos. Nos dias da Revolução Francesa, Madame Roland pronunciou a famosa sentença: "Liberdade, quantos crimes se cometem em seu nome!" Os judeus se rebaixaram em usar os métodos mais baixos para estorvar a Paulo. Em primeiro lugar alvoroçaram gente que só pode ser descrita como "os malandros de Tessalônica". Depois, quando conseguiram levar Jasom e seus amigos a se apresentarem perante os magistrados, acusaram os pregadores cristãos de propagar a insurreição política e a rebelião, acusação que sabiam que era falsa. E entretanto, é muito sugestivo. Disseram: "Estes que estão alvoroçando o mundo civilizado chegaram a esta cidade". É um dos maiores elogios que o cristianismo recebeu. Os judeus não duvidavam absolutamente que o cristianismo era algo muito *efetivo.* Mais ainda, é um desafio. Quando o cristianismo entra em ação realmente deve causar uma revolução tanto na vida do indivíduo como na da sociedade.

RUMO A BERÉIA

Atos 17:10-15

Beréia estava a uns cem quilômetros ao oeste de Tessalônica. Há três coisas que nos chamam a atenção nesta curta seção.

(1) A pregação de Paulo foi quase totalmente bíblica. Levou o povo de Beréia a investigar as Escrituras. A única coisa que fazia os judeus estarem seguros de que Jesus não era o Messias era o fato de que foi crucificado. Para eles um homem que era crucificado estava maldito. Sem dúvida alguma que Paulo utilizou passagens como a de Isaías 53 para encaminhar as pessoas de Beréia na busca de um prenúncio da obra de Jesus.

(2) Destaca-se a amargura envenenada dos judeus. Não só se opuseram a Paulo em Tessalônica, mas também o seguiram até Beréia. O trágico é que certamente pensavam estar fazendo a vontade de Deus ao buscar silenciar a Paulo. Pode ser terrível que o homem identifique seus fins com a vontade de Deus em lugar de submeter-se a ela.

(3) Sobressai mais uma vez a coragem de Paulo. Esteve detento em Filipos. Abandonou Tessalônica ameaçado por grande perigo e ao amparo da escuridão. E mais uma vez em Beréia teve que fugir para salvar sua vida. A maioria dos homens teriam abandonado uma luta que parecia condenada a terminar na prisão e na morte.

Quando se perguntou a Davi Livingstone até onde estava disposto a ir, respondeu: "Estou disposto a ir a qualquer parte, *sempre que for para frente"*.

Paulo jamais pensou em voltar-se atrás.

SÓ EM ATENAS

Atos 17:16-21

Quando escapou de Beréia, Paulo se encontrou sozinho em Atenas. Mas com companheiros ou sem eles nunca deixava de pregar a Cristo. Fazia muito tempo que Atenas tinha ficado atrasada em matéria de ação, mas era ainda a maior cidade universitária do mundo, a qual se dirigiam todos os que queriam obter conhecimentos. Era uma cidade de muitos deuses. Dizia-se que havia mais estátuas de deuses em Atenas que em todo o resto da Grécia, e que nela era mais fácil encontrar-se com um deus que com um homem. Na grande praça da cidade as pessoas se reuniam para falar, porque em Atenas não se fazia muito mais que isso. Os dias de ação tinham passado e agora os homens falavam todo o dia e parte da noite a respeito das idéias mais novas. De modo que Paulo não teve nenhuma dificuldade em encontrar alguém com quem falar. Os filósofos o descobriram.

Havia os epicureus, cujas crenças podem resumir-se assim:

(1) Criam que tudo acontecia por acaso.

(2) Criam que a morte era o fim de tudo.

(3) Criam na existência dos deuses, mas que estes estavam muito longe do mundo e que não se preocupavam com ele.

(4) Criam que a principal finalidade do homem devia ser o prazer. Não se referiam ao prazer carnal, mundano e material, tão comum então, mas sim o prazer maior era aquele que não trazia consigo a dor.

Também havia os estóicos. Podemos resumir suas crenças desta maneira:

(1) Criam que tudo era literalmente Deus. Este Deus era um espírito veemente. Na matéria se tornava torpe e insensível, mas estava em tudo. O que dava a vida aos homens era uma pequena faísca desse espírito que vivia neles, e quando morriam, ela voltava para Deus.

(2) Criam que tudo estava destinado, já que tudo obedecia à vontade de Deus; e portanto não deviam preocupar-se com o que acontecia. Era a vontade de Deus e devia aceitar-se assim.

(3) Criam que a cada tantos anos o mundo se desintegrava em uma grande conflagração e que tudo voltava a repetir-se outra vez.

Levaram Paulo ao Areópago. Era o nome do lugar e do tribunal que se reunia ali. Era muito seleto, estava formado possivelmente por só trinta membros. Intervinha em casos de homicídio e tinha a supervisão da moral pública. De modo que na cidade mais intelectual do mundo, perante um dos tribunais mais exclusivos, Paulo teve que dar testemunho de sua fé. Qualquer um se poderia ter voltado atrás, mas Paulo nunca se envergonhou do evangelho de Cristo. Para ele se tratava somente de outra oportunidade que Deus lhe apresentava para ser testemunha de Cristo.

UM SERMÃO DIRIGIDO AOS FILÓSOFOS

Atos 17:22-31

Em Atenas em realidade havia muitos altares dedicados a deuses desconhecidos. Seiscentos anos atrás tinha havido uma peste terrível na cidade. Nada podia detê-la. Um poeta cretense, Epimênides, apresentou um plano. Soltou-se pela cidade, do Areópago, um rebanho de ovelhas brancas e negras. Cada vez que uma delas se voltava era sacrificada ao deus mais próximo; e se uma ovelha se aproximava do altar de um deus desconhecido era sacrificada ao "Deus desconhecido". Atenas tinha seu regimento de deuses desconhecidos. Paulo parte deles em sua dissertação. Podia adaptar sua mensagem a qualquer auditório. Seu sermão tem uma série de passos.

(1) Deus não foi criado mas sim é o Criador, portanto Aquele que fez todas as coisas não pode ser adorado por algo feito pelas mãos do homem. É bem verdade que os homens muitas vezes adoram o que fizeram com suas mãos. Se nosso Deus for aquilo ao que dedicamos todo o tempo, o pensamento, a energia, a vida, são muitos os que adoram coisas materiais, feitas por eles mesmos.

(2) Deus guiou a história. Ele esteve por trás do surgimento e da queda das nações nos dias passados. Sua mão esteve e está no leme das coisas.

(3) Deus criou o homem de tal maneira que este o busca instintivamente. Há algo no homem que o faz buscar a Deus tateando na escuridão devido ao fato de que o homem é seu filho.

(4) Passaram os tempos da ignorância. Quando os homens tinham que buscar nas sombras não podiam conhecer a Deus e ele perdoava suas insensatezes e enganos; mas agora em Cristo veio todo o conhecimento e a revelação de Deus. Terminaram as desculpas, porque agora chegou a verdade.

(5) O dia do juízo virá. Para o homem a vida não é um caminho à extinção, como pensavam os epicureus, nem um atalho que conduz à

absorção em Deus, como para os estóicos; é um caminho ao juízo de Deus em que Jesus Cristo será o Juiz.

(6) A prova da supremacia de Cristo é a Ressurreição. Não temos que nos relacionar com um Deus desconhecido mas sim com o Cristo Ressuscitado.

REAÇÕES DOS ATENIENSES

Atos 17:32-34

Em realidade pareceria que Paulo teve menos êxito em Atenas que em qualquer outro lugar. Era típico dos atenienses que só queriam falar. Não queriam ação; nem sequer estavam interessados em forma especial as conclusões. Tudo o que desejavam eram acrobacias mentais e o estímulo de uma ginástica mental. Perdiam-se nas palavras.

Suas principais reações foram três.

(1) Alguns escarneceram. Divertia-os o zelo apaixonado desse estranho judeu. É possível rir da vida; mas os que o fazem verão que aquilo que começou como uma comédia deve terminar em tragédia.

(2) Alguns disseram: "A respeito disso te ouviremos noutra ocasião". O que significa que alguns adiaram sua decisão. O dia mais perigoso de todos é aquele em que o homem descobre quão fácil é falar sobre o manhã.

(3) Alguns creram. Alguns aceitaram a proposta de Deus. O homem sábio sabe que só os insensatos rechaçam o oferecimento divino.

Mais uma vez pode ser que tenhamos aqui um exemplo do chamado universal do evangelho. Dois crentes são chamados pelo nome. Um é Dionísio, o areopagita. Já assinalamos que possivelmente esse tribunal não estivesse composto por mais de trinta pessoas. Dionísio deve ter pertencido à aristocracia intelectual de Atenas. Outra foi Dâmaris. A posição das mulheres em Atenas era muito restringida. Parece bem pouco possível que uma mulher respeitável se encontrasse presente na praça. O provável é que abandonou um caminho de vergonha e escolheu

o caminho da vida. Mais uma vez o evangelho fez o seu apelo a todas as classes e condições.

Pregando em Corinto

A posição geográfica de Corinto fazia dela uma cidade chave da Grécia. Este país está quase cortado em dois pelo mar. De um lado está o Golfo da Sarónica com seu porto de Cencréia e sobre o outro lado está o Golfo de Corinto com seu porto do Lequeo. Entre eles havia um apertado estreito de terra de não mais de oito quilômetros de largura e sobre esse istmo estava Corinto. O resultado era que todo o comércio do norte e do sul da Grécia tinha que passar de Corinto porque não havia outro caminho. Os homens a chamavam "A Ponte da Grécia". Mas a viagem pelo extremo sul da Grécia era muito perigoso. O Cabo Malea era o mais austral e rodeá-lo era o equivalente a rodear o Cabo de Fornos. Os gregos tinha um provérbio: "Deixem que aquele que pensa rodear o Malea faça sua própria vontade". De modo que o comércio do este e do oeste do Mediterrâneo também passava por Corinto, pelo fato de os homens preferirem esse caminho ao de Malea. Corinto era "o mercado da Grécia".

Mas Corinto era mais que o grande centro comercial. Era a sede dos Jogos ístmicos que ocupavam o segundo lugar depois dos Olímpicos. Mas acima de tudo era uma cidade ímpia. Os gregos tinham um verbo: "corintianizar", que significava levar uma vida de luxúria e corrupção. Na Grécia se alguma vez se caracterizava um coríntio no cenário, faziam-no aparecer como um bêbado. Dominando a Corinto estava a colina de Acrópoles. Não era só uma fortaleza; era um templo de Afrodita. Em seus grandes dias este templo tinha mil sacerdotisas da deusa que ao mesmo tempo eram prostitutas sagradas e que, ao anoitecer, desciam à cidade para oferecer seu comércio. Existia um provérbio: "Nem todos podem custear uma viagem a Corinto." Em uma cidade assim Paulo viveu e trabalhou e teve alguns de seus maiores

triunfos. Quando escreveu aos Coríntios fez uma lista de todo tipo de maldades. “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus.” E depois escreve a frase triunfante: “*Tais fostes alguns de vós*” (1 Cor. 6:9-11). A própria iniqüidade de Corinto era a oportunidade de Cristo.

Atos 18

Na pior das cidades - 18:1-11
A justiça imparcial romana - 18:12-17
Retorno a Antioquia - 18:18-23
Aparece Apolo - 18:24-28

NA PIOR DAS CIDADES

Atos 18:1-11

Aqui nos encontramos com um vívido quadro do tipo de vida que Paulo vivia. Paulo era um rabino, mas de acordo com a prática judia, todo rabino devia ter uma profissão. Não devia receber dinheiro por pregar e ensinar, mas sim devia ganhar a vida com seu próprio trabalho e esforço.

Os judeus glorificavam o trabalho. Diziam: "Amem o trabalho. Aquele que não ensina um ofício a seu filho, o ensina a roubar." "Excelente é", diziam, "o estudo da Lei se vai acompanhado por um ofício mundano; porque a prática de ambos faz o homem esquecer da iniqüidade; mas a pura lei sem trabalho finalmente fracassa e causa iniqüidade." Assim, pois, os rabinos tinham qualquer ofício respeitável, o qual significa que nunca se convertiam em eruditos que se isolavam, mas sim sabiam sempre como era a vida de um trabalhador.

Paulo é descrito como um fabricante de tendas. Tarso estava em Cilícia; nessa província havia rebanhos de certa espécie de cabras que

tinham uma lã especial. Dela se fabricava um tecido chamada *cilício* que se usava para fazer carpas, cortinas e pingentes. Sem dúvida Paulo trabalhava nesse ofício, apesar de que a palavra que se usa significa algo mais que fabricante de tendas, significa também operário do couro e Paulo deve ter sido um hábil artesão. Sempre se gloriava do fato de que não representava uma carga para ninguém (1 Tes. 2:9; 2 Tes. 3:8; 2 Cor. 11:9). Mas é muito provável que quando chegaram Silas e Timóteo levaram consigo um presente, talvez da Igreja de Filipos, que tanto amava a Paulo; presente que teria feito possível que ele dedicasse todo o tempo à pregação.

No ano 49 d.C. Cláudio expulsou a todos os judeus de Roma e deve ter sido então quando Áqüila e Priscila, colegas de ofício de Paulo, chegaram a Corinto.

Deus falou no momento preciso em que Paulo o necessitava. Muitas vezes deve ter-se desanimado diante da tarefa que devia enfrentar em Corinto. Era um homem que vivia emoções intensas e muitas vezes deve ter tido seus momentos de reação. Mas quando Deus dá a um homem uma tarefa para cumprir, também lhe outorga o poder para fazê-lo. No poder e na presença de Deus Paulo encontrou sua coragem e sua força.

A JUSTIÇA IMPARCIAL ROMANA

Atos 18:12-17

Como sempre, os judeus tentaram causar problemas a Paulo. É bem provável que quando Gálio ocupou o proconsulado os judeus buscassem agir contra os cristãos. Tentaram influir nele antes de se estabelecer em seu posto. Gálio era famoso por sua benevolência. Sêneca, seu irmão, disse a respeito dele: "Até aqueles que amam a meu irmão Gálio com todas suas forças não o amam o suficiente." Também disse: "Ninguém foi tão doce com alguém como Gálio o é com todos." Assim, pois, os judeus quiseram aproveitar-se dele, mas Gálio era um romano imparcial. Sabia bem que Paulo e seus amigos não eram culpados de crime algum,

e que os judeus estavam tentando usá-lo para seus próprios propósitos. Ao lado de seu assento de juiz havia lictores armados com varas e se ordenou que expulsassem os judeus do lugar. Gálio foi muito caluniado. A expressão "mas Gálio não se importava com isso", fez pensar às vezes que se sentia superior e sem interesse; mas seu significado verdadeiro é que Gálio era absolutamente imparcial, que se negava a permitir que se tentasse influir nele ou ceder perante preconceitos, que fazia cumprir a justiça romana imparcialmente.

Nesta passagem nos encontramos com o valor indiscutível da vida cristã. Gálio sabia que não se podia encontrar nenhuma falta em Paulo e seus amigos. O único argumento indiscutível a favor do cristianismo é um cristão.

RETORNO A ANTIOQUIA

Atos 18:18-23

Agora Paulo está em viagem de volta. Sua rota passava por Cencréia, o porto de Corinto, e dali a Éfeso. Dali foi a Cesaréia, de onde subiu para saudar a Igreja, o que significa que foi ver os dirigentes da Igreja em Jerusalém; e dali voltou para Antioquía.

Somos informados de que em Cencréia ele rapou a cabeça devido a ter feito uma promessa. Quando um judeu queria agradecer a Deus por alguma bênção ou graça fazia voto de nazireado (Números 6:1-21). Se cumprisse totalmente esse voto, significava que por trinta dias não comia carne nem bebia vinho e deixava crescer o cabelo. No final desses trinta dias fazia certas ofertas no templo; rapava a cabeça e o cabelo era queimado no altar como uma oferta a Deus. Sem dúvida Paulo estava pensando em todas as bênçãos que Deus lhe concedeu em Corinto e realizou este voto para demonstrar sua gratidão.

Aqui podemos ver claramente quanto é o que não sabemos a respeito de Paulo. Em Atos 18:23—19:1 descreve-se uma viagem de não menos de dois mil e quinhentos quilômetros e só se o texto se referir a

ele. Existem histórias do heroísmo de Paulo que nunca se contaram e que jamais conheceremos.

A terceira viagem missionária

A história da Terceira Viagem Missionária começa em Atos 18:23. Começou com uma excursão pela Galácia e Frigia para confirmar os irmãos que estavam ali. Em seguida Paulo foi a Éfeso, onde permaneceu por quase três anos. Dali foi a Macedônia, de onde cruzou a Troas. Dali foi a Jerusalém pelo caminho do Mileto, Tiro e Cesaréia.

APARECE APOLO

Atos 18:24-28

Aqui encontramos a declaração do cristianismo sendo descrito como o Caminho do Senhor. Um dos nomes mais comuns que dadas ao cristianismo em Atos é o Caminho (9:2; 19:9, 23; 22: 4; 24:14, 22). Esse título nos mostra imediatamente que o cristianismo não só significa crer em determinadas coisas; significa também pô-las em prática. Não é somente um sistema de crenças; é uma forma de vida. É fé, mas uma fé que produz atos.

Aqui aparece em cena Apolo. Este provinha de Alexandria. Nesta cidade havia perto de um milhão de judeus. Eram tão fortes que duas das cinco seções em que se dividia Alexandria eram judias. Era uma cidade de eruditos. Era em especial o lugar em que os estudiosos se dedicavam à interpretação alegórica do Antigo Testamento. Criam que os atos do Antigo Testamento não só eram históricos mas também cada um deles tinha um significado oculto e interior. Por causa disto Apolo podia ser de grande utilidade para convencer os judeus porque seria capaz de encontrar a Cristo em todo o Antigo Testamento e lhes provar que este apontava todo o tempo à vinda de Jesus.

Mas apesar de tudo faltava algo em sua preparação. Só conhecia o batismo de João. Quando considerarmos a próxima passagem saberemos claramente o que isto significa. Mas o que podemos dizer agora é que Apolo deve ter visto a necessidade do arrependimento; deve ter reconhecido a Jesus como o Messias; mas ainda não conhecia as boas novas de Jesus como o Salvador dos homens nem a vinda do Espírito Santo com poder. Conhecia a tarefa que Jesus tinha deixado para fazer aos homens, mas ainda não conhecia totalmente a ajuda que Jesus lhes dava para que a levassem a cabo. Conhecia o grande chamado a romper com o passado, mas ainda não conhecia esse grande poder para viver nos dias vindouros. Áqüila e Priscila o instruíram mais completamente. E então Apolo, o homem que conhecia Jesus como um personagem da história, chegou a conhecê-lo como uma presença viva, e sua capacidade como pregador deve ter-se centuplicado, porque agora, ao seu conhecimento acrescentava poder.

Atos 19

Introdução a Atos 19 – Em Éfeso
Cristianismo incompleto - 19:1-7
As obras de Deus - 19:8-12
Um golpe mortal à superstição - 19:13-20
O propósito de Paulo - 19:21-22
Tumulto em Éfeso - 19:23-41

INTRODUÇÃO A ATOS 19 – EM ÉFESO

Atos 19 se dedica principalmente ao trabalho de Paulo em Éfeso. Paulo permaneceu mais tempo nesta cidade que em qualquer outra parte, pois deve ter estado ali quase três anos.

Consideremos, pois, como era Éfeso.

(1) Era o grande centro comercial da Ásia Menor. Nesses dias o comércio seguia os vales dos rios. Éfeso estava na desembocadura do

Cayster e portanto dominava a região interior mais rica da Ásia Menor. Se lermos Apocalipse 18:12-13 obteremos uma descrição do comércio de Éfeso. Era conhecida como "a Tesouraria da Ásia", e alguém a chamou: "A Feira de Vaidades da Ásia Menor."

(2) Era sede de tribunais. Em determinados momentos o governador romano chegava ao lugar e se julgavam todos os grandes casos penais. Conhecia a pompa, o colorido, o desdobramento e a ostentação do poder e da justiça romanos.

(3) Era a sede dos Jogos Pan-Iônicos. Toda a região concorria a eles. Era uma honra muita invejada ser presidente destes jogos, responsável por sua organização e de seu funcionamento. Os homens que tinham estes altos postos se chamavam asiarcas e o verso 31 do cap. 19, refere-se a eles.

(4) Era o lar dos delinqüentes. O templo de Diana possuía o direito de asilo. Isto significava que se qualquer delinqüente alcançava chegar à área que rodeava o templo, encontrava-se a salvo. Portanto, inevitavelmente, Éfeso se tinha convertido em lar de assassinos, estelionatários, criminais e transgressores da lei do mundo antigo.

(5) Era um centro de superstição pagã. Era famosa pelos encantamentos e magias chamados: "A cartas de Éfeso". Garantia-se que outorgavam segurança à viagem, que davam filhos aos que não os tinham, concediam êxito no amor ou em qualquer negócio. De todo o mundo acudia gente a comprar esses pergaminhos mágicos que logo usavam como amuletos ou talismãs.

(6) A grande glória de Éfeso era o templo de Ártemis[*]. Ártemis e Diana são uma mesma pessoa. O primeiro é o nome grego, o segundo o latino. Era uma das Sete Maravilhas do Mundo. Tinha ao redor de cento e cinqüenta metros de comprimento por setenta de largura e vinte de altura. Tinha cento e vinte e sete colunas, cada uma delas presente de um

[*] O nome Ártemis (Atos 19:24, 27, 28, 34, 35) aparece na BJ e NVI (Nova Versão Internacional). Em inglês (Artemis) é encontrada em PHIL, RSV. O nome latino Diana é encontrado nas versões: ASV, AV, NKJV, RWEBSTER, Almeida RC e RA, TB, NTLH.– Nota do Tradutor.

rei. Todas eram de brilhante mármore de Paria, e trinta e seis delas estavam maravilhosamente recamadas e incrustadas em ouro. O grande altar era obra do Praxíteles, o maior escultor grego. A imagem de Ártemis não era bela. Tratava-se de uma figura negra, escondida, com muitos seios que representavam a fertilidade; era tão velha que ninguém sabia qual foi sua origem nem de que material parecia. Dizia-se que tinha caído do céu. A maior glória de Éfeso era que custodiava o templo pagão mais famoso do mundo.

Paulo trabalhou nesta cidade e ganhou muitos triunfos para Cristo.

CRISTIANISMO INCOMPLETO

Atos 19:1-7

Paulo se encontrou em Éfeso com homens que eram cristãos mas em forma incompleta. Tinham recebido o batismo de João mas nem sequer sabiam que existia o Espírito Santo no sentido cristão do termo.

Qual era a diferença entre o batismo de João e aquele que se realizava em nome de Jesus? Qualquer pessoa que leia os relatos da pregação de João (Mateus 3:7:12; Lucas 3:3-11) pode observar uma diferença radical entre ela e a pregação de Jesus. A pregação de João era uma ameaça; a de Jesus era as boas novas, era o evangelho. Ninguém podia considerar a pregação de João como boas novas por quanto ameaçava com morte e destruição. Mas se tratava de uma etapa no caminho. O mesmo sabia e tinha presente que estava anunciando Àquele que havia de vir (Mateus 3:11; Lucas 3:16).

A pregação de João era um passo necessário, porque deve haver dois passos na vida religiosa. Primeiro, deve dar-se o momento em que despertamos à nossa insuficiência e ao nosso merecimento da condenação às mãos de Deus. Esta etapa está estreitamente relacionada com o momento em que tentamos nos comportar melhor e inevitavelmente fracassamos porque tentamos fazê-lo por nós mesmos. Segundo, há a etapa em que nos damos conta de que pela graça de Jesus

Cristo deixamos de estar condenados. Bem ligado a este passo vem o momento em que encontramos que todos nossos esforços para melhorar ficam reforçados e fertilizados pela obra do Espírito Santo, através do qual podemos fazer o que não poderíamos nunca realizar por nós mesmos.

Aqueles cristãos incompletos conheciam a condenação; mas não a graça de Cristo nem a ajuda do Espírito Santo. Sua religião era inevitavelmente uma luta que não havia alcançado o momento da paz.

Todo este incidente nos mostra uma grande verdade: que sem o Espírito Santo não existe o cristianismo completo. Mesmo que vejamos o erro de nossos caminhos, e nos arrependamos e decidamos mudar, não poderemos obtê-lo nunca sem a ajuda que só o Espírito pode nos dar.

AS OBRAS DE DEUS

Atos 19:8-12

Quando o trabalho na sinagoga se fez impossível devido à tremenda oposição, Paulo mudou sua sede para a escola de um filósofo chamado Tirano. Existe um manuscrito grego que adiciona certos detalhes adicionais outorgados por uma testemunha ocular. Diz que Paulo ensinava ali da quinta até a décima hora, ou seja, das onze da manhã até as quatro da tarde. Até as onze e depois das quatro, Tirano precisaria do lugar. Nas cidades jônicas todo o trabalho cessava às onze da manhã e não começava até à tardinha. Era muito opressivo trabalhar nessa hora. Diz-se que em Éfeso havia mais gente dormindo à uma da tarde que à uma da manhã. Paulo deve ter trabalhado toda a manhã e toda a tarde em seu ofício, e ensinado ao meio-dia. Isto mostra duas coisas: a veemência com que Paulo ensinava e a avidez dos cristãos para aprender. O único momento que tinham era quando outros descansavam durante as horas de mais calor e escolheram esse momento. Muitos de nós teríamos que nos envergonhar quando dizemos que certas horas não nos convêm.

É evidente que durante este tempo se realizaram atos maravilhosos. Os panos eram lenços que os operários levavam ao redor da cabeça para absorver o suor enquanto trabalhavam. Os aventais eram uma espécie de bandagens que utilizavam os operários ou servos. Entretanto, encontramo-nos com um significado muito intenso. A narração não nos diz que Paulo realizou essas maravilhas; diz que Deus as fazia através de suas mãos. Alguém disse que Deus está em todas as partes buscando mãos para usar. Não poderemos fazer milagres com nossas mãos, mas certamente as podemos dar a Deus para que Ele opere através delas.

UM GOLPE MORTAL À SUPERSTIÇÃO

Atos 19:13-20

Esta passagem nos mostra algo do colorido local da cena efésia. Nesses dias todos criam que as doenças, e especialmente as mentais, deviam-se à ação dos maus espíritos que entravam nos homens. O exorcismo era uma prática comum. Se o exorcista conhecia o nome de um espírito mais poderoso que aquele que tinha entrado na pessoa afetada, ao pronunciá-lo podia sobrepor-se ao espírito mau e fazê-lo sair.

Não há razão para não crer que estas coisas aconteciam. Os doentes estavam convencidos genuinamente de que estavam possessos; nem todos os exorcistas eram farsantes; alguns estavam convencidos de seus poderes. A mente humana é muito estranha e até esta fé equivocada e supersticiosa tinha resultados na misericórdia de Deus. Quando alguns destes curandeiros tentaram usar o nome de Jesus aconteceram coisas das mais alarmantes. O resultado foi que muitos desses farsantes, e muitos dos necessitados também, viram o errados que estavam.

Nada pode demonstrar mais definidamente a realidade da mudança que o fato de que na supersticiosa Éfeso estivessem dispostos a queimar os livros e amuletos que lhes reportavam tantas lucros. São um exemplo para muitos de nós. No sentido mais literal, queimaram suas naves; cortaram completamente com o que os rodeava: nem sequer se

perguntaram como foram viver se abandonavam aquilo que os mantinha; romperam com tudo em forma abrupta.

É muito certo que muitos de nós odiamos nossos pecados mas não podemos abandoná-los. Mesmo que tentamos fazê-lo, titubeamos e olhamos para trás. Há momentos na vida nos que o tratamento deve ser cirúrgico; quando a única coisa que vale é um corte nítido e definitivo.

O PROPÓSITO DE PAULO

Atos 19:21-22

Nesta passagem Lucas simplesmente insinua algo que Paulo expõe em forma completa em suas próprias Cartas. Lucas nos diz que Paulo se propôs ir a Jerusalém. Por que? Nesse então Paulo tinha um grande propósito. A Igreja de Jerusalém era pobre; e ele queria levantar uma coleta entre as Igrejas gentias como contribuição à de Jerusalém. Encontramos referências a isto em 1 Coríntios 16:1 ss.; 2 Coríntios 9:1 ss.; Romanos 15:25-26.

Paulo queria levar a cabo este plano por duas razões. Primeiro, queria dar ênfase da maneira mais prática à unidade da Igreja. Queria fazê-los ver que todos pertenciam ao corpo de Cristo e que quando uma das partes sofria as outras deviam ajudar. Em outras palavras desejava tirá-los de uma perspectiva congregacional da Igreja e lhes dar uma visão da Igreja universal a qual pertenciam. Segundo, queria lhes ensinar a caridade cristã prática. Sem dúvida alguma que quando ouviram a respeito das privações que sofria Jerusalém sentiram compaixão. Queria lhes ensinar que não era suficiente sentir compaixão; que a tristeza e a simpatia deviam traduzir-se em ação. Estas duas lições são tão válidas hoje como em qualquer outro momento.

TUMULTO EM ÉFESO

Atos 19:23-41

Esta história, que é em si mesmo muito interessante, arroja luz sobre as motivações e mentalidades de quase todos os personagens que intervêm nela.

Em primeiro lugar está Demétrio e os ourives. Seu problema era que viam que seus bolsos foram ameaçados. É verdade que se declaravam zelosos guardiães da honra de Ártemis: mas o que mais lhes preocupava eram seus lucros. Quando os peregrinos iam a Éfeso sempre levavam de volta uma lembrança. Estes ourives fabricavam miniaturas do templo que se vendiam como tais. O cristianismo estava avançando tanto que viam ameaçado o seu negócio. Este é um caso bem claro do que aconteceu e do que ainda acontece quando o cristianismo confronta um interesse criado.

Segundo, está o homem a quem se chama de tabelião. Este funcionário levava os registros públicos; apresentava os assuntos nas assembléias; a correspondência que se dirigia à cidade vinha a seu nome. Preocupava-se com a possibilidade de um tumulto. Roma era benévola, mas se havia algo que não suportava era a desordem civil. Se viesse a haver tumultos em uma cidade, Roma averiguaria as razões do mesmo e as autoridades responsáveis perderiam seus postos. Desempenhou seu papel defendendo seus próprios interesses. Na verdade, salvou a Paulo e a seus companheiros, mas o fez para salvar sua própria pele.

Em terceiro lugar, estava Paulo. Encontramo-nos com o detalhe característico de que quis enfrentar a multidão e não o deixaram. Paulo nunca pensou em não fazê-lo, pois era um homem sem medo. Para os ourives e o tabelião o principal era a segurança; para Paulo esta sempre ocupava o último lugar.

Atos 20

A caminho de Jerusalém - 20:1-6
Um jovem dorme - 20:7-12
O caminho percorrido - 20:13-16
Uma triste despedida - 20:17-38

A CAMINHO DE JERUSALÉM

Atos 20:1-6

Já vimos como Paulo colocou todo seu empenho em levantar uma coleta em todas as Igrejas para a de Jerusalém. Dirigiu-se a Macedônia para receber as contribuições para esse propósito. Aqui temos um exemplo mais do pouco que sabemos a respeito de Paulo.

O versículo 2 diz que depois de atravessar essas regiões chegou a Grécia. Deve ter sido nesta ocasião que visitou Ilírico (Romanos 15:19). Estas poucas palavras resumem o que deve ter sido todo um ano de viagens e aventuras.

O versículo 3 nos diz que Paulo estava por zarpar da Grécia a Síria quando tirou descobriu uma conspiração judia e mudou sua rota, prosseguindo a viagem por terra. Certamente o que aconteceu foi o seguinte. Muitas vezes de portos estrangeiros zarpavam para Síria barcos de peregrinos judeus que foram à festa da Páscoa. Paulo deve ter tentado viajar em um desses barcos. Mas para os judeus fanáticos teria sido extremamente fácil arrumar que durante a viagem Paulo desaparecesse no mar e não se ouvisse mais dele. Descobriu um complô deste tipo. Paulo era um homem sempre exposto a perder a vida.

No versículo 4 temos uma lista dos que acompanharam a Paulo em sua viagem. Estes homens devem ter sido delegados das Igrejas com a tarefa de levar as respectivas contribuições a Jerusalém. Eram homens que estavam demonstrando desde os primeiros momentos que a Igreja era uma, e que a necessidade de uma de suas partes era um desafio e uma oportunidade para todo o resto.

No versículo 5 notamos que o relato muda novamente de terceira a primeira pessoa. Isto nos indica que mais uma vez Lucas está presente e que o relato que recebemos pertence a uma testemunha ocular. Lucas nos conta que deixaram Filipos depois dos dias dos pães asmos. Estes começavam com a Páscoa e se prolongavam por uma semana, durante a qual os judeus comiam pão asmo em lembrança de seu libertação do Egito. A Páscoa era festejada em meados de abril.

UM JOVEM DORME

Atos 20:7-12

Esta história é tão vívida que se sente que é o relato de uma testemunha ocular Este é um dos primeiros registros de como era o culto cristão. Duas vezes menciona o partir do pão. Na Igreja primitiva havia duas coisas intimamente relacionadas. Existia o que chamavam Festa do Amor. Todos contribuíam nela, e era uma verdadeira refeição. Muitas vezes foi a única refeição que os escravos pobres obtinham em toda a semana. Era tal que os cristãos se sentavam a comer em amorosa comunhão compartilhando uns com os outros. Durante ela ou no final da mesma se celebrava o sacramento da Ceia do Senhor.

Pode ser que tenhamos perdido algo de grande valor quando deixamos de celebrar em feliz comunhão e união esta refeição em comum. Ela assinalava, como nada mais podia fazê-lo, o espírito caseiro e de verdadeira família da Igreja.

Vemos que tudo isto acontecia de noite. Isto provavelmente se fazia, porque só de noite, finalizado o trabalho do dia, podiam concorrer os escravos. E isto explica também o caso de Êutico. Estava escuro. Fazia calor no pequeno cenáculo. As lâmpadas e tochas faziam que o ar estivesse viciado. Êutico, sem dúvida, tinha tido um árduo dia de trabalho antes de chegar e seu corpo estava cansado. Sentou-se perto da janela para desfrutar da fresca brisa da noite. As janelas não tinham

vidros. Eram de gradeado ou de madeira sólida e se abriam como portas. Chegavam quase até o solo e se projetavam sobre o pátio abaixo.

O cansado Êutico, dominado pela atmosfera viciada, dormiu e caiu no pátio. Não devemos pensar que Paulo falava sozinho e em forma contínua. Haveria conversação e discussão, mas Êutico estava exausto. O grupo se precipitou escada abaixo. Quando encontraram o jovem sem sentido possivelmente começaram a gritar e queixar-se na desenfreada maneira oriental; por essa razão Paulo diz que deixassem de alarmar-se, porque o jovem ainda vivia.

Dos versículos seguintes se depreende que Paulo não estava com o grupo principal; sem dúvida ficou atrás para assegurar-se de que Êutico estava completamente recuperado da queda. Há algo muito belo neste simples quadro. A impressão que nos dá é mais a de uma família reunida que a de uma congregação moderna em uma igreja.

É possível que tenhamos ganho no que chamamos dignidade em nossos cultos, mas que tenhamos perdido o sentido da congregação como uma verdadeira família de Deus?

O CAMINHO PERCORRIDO

Atos 20:13-16

Devido ao fato de que Lucas estava com Paulo podemos seguir sua viagem dia a dia e passo a passo. Assôs estava a uns trinta e dois quilômetros de Troas por terra e a quarenta e seis por mar; e a viagem por mar incluía bordejar o cabo Lecto enfrentando os fortes ventos do nordeste. Paulo tinha tempo suficiente para fazer o caminho a pé e tomar o barco em Assôs. Por que o fez? Bem pode ser que queria estar sozinho estes dias para preparar seu espírito para os dias que viriam. Pode ser que tenha querido caminhar a sós com Cristo antes de enfrentar os homens. Mitilene estava na ilha de Lesbos e Quios em Samos, enquanto que Mileto estava localizado a uns quarenta e cinco quilômetros ao sul de Éfeso na desembocadura do rio Meandro.

Vimos que Paulo teria desejado estar em Jerusalém para a Páscoa, mas um complô o impediu. O Pentecostes se celebrava sete semanas depois e estava ansioso para chegar para esta grande festa Devemos notar que apesar de Paulo tera quebrado seus laços com os judeus, ainda apreciava as antigas celebrações. Paulo era o apóstolo dos gentios. Seu povo podia odiá-lo, mas em seu coração não havia nada mais que amor e nostalgia por eles.

UMA TRISTE DESPEDIDA

Atos 20:17-38

É natural que não nos seja possível realizar uma análise clara deste discurso de despedida tão carregado de emoção. Mas ressaltam alguns detalhes.

Em primeiro lugar Paulo assinala certos aspectos de seu trabalho.

(1) Diz que *falou sem medo*. Transmitiu-lhes toda a vontade de Deus sem guardar-se nada. Não tinha apelado nem ao medo nem aos favores dos homens.

(2) Tinha vivido *independentemente*. Suas próprias mãos tinham satisfeito suas necessidades. Não tinha tomado nem cobiçado nada de ninguém. E seu trabalho não só tinha sido de proveito para si mesmo, mas também para outros menos afortunados que ele. Um homem pode ter dois objetivos principais em seu trabalho: obter uma independência pessoal para si mesmo e poder dar generosamente a outros.

(3) *Enfrentava o futuro corajosamente*. Era — como ele mesmo o disse — um cativo do Espírito Santo. Não sabia o que o esperava, mas sabia que devia enfrentá-lo e sabia que podia fazê-lo.

Mas Paulo também pede certas coisas a seus amigos.

(1) Recorda-lhes seu *dever*. Deviam vigiar o rebanho do Senhor. Não era uma tarefa que eles tinham eleito, mas sim tinham sido

escolhidos para ela. Os servidores do Bom Pastor devem ser também pastores das ovelhas.

(2) Recorda-lhes *o perigo que correm*. Como se há dito "A vigilância eterna é o preço da liberdade". A contaminação do mundo nunca está longe. A falsidade ataca ali onde está a verdade. Havia pela frente uma luta constante para manter a fé intacta e a Igreja pura.

Mas em toda esta cena há um sentimento dominante, e é um afeto e um amor tão profundos como o próprio coração. Esse sentimento deveria existir em todas as Igrejas. Quando em qualquer igreja morre o amor, a obra de Cristo não pode menos que murchar-se e decair. A Igreja de Éfeso era muito querida a Paulo devido ao fato de que em sua atmosfera reinava o amor.

Atos 21

Paulo não recua - 21:1-16
Transação em Jerusalém - 21:17-26
Una acusação caluniosa - 21:27-36
Enfrentando a multidão enfurecida - 21:37-40

PAULO NÃO RECUA

Atos 21:1-16

Agora o ritmo do relato se acelera e à medida que Paulo se aproxima de Jerusalém se sente a pesada atmosfera carregada da tempestade.

Aqui se destacam duas coisas.

(1) A simples determinação de Paulo de prosseguir, não importa o que o esperava adiante. Nada podia ter sido mais definido que a advertência dos discípulos em Tiro e de Ágabo em Cesaréia, mas nada podia desanimar a Paulo nem fazê-lo voltar atrás no caminho que tinha escolhido. Viesse o que viesse, Paulo partia sempre para frente.

Durante um dos cercos na Guerra Civil Espanhola alguns soldados que pertenciam a uma das guarnições quiseram render-se, enquanto que um de seus companheiros mais valentes disse: "Prefiro morrer de pé a viver de joelhos". Paulo era assim.

(2) É um fato maravilhoso que em qualquer lugar que Paulo fosse ele se encontrava com uma pequena comunidade cristã pronta para recebê-lo. Se isso era verdade na época de Paulo hoje é ainda mais. Um dos grandes privilégios de pertencer à Igreja é o fato de que não importa aonde vamos, até nos limites da Terra acharemos em cada lugar uma comunidade que pensa como nós na qual poderemos ser recebidos. Quem pertence à família da Igreja tem mais amigos que qualquer outro homem.

Ágabo é uma figura interessante. Os profetas judeus tinham um costume determinado. Quando as palavras eram inadequadas teatralizavam o que queriam dizer, fazendo algo que não podia deixar de chamar a atenção. Dramatizavam sua mensagem. No Antigo Testamento há muitos exemplos disto, entre eles: Isaías 20:3-4; Jeremias 13:1-11; 27:2; Ezequiel 4; 5:1-4; 1 Reis 11:29-31.

TRANSAÇÃO EM JERUSALÉM

Atos 21:17-26

Quando Paulo chegou a Jerusalém, a Igreja se encontrou com um problema. Os líderes o aceitavam e viam a mão de Deus em seu obra; mas existiam rumores de que tinha animado os judeus a que traírem sua fé e seus costumes ancestrais. Paulo nunca tinha feito isto. Na verdade, tinha insistido em que a Lei judia era inaplicável aos gentios, mas jamais tentou apartar os judeus dos costumes de seus pais.

Os líderes viram uma forma em que Paulo podia garantir a ortodoxia de sua própria fé e conduta. Quatro homens estavam por tomar o voto de nazireado, voto que se fazia em gratidão por alguma graça especial recebida de Deus ou por ter sido libertos de algo, por exemplo

uma doença. Implicava a abstinência de carne e vinho por trinta dias, durante os quais se deixava crescer o cabelo. Parece que às vezes ao menos os últimos sete dias tinham que passar-se dentro dos átrios do Templo. Ao finalizar este prazo deviam fazer-se certas ofertas: um cordeiro de um ano de idade para a purificação dos pecados, um carneiro como oferta de paz, uma cesta de pão asmo, tortas de farinha fina misturada com azeite, e uma oferta de carne e outra de bebida. Finalmente era cortado o cabelo e queimado no altar com o sacrifício.

É evidente que este assunto era custoso. Era preciso deixar de trabalhar, e comprar todos os elementos para o sacrifício. Estava muito fora do alcance de alguns que quisessem fazê-lo. Portanto as pessoas enriquecidas consideravam que era um ato de piedade custear a alguém os gastos que ocasionava o voto. Pediu a Paulo que fizesse justamente este último, ou seja lhes custear os gastos da promessa a estes quatro homens, e ele aceitou. Ao fazê-lo podia demonstrar perante todos que ele observava a Lei.

Não há nenhuma dúvida de que o assunto não foi do agrado de Paulo. Para ele essas coisas já não tinham importância. Mas uma das características de um homem verdadeiramente grande é que pode subordinar seus próprios desejos e perspectivas ao bem da Igreja. Há um momento em que contemporizar não denota debilidade, mas força.

UMA ACUSAÇÃO CALUNIOSA

Atos 21:27-36

Aconteceu que a contemporização de Paulo provocou um desastre. Era a época de Pentecostes. Havia em Jerusalém judeus de todo o mundo, entre eles alguns da Ásia, que sem dúvida sabiam muito bem quão efetivo tinha sido o trabalho de Paulo ali. Tinham visto Paulo na cidade com Trófimo, a quem certamente conheciam. O assunto do voto tinha feito que Paulo entrasse freqüentemente ao templo e os judeus asiáticos supuseram que Paulo tinha levado Trófimo com ele.

Trófimo era um gentio e estava proibido que um gentio entrasse em templo. Podiam entrar no Átrio dos Gentios, mas entre este e o Átrio das Mulheres havia uma barreira e nela umas tabuletas com a seguinte inscrição: "Nenhum homem de raça estrangeira pode entrar entre a balaustrada e o cerco que circunda o templo, e se alguém é surpreendido nesse ato, faça-se saber que ele é o único culpado da pena de morte que corresponde". Até os romanos tomavam isto tão a sério que permitiam aos judeus levar a cabo a pena de morte por este crime. Os judeus asiáticos, pois, acusaram a Paulo de destruir a Lei, insultar o povo escolhido e profanar o templo.

Iniciaram um movimento para linchá-lo. Na esquina noroeste do Templo estava a Torre de Antônia que foi edificada por Herodes o Grande. Nos grandes festivais quando a atmosfera era perigosa, era ocupada por uma coorte de mil soldados. Roma insistia numa coisa: a ordem civil. Um tumulto era um pecado imperdoável tanto para o povo que o levava a cabo como para o comandante que o permitia.

De modo que ao inteirar-se do que acontecia o comandante concorreu com suas tropas. Para salvar a Paulo tiveram que prendê-lo e encadeá-lo pelos braços a dois soldados. Na confusão, o comandante não pôde extrair uma acusação coerente nem inteligível da multidão, e Paulo teve que ser levado em padiola literalmente através do povo agitado, aos quartéis. Em nenhum outro momento Paulo esteve tão perto da morte como nesta e foi a justiça romana imparcial a que salvou sua vida.

ENFRENTANDO A MULTIDÃO ENFURECIDA

Atos 21:37-40

A Torre de Antônia se comunicava com os átrios exteriores do templo por meio de duas escadas nos lados Norte e Oeste. Enquanto os soldados estavam lutando para chegar ao refúgio de seu quartel, Paulo fez um surpreendente pedido: pediu ao capitão que lhe permitisse falar com a multidão. Sem dúvida alguma há muita coragem em sua atitude,

que mostra a Paulo exercendo sua conseqüente política de enfrentar a multidão.

O capitão se surpreendeu ao ouvir o culto acento grego desse homem que esteve a ponto de ser linchado. Cerca do ano 54 d. C. apareceu em Jerusalém um egípcio, conduzindo do Monte das Oliveiras uma banda de homens desesperados com a promessa de que faria os muros da cidade caírem diante deles. Os romanos agiram rápida e eficazmente com seus seguidores, mas ele mesmo tinha escapado, e o capitão pensou que Paulo fosse este egípcio revolucionário que retornava. Seus seguidores tinham sido "portadores de adagas". Eram nacionalistas violentos e assassinos deliberados. Escondiam suas adagas entre suas roupas e se misturavam entre a multidão matando a quem pudessem. Eram homens totalmente temerários. O capitão pensou que Paulo era um deles. Mas o apóstolo apresentou seus créditos e o capitão soube que podia tratar-se de qualquer outra coisa menos de um revolucionário; e portanto permitiu que Paulo falasse. Quando se voltou para fazê-lo, fez um gesto pedindo silêncio, e quase milagrosamente, a enfurecida multidão emudeceu. Em nenhum outro lugar do Novo Testamento se demonstra de tal maneira a força da personalidade de Paulo quem com um simples gesto dominou a multidão que tinha estado a ponto de linchá-lo. Nesse momento o próprio poder de Deus fluía através de Paulo.

Atos 22

A defesa da experiência - 22:1-10
Paulo continua com a história de sua vida - 22:11-21
Oposição inflamada - 22:22-30

A DEFESA DA EXPERIÊNCIA

Atos 22:1-10

Aqui Paulo se defende perante a multidão que está desejosa de obter seu sangue; e em sua defesa não discute, mas sim relata sua experiência pessoal, que é a única coisa que não se pode refutar sobre a Terra. Em realidade esta defesa de Paulo é em essência um paradoxo. Põe de relevo duas coisas.

(1) Em primeiro termo seu identidade com o povo a quem fala. Ele era judeu e nunca se esqueceu disso (ver 2 Cor. 11:22; Filipenses 3:4-5). Pertencia a Tarso, e esta não era uma cidade insignificante. Era um dos grandes portos do Mediterrâneo, localizado-se na desembocadura do rio Cidnus e ao mesmo tempo, era o terminal de uma rota que cruzava toda a Ásia Menor proveniente do longínquo Eufrates. Era uma das cidades universitárias maiores do mundo. O que é mais, era um rabino, educado aos pés de Gamaliel, quem tinha sido "a glória da Lei", e que tinha morrido só uns cinco anos atrás. Tornou-se um perseguidor devido a seu zelo pelos costumes ancestrais. Em todos estes assuntos, Paulo é um com o auditório ao qual se dirige.

(2) Mas igualmente — e ainda mais a próxima passagem — assinala a diferença entre Paulo e seus ouvintes. A diferença vital era que ele via Cristo como o Salvador de todos os homens e a Deus como o amante das almas de todos os homens. Seus ouvintes viam a Deus como o amante dos judeus e de nenhuma outra nação. Ele desejava espalhar os privilégios de Deus por todo mundo. Eles buscavam guardá-los para si mesmos, e consideravam o homem que fazia o contrário como um pecador e um blasfemo. E a diferença se devia ao fato de que Paulo se encontrou face a face com Cristo. A grande significação disto é que envolve o próprio significado da palavra *santo*, ou *sagrado*. A raiz destas duas palavras significa *separado*; mas esta separação não significava que a pessoa devia separar-se da vida. Queria dizer separação para consagração, para uma tarefa especial dentro da vida. Em um sentido

Paulo se identificava com os homens aos quais falava; em outro estava separado deles, porque apesar de que vivia entre eles Deus o havia separado para uma missão especial. O mesmo acontece com o cristão. Vive no mundo, mas Deus o separou e consagrou para uma tarefa especial. identifica-se com os homens que o rodeiam, ao mesmo tempo difere deles.

PAULO CONTINUA COM A HISTÓRIA DE SUA VIDA

Atos 22:11-21

Mais uma vez, para começar, Paulo dá ênfase à sua identidade com seu auditório. Quando chegou a Damasco, o homem que o instruiu foi Ananias, devoto da Lei, a quem os judeus conheciam e consideravam um homem bom. Ainda Paulo está dando ênfase ao fato de que não é um renegado; não tinha vindo para destruir a fé ancestral, mas para completá-la. Aqui nos encontramos com uma das narrações "pregadas" de Lucas. Devemos ler junto com esta passagem Atos 9 e Gálatas 1 e descobriremos que em realidade Paulo foi a Jerusalém três anos depois, logo depois de seu visita a Arábia e seus anos de testemunho em Damasco. Previamente, em Atos 9, nos foi dito que deixou Jerusalém pelo fato de que a sua vida perigava por culpa dos judeus enfurecidos; aqui nos conta que a deixou por causa de uma visão.

Em realidade não se trata de uma contradição; é a mesma história relatada de dois pontos de vista diferentes. Tudo o que Paulo assinala é que ele não queria deixar aos judeus. Quando Deus lhe disse que o fizesse, ele discutiu. Disse que seus antecedentes fariam que sua transformação fosse ainda mais impressionante; mas Deus disse: "Não; os judeus nunca te escutarão; deves te dirigir aos gentios" (Barcelona). Aqui nos encontramos com algo para pensar; como seu Mestre, Paulo veio aos seus e não o receberam (João 1:11). Paulo está dizendo literalmente: "Tinha um presente sem preço para vós, mas não o aceitaram; portanto o ofereci aos gentios" Não era ele quem os odiava e

tentava destruí-los, mas sim eram eles os que o haviam odiado e rechaçado.

O versículo 14 é um resumo não só da vida de Paulo, mas também da vida cristã.

Há três pontos nele.

(1) *Conhecer a vontade de Deus*. O primeiro desejo do cristão deve ser conhecer a vontade de Deus e obedecê-la.

(2) Ver *o Justo*. O desejo da vida cristã é caminhar diariamente na presença do Cristo ressuscitado. O cristão está sempre dizendo: "Senhor, desejo ver a Jesus"

(3) *Ouvir a voz de sua boca*. Conta-se de um grande pregador que ao falar fazia de vez em quanto uma pausa, como se estivesse ouvindo uma voz. O cristão está sempre buscando ouvir a voz de Deus acima de todas as vozes do mundo, para que lhe indique aonde ir e o que fazer.

OPOSIÇÃO INFLAMADA

Atos 22:22-30

A menção da palavra *gentios* enfureceu novamente a multidão. Os judeus não se opunham à pregação dos gentios; o que objetavam era que lhes oferecessem privilégios antes de serem circuncidados e de aceitarem a Lei. Se Paulo tivesse pregado o jugo do judaísmo aos gentios, tudo andaria bem; estavam enfurecidos porque lhes tinha pregado a respeito da graça do cristianismo. Optaram pela forma comum de mostrar seu desacordo. Como era costume no Oriente, gritaram, sacudiram suas roupas e arrojaram pó ao ar.

O comandante não entendia o aramaico e não sabia o que Paulo disse; mas sim entendia uma coisa — não devia permitir que houvesse um tumulto e devia conter imediatamente a qualquer pessoa que queria causá-lo; de modo que decidiu que se devia açoitar a Paulo. Não se tratava de um castigo, mas sim era simplesmente a forma mais efetiva de obter a verdade ou uma confissão.

O açoite era um látego de couro que tinha cada espaço pedaços afiados de osso e de chumbo. Muito poucos agüentavam ilesos sua ação e muitos morriam sob ele. Para suportar o castigo se atava o prisioneiro com correias a um poste com suas costas vergadas e à vista. Então Paulo falou. Isso podiam fazer a estrangeiros, mas não a um cidadão romano. Cicerón havia dito: "É um delito atar um cidadão romano; é um crime açoitá-lo; matá-lo é quase tão mau como assassinar a um pai".

De modo que Paulo disse que era cidadão romano. O comandante estava francamente aterrorizado. Não só se tratava de um cidadão; tinha nascido livre, enquanto que o comandante tinha tido que comprar sua liberdade. O comandante sabia que esteve a ponto de fazer algo que teria envolto sem dúvida alguma sua demissão e não era improvável que fosse executado por isso. De modo que soltou a Paulo e decidiu a apresentá-lo ao Sinédrio para que este chegasse ao fundo da questão.

Havia momentos em que Paulo estava pronto a mostrar sua dignidade; mas não o fazia para salvar-se a si mesmo. Sabia que ainda não tinha terminado sua missão; sabia que não devia buscar o martírio desnecessariamente nem desperdiçar sua vida insensatamente. Um dia morreria contente por Cristo, mas era muito sábio para esbanjar sua vida.

Atos 23

A estratégia de Paulo - 23:1-10
Descobre-se uma conspiração - 23:11-24
A carta do capitão - 23:25-35

A ESTRATÉGIA DE PAULO

Atos 23:1-10

Na conduta de Paulo perante o Sinédrio encontramos certa audácia temerária; agiu como um homem que estava queimando todas as suas possibilidades e sabia. Até o começo foi um desafio. *Irmãos*, diz, e com esta palavra fica em pé de igualdade com o tribunal; porque a maneira

formal de dirigir-se ao Sinédrio era a seguinte: "Príncipes do povo e anciãos de Israel".

Quando o sumo sacerdote ordenou golpear a Paulo ele mesmo estava transgredindo a Lei. Esta dizia: "Aquele que bate num israelita na bochecha, está golpeando a glória de Deus". "Aquele que bate num homem está batendo no Santo". De modo que Paulo reage chamando-o parede branqueada. Se um israelita tocasse um cadáver incorria em impureza cerimoniosa; portanto era costume branquear as tumbas para que ninguém as tocasse por equívoco.

De modo que Paulo em efeito está chamando o sumo sacerdote tumba branqueada. Em realidade se considerava um crime insultar a um dos príncipes do povo (Êxodo 22:28). Paulo sabia perfeitamente bem que Ananias era o sumo sacerdote. Mas este Ananias era um personagem notório. Era-o por ser glutão, estelionatário, ladrão, voraz e traidor a serviço dos romanos. Em realidade a resposta de Paulo foi a seguinte: "Esse homem que se senta ali, jamais imaginei que tal homem podia ser o sumo sacerdote de Israel".

E depois Paulo disse algo que sabia que causaria uma comoção no Sinédrio. Neste tribunal havia fariseus e saduceus. Estes tinham crenças opostas. Os fariseus criam nas minúcias da Lei oral; os saduceus só aceitavam a Lei escrita. Os fariseus criam no destino e na predestinação; os saduceus no livre-arbítrio. Os fariseus criam em anjos e espíritos; os saduceus não. E acima de tudo, os fariseus criam na ressurreição dos mortos; e os saduceus não. De modo que Paulo sustenta ser um fariseu e que é julgado por sua esperança da ressurreição dos mortos. O resultado foi que o Sinédrio se dividiu; e durante a violenta e destruidora discussão que prosseguiu, Paulo quase perde a vida. Para salvá-lo o comandante teve que levá-lo novamente aos quartéis. Se Paulo tiver que desaparecer, ele o fará lutando até o fim.

DESCOBRE-SE UMA CONSPIRAÇÃO

Atos 23:11-24

Aqui vemos duas coisas. Primeiro, observamos até onde podiam chegar os judeus para eliminar a Paulo. Sob certas circunstâncias os judeus consideravam justificável o assassinato. Se um homem se convertia em um perigo público para a moral e a vida, consideravam que era legítimo eliminá-lo como pudessem. De modo que quarenta homens fizeram uma promessa. Seu voto se chamava *querem*. Quando um homem se comprometia a ele dizia: "Que Deus me amaldiçoe se fracasso nisto". Estes homens prometeram não comer nem beber e ficar sob a maldição de Deus até assassinarem a Paulo. Mas felizmente este plano foi descoberto graças à ação do sobrinho de Paulo.

Segundo, vemos até onde está disposto a chegar o governo romano para administrar uma justiça imparcial. Paulo era um prisioneiro; era um homem acusado de determinada coisa; mas era um cidadão romano e portanto o comandante mobilizou um pequeno exército para que levassem a Paulo a salvo a Cesaréia, onde seria julgado por Félix. É estranho observar como o ódio histérico e fanático dos judeus — os escolhidos de Deus — contrasta com a justiça fria e imparcial do comandante romano e pagão aos olhos dos judeus.

A CARTA DO CAPITÃO

Atos 23:25-35

A sede do governo romano não estava em Jerusalém a não ser em Cesaréia. O Pretório era a residência do governador; e o pretório de Cesaréia era um palácio construído por Herodes, o Grande. De modo que Cláudio Lísias escreveu esta carta, mais uma vez absolutamente justo e completamente imparcial, e partiu a comitiva. De Jerusalém a Cesaréia havia mais de noventa quilômetros; Antipátride estava a uns trinta e oito quilômetros de Cesaréia. Até Antipátride a região era muito perigosa e

estava habitada por judeus; mais adiante a região era aberta e plaina, muito pouco apropriada para emboscadas e estava habitada em grande parte por gentios. De modo que em Antipátride o corpo principal das tropas retornou e só ficou a cavalaria como escolta suficiente.

O nome do governador romano perante o qual Paulo devia apresentar-se era Félix, e esse nome se converteu em um apelido. Por cinco anos governou a Judéia e dois anos antes foi destinado a Samaria; faltavam ainda dois anos para deixar o seu posto. Nasceu escravo. Seu irmão, Palas, era favorito de Nero. Por seu influência, Félix veio a ser em primeiro lugar liberto, e depois governador. Era o primeiro escravo na história que tinha chegado a ser governador de uma província romana.

Tácito, o historiador romano, disse a respeito dele: "Exercia os privilégios de um rei com o espírito de um escravo". Casou-se com três princesas sucessivamente. Não se conhece o nome da primeira; a segunda era neta do Antônio e Cleópatra; a terceira era Drusila, a filha de Herodes Agripa I. Era completamente inescrupuloso e capaz de alugar valentões para assassinar a seus partidários mais próximos. Esta era a pessoa que Paulo teria que enfrentar em Cesaréia.

Atos 24

Um discurso adulador e uma acusação falsa - 24:1-9
A defesa de Pablo - 24:10-21
Falando francamente a um governador culpado - 24:22-27

UM DISCURSO ADULADOR E UMA ACUSAÇÃO FALSA

Atos 24:1-9

Tértulo começou seu discurso com uma passagem lisonjeira e repugnante; tanto ele como Félix sabiam que cada uma de suas palavras era uma mentira. E continuou afirmando coisas que eram igualmente falsas. Disse que os judeus tinham detido a Paulo. A cena no átrio do templo tinha estado mais perto de um linchamento que de uma detenção.

A acusação que lançou contra Paulo era sutilmente incorreta. Divide-se em três partes.

(1) Paulo era um promotor de problemas e era uma peste. Isto o situava entre aqueles insurretos que continuamente inflamavam o povo em rebeliões irregulares. Tértulo sabia muito bem que a única coisa que a tolerante Roma não estava disposta a suportar era a desordem civil. Um império tão vasto não podia permiti-lo, porque qualquer faísca podia converter-se em uma labareda.

(2) Paulo era um líder da seita dos nazarenos. Isto localizava a Paulo dentro dos movimentos messiânicos; e os romanos sabiam que estes falsos messias podiam causar desastres e envolver as pessoas em levantamentos histéricos que só se dominavam com sangue. Roma tampouco podia deixar de levar em conta uma acusação como esta, e mais uma vez Tértulo sabia que estava mentindo; mas se tratava de uma acusação eficaz.

(3) Paulo tinha profanado o templo. Os sacerdotes eram saduceus; estes conformavam o partido colaboracionista; profanar o templo era violar os direitos e as leis dos sacerdotes; e os romanos, assim o esperava Tértulo, ficariam do lado do partido que os apoiava. A acusação era muito perigosa; tratava-se de uma série de meias verdades e de atos tergiversados que em si eram piores que uma mentira.

A DEFESA DE PAULO

Atos 24:10-21

Ao começar com a passagem: “e foi nesta prática que alguns judeus da Ásia...” (v. 18), Paulo perde o fio de seu discurso. Começa a relatar uma coisa, e de repente muda de tema e a sentença está bastante desconectada. Mas justamente este detalhe nos mostra quão grande era a agitação e tensão da cena. A defesa de Paulo é a de um homem que tem a consciência clara: simplesmente relata os atos. O trágico foi que foi preso quando estava trazendo as contribuições das Igrejas para os pobres

de Jerusalém e quando estava observando meticulosamente a Lei judia. Uma das grandes coisas que podemos notar a respeito de Paulo é que se defende com força, com vigor e às vezes com um brilho de indignação, mas nunca vemos surgir nele a autocompaixão nem a amargura, que teriam sido muito naturais em qualquer homem cujas melhores ações fossem tão cruel e deliberadamente mal interpretadas e tergiversadas.

FALANDO FRANCAMENTE A UM GOVERNADOR CULPADO

Atos 24:22-27

Félix foi amável com Paulo, mas este com sua conversação e admoestações aterrorizaram seu coração. Acompanhava-o sua esposa Drusila. Já vimos que Drusila era filha de Herodes Agripa I. Foi casada com Azizus, Rei de Emesa. Mas Félix com a ajuda de um mago chamado Átomos a tinha seduzido e persuadido para que se unisse a ele. Não deve nos surpreender, pois, que tivesse medo quando Paulo lhe falava das elevadas exigências morais de Deus. Paulo, esteve encarcerado por dois anos, e Félix não soube administrar o poder como era devido e foi chamado por Roma.

Existia uma antiga discussão a respeito de se Cesaréia era uma cidade judia ou grega e judeus e gregos estavam em pé de guerra. Houve um estalo de violência no qual os judeus saíram vitoriosos. Félix enviou suas tropas para que ajudassem os gentios. Morreram milhares de judeus, e as tropas, com o consentimento e apoio de Félix, saquearam as casas dos judeus mais ricos da cidade. Os judeus fizeram o que todas as províncias romanas tinham direito a fazer: enviaram um relatório a respeito de seu governador a Roma. Por essa razão Félix deixou Paulo preso. Estava tentando ganhar o favor dos judeus. Mas em realidade não tinha sentido. Foi separado de sua acusação e só a influência de seu irmão Palas o salvou da execução. De modo que Félix passa à história com vergonha, e deixa as páginas do Novo Testamento com um último

ato de injustiça, devido a que deixou Paulo na prisão para congraçar-se com os judeus quando sabia bem que teria que tê-lo libertado.

Atos 25

“Apelo a César” - 25:1-12
Festo e Agripa - 25:13-21
Festo busca material para seu relatório - 25:22-27

“APELO A CÉSAR”

Atos 25:1-12

Festo era diferente de Félix; não sabemos muito a respeito dele, mas o que sabemos nos indica que se tratava de um homem justo e reto. Morreu quando apenas fazia dois anos que estava na acusação, mas o fez com seu nome limpo. Os judeus tentaram aproveitar-se dele; tentaram persuadi-lo para que enviasse Paulo a Jerusalém; mais uma vez tinham planejado assassiná-lo no caminho. Mas Festo era romano, com instinto de justiça; disse que eles viessem a Cesaréia e advogassem ali o seu caso. Da resposta de Paulo podemos deduzir as acusações irresponsáveis e maliciosas que se levantaram contra ele. Acusaram-no de heresia, de sacrilégio e de rebelião. De seu ponto de vista a primeira acusação era certa, mas para a lei romana carecia de peso; mas as duas seguintes eram mentiras deliberadas e calculadas.

Festo não desejava confrontar os judeus durante os primeiros dias de seu governo e portanto propôs um acordo. Perguntou se Paulo estava disposto a ir a Jerusalém e ser julgado enquanto ele vigiava se era feita justiça. Mas Paulo sabia que para ele não haveria justiça em Jerusalém e portanto tomou esta grande decisão. Se um cidadão romano sabia que não o estavam tratando com justiça em um tribunal provincial, podia apelar diretamente ao imperador. Só se fosse o caso de um assassino, um pirata ou um bandido pego em flagrante, não podia apelar. Em todos os outros casos tinha que abandonar o procedimento local e o apelante tinha

que ser enviado a Roma para que o imperador decidisse pessoalmente a respeito dele.

De modo que Paulo pronunciou as palavras fatais: "Apelo a César". Festo não pôde intervir; a apelação era válida; e assim foi como Paulo, em circunstâncias muito distintas às que tinha sonhado, deu o primeiro passo sobre o caminho que levava a Roma.

FESTO E AGRIPA

Atos 25:13-21

Agripa ainda reinava sobre uma pequena parte da Palestina, que incluía Galiléia e Peréia; mas sabia muito bem que governava sobre esse limitado reino graças aos romanos. Eles o tinham posto ali e da mesma maneira podiam tirá-lo da acusação. Portanto tinha como costume fazer uma visita de cortesia ao governador romano quando entrava em sua província. Berenice era a irmã de Drusila, que era esposa de Félix, e era ao tempo irmã do próprio Agripa. Festo sabia que Agripa tinha um conhecimento íntimo da fé, da crença e das práticas judias e portanto era muito natural que propor discutir com ele o caso de Paulo. Apresentou-se um relatório caracteristicamente imparcial da situação tal qual como se apresentava no momento; e dessa maneira se preparou a cena para que Paulo advogasse por seu caso e desse testemunho diante do rei. Jesus havia dito: “Por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis” (Mateus 10:18). A dura profecia se converteu em realidade; mas a promessa de ajuda (Mateus 10:19) também se cumpria em abundância.

FESTO BUSCA MATERIAL PARA SEU RELATÓRIO

Atos 25:22-27

Festo se encontrava em dificuldades. A lei romana estabelecia que se alguém apelava ao César e o enviava a Roma, devia fazer-lhe com um relatório escrito do caso e das acusações contra ele; e o problema do

Festo era que, segundo ele o considerava, não existia nenhuma acusação. Esta reunião se conveio para encontrar alguma. trata-se de uma das cenas mais dramáticas de todo o Novo Testamento. Agripa e Berenice tinham chegado com grande pompa. Certamente estavam revestidos com os mantos reais de púrpura e levavam sobre suas cabeças as coroas de ouro. Sem dúvida alguma, para a ocasião Festo teria vestido a túnica escarlate que todo governador luzia em ocasiões desse tipo. O séquito da Agripa deveu ter estado próximo, como assim também as figuras judias de mais influencia. Perto do Festo estariam os capitães que comandavam as cinco coortes apostadas em Cesaréia; e no fundo devia haver uma sólida falange de legionários romanos de grande estatura, como guarda cerimonioso.

Paulo entrou em uma cena como esta, o pequeno fabricante de lojas judeu com as mãos encadeadas; e entretanto, desde a primeira palavra que pronunciou, dominou a cena. Alguns homens têm o dom do poder.

Julián Duguid nos conta que uma vez cruzo o Atlântico no mesmo barco que Sir Wilfred Grenfell. Não tinha uma figura que chamasse a atenção; mas Duguid nos relata que quando Grenfell entrava em um dos salões do barco se podia dizer que estava presente, sem necessidade de voltar-se devido à onda de poder que emanava dele.

Quando um homem tem a Cristo em seu coração e a Deus à mão direita, tem o segredo do poder. A quem temerá, então?

Atos 26

A defesa de um homem que mudou - 26:1-11
Rendição para o serviço - 26:12-18
Aceita-se uma missão - 26:19-23
Um rei impressionado - 26:24-32

A DEFESA DE UM HOMEM QUE MUDOU

Atos 26:1-11

Uma das coisas extraordinárias a respeito dos grandes personagens do Novo Testamento é que nunca tiveram medo de confessar o que tinham sido. Aqui, na presença de um rei, Paulo confessou franca e livremente dizendo que houve um momento em que tentou eliminar o nome de Cristo e destruir a existência de seus seguidores.

Havia um famoso pregador e evangelista chamado Brownlow North. Ele também era um homem transformado, que tinha vivido antes uma vida que não era nada cristã. Uma vez, justo antes de subir ao púlpito para pregar em uma Igreja em Aberdeen, recebeu uma carta. Esta lhe dizia que seu remetente tinha evidências de um fato degradante que North tinha cometido antes de converter-se ao cristianismo; e continuava dizendo que o autor se propunha interromper o serviço e contar o pecado a toda a congregação se North pregava. O pastor levou a carta ao púlpito; leu-a à congregação; relatou-lhes o que uma vez tinha feito; e depois lhes disse que a acusação era totalmente verdadeira, mas que Cristo o tinha mudado e que também podia fazer o mesmo com eles. Usou a evidência de sua vergonha para a glória de Cristo.

Denney estava acostumado a dizer que a grande tarefa do cristianismo era, em última análise levar os homens maus a mudarem. Os grandes cristãos nunca tiveram medo de destacar-se como exemplos vivos do poder de Cristo. O evangelho para eles não era meras palavras; não se tratava de uma crença intelectual; era um poder que levava a salvação. É certo que um homem nunca pode mudar por si mesmo; mas também é gloriosamente certo que o que ele não pode fazer, Cristo pode fazer por ele.

Notamos que Paulo nesta passagem insiste em que o centro de toda sua mensagem era a ressurreição. Sua narração e seu testemunho não se referiam a alguém que tinha morrido, mas de Alguém que estava

gloriosamente presente e vivo para sempre. Para Paulo cada dia na vida era o dia de ressurreição.

RENDIÇÃO PARA O SERVIÇO

Atos 26:12-18

Esta passagem é de grande juro.

(1) A palavra grega *aposto-os* significa literalmente *um que é enviado*. Por exemplo, um embaixador que ia a outro país era um *apostolos* ou *apóstolo*. O interessante é que um emissário do Sinédrio era conhecido tecnicamente como um *apostolos* do Sinédrio. De modo que vemos que Paulo começou sua viagem como apóstolo do Sinédrio dos judeus e terminou como apóstolo de Cristo.

(2) Inteiramo-nos através disto que Paulo viajava ao meio-dia. Isto não se fazia a não ser que existisse uma urgência tremenda, pois descansava durante o calor do meio-dia. Vemos, pois, como essa sede de perseguição o arrastava. Sem dúvida nenhuma estava tentando aplacar mediante a ação violenta as dúvidas que existiam em seu coração.

(3) O Cristo ressuscitado diz a Paulo que lhe era difícil recalcitrar contra o aguilhão. Quando se prendia um boi jovem, este se rebelava e tentava sair do jugo. Se fosse preso a um arado, o lavrador levava em sua mão um longo cajado com uma ponta aguçada que mantinha perto das patas do boi, de modo que cada vez que chutasse só chocava contra o aguilhão. Se fosse preso a uma carreta, na parte anterior da mesma havia uma barra com pontas de madeira de modo que se chutava só se machucava a si mesmo. O boi jovem tinha que aprender a submeter-se ao jugo pela força; o mesmo acontecia com Paulo. Mas mais adiante os versículos 17 e 18 nos dão um resumo perfeito do que Cristo faz pelos homens.

(a) *Abre-lhes os olhos*. Quando Cristo entra na vida de um homem Ele lhe permite ver coisas que nunca viu antes. Os olhos que estavam voltados à terra de repente vêem a glória do céu. Os olhos que estavam fixos no eu, de repente olham com amor a outros.

(b) *Leva-os da escuridão à luz.* Antes de seu encontro com Cristo é como se toda a vida do homem estivesse mal orientada. Porque dava suas costas à luz, caminhava nas trevas; mas agora se encontra caminhando rumo à luz e vê seu caminho com clareza.

(c) *Transfere-o do poder de Satanás ao poder de Deus*. Enquanto num tempo estava escravizado pelo mal, agora é filho de Deus com todo o seu poder triunfante que pode deixar de viver como escravo do pecado e fazê-lo em bondade vitoriosa.

(d) *Outorga-lhe perdão dos pecados e lhe permite conviver com os santos*. Quanto ao passado, desapareceu a penalidade do pecado; quanto ao futuro, recria-se e purifica a vida. É libertado do medo tanto do passado como do futuro.

ACEITA-SE UMA MISSÃO

Atos 26:19-23

Temos aqui um vívido resumo da substância da mensagem que Paulo pregava.

(1) Chamava os homens ao *arrependimento*. Esta palavra grega significa literalmente *mudar a forma de pensar*. Significa advertir que o tipo de vida que levamos está equivocada e começar a vida com um conjunto completamente novo de valores e princípios. Significa advertir que devemos mudar nossas vidas. Para chegar a isto, necessitamos duas coisas. Primeiro, *tristeza.* Significa estar profundamente entristecidos no fundo de nossos corações pelo que fomos, e por ter feito o que fizemos. Segundo, significa uma nova *resolução,* estar dispostos a ser transformados pela graça de Deus. Devemos romper com o passado e nos dedicar a Deus.

(2) Chamou os homens a se *voltarem a Deus.* Muitas vezes damos as costas a Deus. Pode ser que o façamos em inconsciente negligência; pode ser porque nos afastamos deliberadamente às longínquas terras da alma. Mas, seja como for, significa que devemos enfrentar a Deus de tal

maneira que o Deus a quem esquecemos ou que apagamos de nossas vidas se converta nAquele que encha todo nosso horizonte e domine todo nosso ser. O Deus que não significava nada para nós se converte assim nAquele que é tudo.

(3) Chamou os homens a *fizerem coisas de acordo com seu arrependimento*. A prova do arrependimento de alguém é ter-se voltado para Deus, é certo estilo de vida. Mas notemos isto: estes atos, estas novas virtudes, não devem ser a reação de alguém cuja vida está governada por uma nova série de *leis* que deve observar e das que deve responder perante um juiz; isso seria simplesmente um novo legalismo; são o resultado de um novo *amor*. Provêm do fato de que quando a pessoa toma consciência do amor de Deus em Jesus Cristo deve dizer: "Não posso continuar assim; devo pôr toda minha vida em um grande esforço para merecer esse amor." Agora sabe que se pecar não está transgredindo a lei divina: está destroçando o coração de Deus.

UM REI IMPRESSIONADO

Atos 26:24-32

O interessante nesta passagem não é tanto o que se diz nele como a atmosfera que o leitor pode sentir nos bastidores. Paulo era um prisioneiro. Nesse mesmo momento estava preso em cadeias, como ele mesmo o assinala. E entretanto, o clima da cena indica que ele é a figura dominante. Festo não se dirige a ele como a um criminoso. Sem dúvida alguma conhecia a história de Paulo como rabino; sem dúvida tinha visto a cela de Paulo repleta dos rolos e pergaminhos que eram os primeiros livros cristãos. Para ele Paulo não é um criminoso; no pior dos casos se trata de um homem cuja mente se desviou por estudar muito.

Quanto a Agripa, ao Paulo lhe falar pareceria ser ele o tribunal. E o resultado de tudo isto é que um assombrado grupo de pessoas não pode encontrar razão para que Paulo seja julgado em Roma nem em qualquer outro lugar. Tudo este incidente é um exemplo destacado do poder da

personalidade. Este homem, Paulo, tem dentro de si um poder que o eleva acima de todos os que o rodeiam. A palavra grega que se utiliza para referir-se ao poder de Deus é *dynamis*. Dela deriva a palavra *dinamite*. O homem que tem a Cristo em seu coração e ao Senhor Ressuscitado a seu lado não deve temer a ninguém. A dignidade de Deus habita nele, e ao lado dela as dignidades humanas são pálidas e sem vida.

Atos 27

Começa a última viagem - 27:1-8
Perigo no mar - 27:9-20
“Tende bom ânimo” - 27:21-26
Esperando o dia - 27:27-38
Salvos da morte - 27:39-44

COMEÇA A ÚLTIMA VIAGEM

Atos 27:1-8

Agora Paulo se embarcou em sua última viagem.

Há duas coisas que devem ter alegrado seu coração. Uma foi a bondade de um estranho, já que durante toda a viagem Júlio, o centurião romano, tratou a Paulo com uma amabilidade e uma consideração que não eram mera cortesia. Diz-se que pertencia à coorte de Augusto. Pode ser que se tratou de um regimento especial que agia como enlace entre o imperador e as províncias. Bem pode ter sido que quando Paulo e Júlio se enfrentaram se reconhecessem como homens valentes.

Em segundo lugar, vem a devoção de Aristarco. Sugeriu-se que havia só uma forma em que Aristarco pôde acompanhar a Paulo nesta última viagem e teria sido inscrevendo-se como escravo do apóstolo. É bem provável que preferisse ser seu escravo a separar-se dele, e a lealdade não pode ir mais longe.

A viagem começou seguindo a costa até Sidom. O próximo porto que deviam tocar era Mira, mas as coisas eram difíceis. O vento que

prevalecia nessa época do ano era o vento oeste e só se podia chegar a Mira passando por debaixo de Chipre e remontando a costa em uma rota ziguezagueante. Em Mira encontraram um barco de Alexandria com destino a Roma. Possivelmente levasse um carregamento de cereais, pois o Egito era o celeiro da Itália. Se olharmos o mapa, veremos a longa volta que tinha que fazer, pois esses fortes ventos do oeste impossibilitavam a viagem direta. Para zarpar diretamente a Itália poderia ter cruzado o Mar Egeu, mas os ventos não o permitiam, e depois de vários dias de lutar contra eles se escorreu a vento de Creta, e chegou a um pequeno porto chamado Bons Portos.

PERIGO NO MAR

Atos 27:9-20

É bem provável que Paulo fosse o viajante mais experiente no barco. O jejum que se menciona é o dia judeu da Expiação, e esse ano se celebrou na primeira quinzena de outubro. De acordo com as práticas de navegação da época, considerava-se que era muito duvidoso zarpar depois de setembro e virtualmente impossível fazê-lo em novembro. Deve-se recordar sempre que os barcos antigos não tinham nem sextante nem bússola, e em dias nublados e escuros não tinham maneira de achar seu caminho. Paulo aconselhou que hibernassem em Bons Portos. Como vimos, a nave levava uma carga de cereais. O patrão seria o empreiteiro que estava encarregado de levar o carregamento a Roma. O centurião, sendo o oficial principal a bordo, tinha a última palavra.

É significativo que Paulo, que era um prisioneiro, tivesse a oportunidade de dar sua opinião quando consultado sobre o problema. Mas Bons Portos não tinha um bom cais nem havia perto nenhuma cidade na qual a tripulação do barco pudesse hibernar; de modo que o centurião rechaçou o conselho de Paulo e ouviu o patrão e o empreiteiro do barco que desejavam navegar até Fenice que tinha um porto muito mais cômodo e era uma cidade maior.

Um inesperado vento sul fez que os planos parecessem fáceis; e de improviso foram golpeou pelo terrível vento do nordeste. Era um temporal, e o perigo consistia em que se não podiam dominar a nave, seriam levados inevitavelmente às areias de Sirte nas longínquas costas da África do Norte, que eram a tumba de muitos barcos.

Nestes momentos já tinham podido subir a bordo o bote que levavam a reboque, para que não se enchesse de água nem se fizesse pedaços golpeando contra o barco. Começaram a jogar pela amurada toda a equipe desnecessária, para aliviar o barco. Não podendo guiar-se pelas estrelas e sem Sol para os iluminar, não sabiam onde estavam e o terror de ir dar a Sirte dominava de tal forma que abandonaram toda esperança.

"TENDE BOM ÂNIMO"

Atos 27:21-26

O barco perigava em forma desesperador. Esses barcos de cereais não eram pequenos. Podiam ter como quarenta e cinco metros de comprimento por doze de largura e onze de bordado. Mas em uma tempestade tinham grandes desvantagens. Tinham igual forma na proa que na popa; só que a popa se levantava como o pescoço de um ganso. Não tinham leme como os barcos modernos, mas sim se guiavam por meio de dois grandes remos curtos que saíam dos lados da popa. De modo que era muito difícil dominá-los. Além disso, tinham só um mastro, e nele se içava uma vela quadrada, que às vezes era de linho e outras de couros unidos.

Com semelhante vela não podiam aventurar-se em vento forte. E o pior era que, o mastro único e a grande vela faziam tanta força sobre a armação do barco durante a tormenta, que muitas vezes a desarmavam e o barco naufragava. Para evitar isto amarraram o barco. Isto quer dizer que passaram cabos por debaixo do barco e os ajustaram ao redor do mesmo com ganchos de maneira que literalmente mantinham o barco unido como se fosse um pacote atado. Podemos ver facilmente o perigo

que corriam. E de repente aconteceu algo surpreendente, porque está claro que Paulo tomou o comando. O prisioneiro se converteu em capitão, devido a que era o único homem que ainda tinha coragem.

Conta-se que uma vez em um de suas viagens a tripulação do barco do Sir Humphrey Gilbert estava aterrorizada; sentiam que estavam navegando fora do mundo na névoa e as tormentas de mares desconhecidos. Aproximaram-se e lhe pediram que voltasse. Ele se negou a fazê-lo: "Estou tão perto de Deus no mar", disse, "como o estive na terra." O homem de Deus é aquele cuja coragem se mantém firme quando o terror invade o coração de outros. É um condutor de homens porque ele próprio é guiado por Deus.

ESPERANDO O DIA

Atos 27:27-38

Neste momento já tinham perdido todo domínio da nave. Deixavam-se levar atravessando o Adriático à deriva: e como não havia estrelas nem Sol não sabiam onde estavam. Na escuridão ouviam o romper das ondas em alguma costa distante; jogaram âncoras da popa para diminuir a velocidade do barco que podia se fazê-los chocar contra rochas que não se podiam ver. Foi então quando Paulo tomou o mando. Os marinheiros planejavam escapar no bote, que teria sido inútil para duzentas e setenta e seis pessoas; mas Paulo frustrou o plano. A tripulação teria que afundar-se ou nadar com todos.

Logo segue um episódio muito humano e sugestivo. Paulo insistiu em que deviam comer. Paulo era um visionário e um homem de Deus; mas também era intensamente prático. Não tinha a menor duvida de que Deus faria seu parte, mas também sabia que os homens deviam fazer a sua. Nunca se poderá dizer de Paulo como se disse de alguns outros, que "tinham suas mentes tão postas no céu que não eram de utilidade na Terra". Sabia que os homens famintos não valem nada; de modo que reuniu a todos os viajantes e os fez comer.

Enquanto lemos o relato, uma estranha calma parece imperar em meio da tormenta. O homem de Deus de algum modo tinha feito com que outros se sentissem seguros de que Deus tinha tudo em suas mãos. As pessoas mais úteis do mundo são aquelas que sendo valentes ajudam a que outros também o sejam; e que, sendo tranqüilos, outorgam a outros o segredo da confiança. Paulo era assim; e todos os seguidores de Jesus devem ser resolvidos quando outros estão confundidos.

SALVOS DA MORTE

Atos 27:39-44

Mais uma vez ressalta o bom caráter deste centurião romano. Os soldados queriam matar os prisioneiros por medo de que escapassem: e é difícil acusá-los, devido a que a lei romana estabelecia que se um homem escapava, seu guardião devia sofrer a mesma sentença e a pena que teria sofrido o prisioneiro; mas o centurião interveio e salvou a vida de Paulo e dos outros prisioneiros. De modo que esta história tremenda chega a seu fim com uma oração que pareceria ser um suspiro de alívio. Salvaram-se todos os que viajavam no barco; e o fato é que deveram sua vida a Paulo. Uma coisa é evidente: se Paulo não tivesse sido o maior de todos os missionários, teria sido um dos homens de ação mais grandiosos que existiram, devido a que acima de todas as coisas era um homem no sentido mais completo desta palavra.

Atos 28

Bem-vindos a Malta - 28:1-6
Ajudando e curando - 28:7-10
Assim, pois, chegamos a Roma - 28:11-15
Judeus frios - 28:16-29
Abertamente e sem impedimento - 28:30-31

BEM-VINDOS A MALTA

Atos 28:1-6

Paulo e os que viajavam no barco foram lançados sobre a ilha de Malta. O grego chama *barbaroi* aos maltenhos; mas para os gregos os bárbaros eram pessoas que diziam *barbar*, o que significa, que falavam uma linguagem estrangeira incompreensível e não a flexível e bela língua grega. Estamos mais perto do significado quando os chamamos simplesmente *nativos*. Esta passagem lança luz sobre certos aspectos da personalidade de Paulo. Por um lado, encontramo-nos com o formoso e caseiro detalhe de que Paulo era um homem que não podia estar sem fazer nada; tinha que mostrar-se útil; era preciso acender uma fogueira e manter seu calor e ali estavam juntando ramos seca para ela.

Mais uma vez vemos que Paulo além de ser um visionário era um homem prático; e o que é mais, vemos que, apesar de ser um grande homem, não se envergonhava de ser útil também para as pequenas coisas.

Conta-se que Booker T. Washington em sua juventude caminhou centenas de quilômetros para chegar a uma das poucas universidades que aceitavam estudantes negros. Ao chegar ali foi-lhe dito que os cursos estavam completos. Ofereceram-lhe um trabalho para que arrumasse as camas e varresse os pisos. Não franziu seu nariz diante disso; aceitou; e realizou sua tarefa tão bem que em pouco tempo o tomaram como estudante e chegou a ser assim um dos maiores eruditos e administradores de seu povo.

Só o homem pequeno se nega a fazer o trabalho insignificante. O que é mais, vemos Paulo como um homem de temperamento dócil e calmo. Em um de seus molhos de ramos seca havia uma víbora; o calor a despertou e se aferrou à sua mão. É difícil dizer se foi um fato milagroso ou não. É certo que ao menos em nossos dias não existem víboras venenosas em Malta; e na época de Paulo havia uma espécie de víbora que parecia venenosa mas que não o era. O mais provável é que Paulo conseguisse escapar da víbora antes de que o mordesse. De

qualquer modo agiu como se o assunto não importasse; e os maltenhos creram que se tratava de um milagre. Evidentemente, Paulo era um homem que não fazia exibições!

AJUDANDO E CURANDO

Atos 28:7-10

Parece que em Malta o chefe da ilha era um funcionário; e Públio pode ter sido o principal representante romano dessa parte da ilha. Seu pai estava doente e Paulo teve a oportunidade de exercitar seu dom de curar e levar-lhe consolo.

Mas no versículo 9 se destaca uma possibilidade muito interessante. O versículo diz que o resto das pessoas que estavam doentes também *vinham e eram curados*. A palavra que se utiliza é a que se refere a *receber atenção médica;* e há estudiosos que pensam que isto pôde significar não só que se aproximavam de Paulo, mas também vinham a Lucas, o doutor, o médico amado, que lhes brindava sua habilidade. Se foi assim, esta é um das passagens mais interessantes do Novo Testamento; isso nos daria a conhecer a primeira cena que possuímos da tarefa de um *médico missionário;* e seria o primeiro relato de um tipo de cena que se veio repetindo em todo o mundo inumeráveis vezes depois. Há um fato que ressalta nesta passagem. Paulo exercia o dom de curar; e entretanto, teve que suportar sempre seu aguilhão na carne. Curava a outros e não podia curar-se a si mesmo. Como seu Mestre, em outro sentido, salvava a outros e não podia salvar-se a si mesmo.

Muitos homens outorgaram a outros dons que a eles, possuindo-os, lhes negava usá-los em si. Beethoven, por exemplo, deu ao mundo sua música imortal que ele próprio, devido a sua surdez, nunca pôde escutar.

Uma das maravilhas da graça é que esses homens não se amarguraram, mas sim se contentaram sendo canais desses dons que eles mesmos não podiam compartilhar.

ASSIM, POIS, CHEGAMOS A ROMA

Atos 28:11-15

Depois de três meses Paulo e seus companheiros de navegação conseguiram obter passagens para a Itália em outro barco cargueiro de cereais que tinha hibernado em Malta. Nesses dias os barcos levavam uma figura na proa. Dois dos deuses favoritos das pessoas de mar eram os Gêmeos Celestiais, Castor e Pólux; e este barco tinha as imagens esculpidas de ambos. Esta vez a viagem foi tão próspera como desastrosa tinha sido a primeira. Putéoli era o porto de Roma. O coração de Paulo deve ter-se estremecido ao achar-se na soleira da capital do mundo, a imortal Roma.

O que aconteceria a um pequeno fabricante de tendas judeu na maior cidade do mundo? Ao norte estava o porto do Miseno no qual ancorava a frota romana; e ao ver os barcos de guerra na distância Paulo deveu ter pensado no poder de Roma. Perto dali estavam as praias de Baiae, repletas de gente e com as velas coloridas dos barcos de passeio dos romanos ricos. Putéoli, com seus cais e depósitos e seus celeiros e seus barcos, foi chamada a "Liverpool do mundo antigo". O coração de Paulo se deve ter contraído ao pensar que tinha que enfrentar a Roma sozinho.

Mas aconteceu algo. O Foro de Apio está a uns setenta quilômetros de Roma e as Três Tabernas a uns cinqüenta. Estavam sobre a grande Via Ápia que unia Roma com a costa. Uma delegação de cristãos romanos saiu a recebê-lo. Isto é muito sugestivo: a palavra que se utiliza em grego para significar encontro é a mesma que se utiliza quando uma delegação de uma cidade sai a dar as boas-vindas a um general ou a um rei ou um conquistador. Deveriam receber a Paulo como a um dos grandes da Terra; e ele agradeceu a Deus e ganhou coragem.

O que foi que alentou tão especialmente o coração de Paulo? A resposta é bem clara com segurança: de repente se deu conta de que não estava sozinho. O cristão nunca está sozinho.

(1) Tem consciência de que existe uma nuvem imperceptível de testemunhas a seu redor e perto dele. Sabe que parte em uma grande procissão na qual todos os santos têm postos seus olhos, e pelo mesmo caminho que eles pisam.

(2) Tem consciência de pertencer a uma comunidade mundial. É um membro da Igreja de Cristo cujos limites são o mundo. Em qualquer lugar que vá haverá um círculo de pessoas com as quais se encontrará como em seu casa.

(3) Tem consciência de que Deus está em qualquer lugar ele vá. Os antigos cartógrafos estavam acostumados a escrever em seus mapas sobre as terras desconhecidas: "Aqui há dragões; aqui há areias ardentes e temíveis." O cristão pode escrever em cada lugar: "Aqui está Deus."

(4) Tem a segurança de que o Senhor ressuscitado está com ele. Tem a promessa: "Eis aqui eu estou convosco sempre"; e é a promessa de Alguém que nunca falha à sua palavra.

JUDEUS FRIOS

Atos 28:16-29

Há algo imensamente maravilhoso no fato de que até o fim de seus dias, em qualquer lugar que fosse, Paulo começava com os judeus. Durante algo mais de trinta anos tinham estado fazendo todo o possível para estorvá-lo, arruinar seu trabalho, e até matá-lo; e entretanto, sempre oferecia sua mensagem em primeiro lugar a eles. Existe algum outro exemplo de esperança e de amor como aquele que surge do ato de Paulo quando, também em Roma, pregou primeiro aos judeus? No final chega à conclusão implícita na citação de Isaías que utiliza. Considera que isto também é obra de Deus; esse rechaço de Jesus por parte dos judeus é precisamente o que abriu as portas aos gentios.

Há um propósito em tudo. Acima de todas as coisas está a mão do piloto invisível: Deus. Um fio duplo percorre todo Atos. Por um lado se manifesta a forma gloriosa em que os gentios aceitaram a Jesus; por

outro, está a tragédia da forma em que os judeus o rechaçaram; mas na estranha economia e na divina alquimia de Deus essa mesma tragédia foi a causa do triunfo. A porta que os judeus fecharam foi a mesma que se abriu aos gentios; e mesmo este não é o fim, porque em algum momento, ao chegar o fim dos tempos, haverá um rebanho e um pastor.

ABERTAMENTE E SEM IMPEDIMENTO

Atos 28:30-31

Até o final de seus dias Paulo é Paulo. A frase "em uma casa alugada" obscurece um ponto. O verdadeiro significado é que viveu custeando todos os seus gastos; sustentou-se com seu próprio trabalho. Até em sua prisão suas duas mãos cobriam suas necessidades; não representava uma carga para ninguém; viveu independentemente de todos os homens até o final. E não estava ocioso. Ali na prisão escreveu as Cartas aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses e Filemom. Nem tampouco esteve todo o tempo sozinho. Lucas e Aristarco tinham vindo com ele e Lucas permaneceu até o final (2 Timóteo 4:11). Timóteo ia vê-lo muito seguido (Filipenses 1:1; Colossenses 1:1; Filemom 1).

Por um tempo desfrutou da companhia de Epafrodito (Filip. 4:18). Às vezes Tíquico o visitava (Efésios 6:21). E outras, Marcos o acompanhava (Colossenses 4:10). Nem tampouco desperdiçou o tempo. Diz aos Filipenses que tudo isto contribuiu para o progresso do evangelho (Filipenses 1:12). E isto era assim especialmente porque, como teria que traduzir-se, suas prisões eram conhecidas por toda o guarda pretoriana (Filipenses 1:13).

Estava em sua própria casa alugada, mas dia e noite havia um soldado com ele (Atos 28:16). Estes soldados pertencentes ao quartel geral eram membros do corpo escolhido do imperador, a guarda pretoriana. Em dois anos muitos deles devem ter passado longos dias e noites com Paulo. E Paulo nunca teria desperdiçado semelhante

oportunidade. Deve ter conversado com os soldados dia e noite, e muitos deles devem ter deixado sua guarda com Cristo em seus corações.

De modo que o livro dos Atos chega ao final com um grito de triunfo. Em grego as palavras abertamente e sem impedimento são uma e ressoam como um grito de vitória. É o ponto culminante da história de Lucas. Perguntamo-nos por que razão nunca nos foi relatado o que foi que aconteceu com Paulo, se foi executado ou posto em liberdade. A razão é que esse não era o propósito de Lucas. No início deu-nos um plano de Atos quando nos relata que Jesus encomendou a todos os seus homens para que pregassem em Jerusalém, em Judéia, em Samaria e nos limites da Terra (Atos 1:8).

A história terminou; começou em Jerusalém quase trinta anos atrás e finalizou em Roma. É nada menos que um milagre de Deus. A Igreja que no início de Atos podia ser facilmente dividida em dezenas, agora não podia ser numerada em centenas de milhares. A história do Crucificado de Nazaré tinha percorrido todo mundo em seu curso de conquista e agora abertamente e sem impedimento estava sendo pregada em Roma, a capital do mundo. O evangelho alcançou o centro do mundo e pode ser proclamado livremente, e a tarefa de Lucas terminou.